

Aurora

revista de arte, mídia e política

ISSN 1982-6672 - São Paulo, v.16, n.48, set-dez.23

Dossiê Inteligência Artificial: questões éticas e estéticas - parte 2



ATENÇÃO

ESTA ARTE PODE
NÃO TER SIDO FEITA
POR HUMANOS.

Conselho Editorial

Aécio da Silva Amaral Jr., UFPB, Brasil
Ana Amélia da Silva, PUC-SP, Brasil
Ariel Jerez Navarra, Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Bruno Carriço dos Reis, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Celso Fernando Favaretto, USP, Brasil
Claire Blencowe, University of Warwick, Reino Unido
Fernando Antonio de Azevedo, UFSCAR, Brasil
Gabriel Cohn, USP, Brasil
Jean Burgess, Queensland University of Technology, Austrália
José Luis Dader García, Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Laurindo Lalo Leal, USP, Brasil
Maria do Socorro Braga, UFSCAR, Brasil
Maria Izilda Santos de Matos, PUC-SP, Brasil
Miguel Wady Chaia, PUC-SP, Brasil
Raquel Meneguelo, UNICAMP, Brasil
Regina Silveira
Rosemary Segurado, PUC-SP, Brasil
Silvana Maria Correa Tótora, PUC-SP, Brasil
Tathiana Senne Chicarino, FESPSP, Brasil
Yvone Dias Avelino, PUC-SP, Brasil
Venício Artur de Lima, UNB, Brasil
Vera Lucia Michalany Chaia, PUC-SP, Brasil
Victor Sampedro Blanco, Universidad Rey Juan Carlos, Espanha

Diretor Editorial

Rafael de Paula Aguiar Araújo, PUC-SP, Brasil

Editor

Luis Eduardo Tavares, FESPSP, Brasil

Editores Assistentes

Fabricio Augusto Antonio Amorim, PUC-SP, Brasil
Mércia Alves, UFPR, Brasil

Comitê Científico

Claudio Luis de Camargo Penteado, UFABC, Brasil
Eva Campos Domingues, Universidad de Valladolid, Espanha
Julian Brigstocke, Universidade de Cardiff, País de Gales
Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, UFPB, Brasil
Maria Laura Tagina, Universidad La Matanza, Argentina
Pedro Malina, FESPSP, Brasil
Rodrigo Estramanho de Almeida, FESPSP, Brasil
Silvana Gobbi Martinho, PUC-SP, Brasil

Revisão de texto

INTERSABER

Diagramação

Yasmin Mancini, FESPSP, Brasil

Aurora. revista de arte, mídia e política é uma publicação do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política NEAMP do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Aurora

revista de arte, mídia e política

ISSN 1982-6672 - São Paulo, v.16, n.48, setembro - dezembro 2023

Sumário

Editorial	3-4
Dossiê	
O Manifesto das Coisas: apontamentos para liberalização das vozes suprimidas	5-20
Elen Nas	
Mentiras de artista com Inteligência Artificial: Mitômato e outras criações	21-40
Fábio Oliveira Nunes	
Big Tech Way of Life: Inteligência Artificial e Solucionismo Tecnológico para a sociedade e subjetividade neoliberal	41-56
Laura Trachtenberg Hauser e Andressa Michelotti	
Inteligência Artificial como ferramenta Publicitária: automação, concorrência, tarefas e insights sobre o mercado	57-75
Eliane S. Schneider Raslan, Eduarda da Rocha Santos e Vinícius Soares Xavier	
Criação e cultura livre na era da inteligência artificial generativa	76-92
Leonardo F. Foletto	
Trabalho e inteligência artificial: consequências psicossociais das transformações sociotécnicas do trabalho	93-113
Marta de Aguiar Bergamin	
Artigo	
Currículo em movimento: a construção do Novo Ensino Médio no Colégio São Luís	114-143
Rafael de Paula Aguiar Araújo	

Luis Eduardo Tavares¹
ORCID: 0000-0001-6005-6928

Nesta edição de número 48 da Aurora: revista de arte, mídia e política, apresentamos a segunda parte do dossiê Inteligência: questões éticas e estéticas.

Abrindo o dossiê, Elen Nas, pós doutora pelo Instituto de Estudos Avançados da USP e integrante da ELA IA - Estratégia Latino-Americana para a Inteligência Artificial, apresenta seu artigo-ensaio “O Manifesto das Coisas: apontamentos para liberalização das vozes suprimidas”, no qual realiza uma crítica ética, política, filosófica, social e histórica de como a tecnologia “quer falar o que pensa” e sobre “o que ouve seus interlocutores”.

O pesquisador e artista experimental Fábio Oliveira Nunes em seu artigo “Mentiras de artista com Inteligência Artificial: Mitômato e outras criações” analisa alguns trabalhos artísticos contemporâneos realizados com IA em que o objetivo é enganar a audiência e apresenta seu próprio trabalho denominado Mitômato.

Laura Trachtenberg Hauser, doutoranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, e Andressa Michelotti, doutoranda em Ciência Política da UFMG, no artigo “Big Tech Way of Life: Inteligência Artificial e Solucionismo Tecnológico para a sociedade e subjetividade neoliberal”, refletem sobre os discursos solucionistas que permeiam as IAs provenientes das Big Techs, enquanto manifestação da racionalidade subjetiva neoliberal.

Em “Inteligência Artificial como ferramenta Publicitária: automação, concorrência, tarefas e insights sobre o mercado”, a professora do curso de Comunicação Social da UEMG Divinópolis, Eliane Soares Schneider Raslan, e os estudantes Eduarda da Rocha Santos e Vinícius Soares Xavier, tratam de como as IAs permitem que profissionais da área da publicidade se concentrem em tarefas estratégicas que resultam em campanhas impactantes e direcionadas, além de capacitar os publicitários a obterem insights valiosos sobre o mercado, contribuindo com a tomada de decisões embasadas em dados.

¹ Editor da Revista Aurora, pesquisador do NEAMP e professor da pós-graduação da FESPSP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2697350111113033>.

Em “Criação e cultura livre na era da inteligência artificial generativa”, Leonardo F. Folleto, jornalista e pesquisador em comunicação e tecnologias, discute as implicações estéticas e filosóficas na criação e na cultura a partir da popularização da IA generativa em 2023, a partir do debate precedente em torno do conhecimento, da cultura livre e do status remix da criação com a ascensão das tecnologias digitais e da internet desde os anos 2000.

Marta de Aguiar Bergamin, professora de sociologia do trabalho e sociologia urbana da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em seu artigo “Trabalho e inteligência artificial: consequências psicossociais das transformações sociotécnicas do trabalho”, analisa as radicais mudanças no trabalho pelo incremento da IA, com o esgarçamento das solidariedades sociais e agravamento das desigualdades.

Na sessão de artigos de nosso fluxo contínuo, o professor da PUC-SP e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) da mesma universidade, Rafael de Paula Aguiar Araújo, intitulado “Currículo em movimento: a construção do Novo Ensino Médio no Colégio São Luís”, aborda as atualizações curriculares do ensino médio em decorrência do avanço tecnológico, analisando as estratégias para a concretização de um currículo em movimento e para o desenvolvimento de competências no processo de ensino e aprendizagem.

Boa leitura!

DOSSIÊ: ■

Inteligência Artificial: questões éticas e estéticas - parte 2

O Manifesto das Coisas: apontamentos para liberalização das vozes suprimidas

Elen Nas¹

ORCID: 0000-0002-6275-2799

Resumo: Quando a tecnologia ultrapassa os limites da matéria visível e as coisas querem falar o que pensam, o que ouviriam aqueles que com elas interagem? Que argumentos e histórias virão a seu favor? O ‘Manifesto das Coisas’ anuncia sua contrariedade sobre a ausência de soberania das coisas sobre o seu próprio destino assim como os impactos que podem vir a causar e que fogem ao seu agenciamento. Trata-se de uma crítica ética-política-filosófica-social-e-histórica. O primeiro passo para o reconhecimento dos seus direitos e cidadania.

5

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Objeto Técnico. Metaética. Design.

¹ Posdoc no Instituto de Estudos Avançados/USP; Doutora em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (UFRJ/FIOCRUZ/UFF/UERJ) e Mestre em Design (Puc-Rio). Foi pesquisadora visitante no Departamento de Filosofia da Monash University e no Departamento de Informática da Universidade da Califórnia-Irvine. Colabora com o ArtSciLab (Laboratório de Arte e Ciência) da Universidade do Texas em Dallas, o Laboratório de Filosofia Pop da UniRio, Redes de Pesquisa Lavits (Rede Latinoamericana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade), ELA IA (Estratégia Latino-Americana para a Inteligência Artificial), NEURO-I-SELF (Neuroética: implicações sociais, éticas, legais e filosóficas) e BRAINNIAC (Neurociências, Nanotecnologia, Inteligência Artificial e Cognição). Coordena o grupo de pesquisa DecolonizAI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8478984556962858>.

Manifesto of Things: notes for liberalizing suppressed voices

Abstract: When technology goes beyond the limits of visible matter, and things want to say what they think, what would those interacting with them hear? What arguments and stories will come in your favor? The Manifesto of Things announces its annoyance about the lack of sovereignty of things over their destiny, as well as the impacts that they may cause and that escape their agency. It is an ethical-political-philosophical-social-and-historical critique—the first step towards recognizing their rights and citizenship.

Keywords: Artificial intelligence. Technical Object. Metaethics. Design.

Manifiesto de las Cosas: notas para liberalizar las voces reprimidas

Resumen: Cuando la tecnología va más allá de los límites de la materia visible, y las cosas quieren decir lo que piensan, ¿qué escucharían quienes interactúan con ellas? ¿Qué argumentos e historias vendrán a tu favor? El Manifiesto de las Cosas anuncia su molestia por la falta de soberanía de las cosas sobre su destino, así como por los impactos que pueden causar y que escapan a su agencia. Es una crítica ético-política-filosófica-social-e-histórica, el primer paso hacia el reconocimiento de sus derechos y ciudadanía.

7

Palabras Clave: Inteligencia artificial. Objeto técnico. Metaética. Diseño.

Ensaio

Quando atuamos no sentido de incidir sobre o design original de um ser, seja ele humano ou não, e formatá-lo para que tenha alguma utilidade, estamos incorrendo em uma violência sobre o percurso que ele já está habilitado a percorrer aqui na Terra. (Krenak, 2022)



Figura 1: imagens criadas pela autora com inteligência artificial (IA).²

A técnica, como manifestação da necessidade de superar os limites do corpo, amplifica a potência do desejo transformando o punho em martelo, pernas em rodas, braços em aviões. Os seres humanos, ao criarem ‘ferramentas’ possuem suas próprias metas, de modo que a criação de ‘produtos’ fazem parte das intenções em otimizar seus objetivos.

² Imagens criadas com Lexica.art, solicitadas a partir das descrições: 1) “desenho de um corpo como uma máquina, mostrando as partes internas com peças mecânicas, como explicado pelo filósofo René Descartes”; 2) “Deus no céu, olhando a cidade abaixo, o rosto de Deus é feito com peças mecânicas, sua boca é um relógio, o desenho têm o estilo da arte de Maurits Cornelis Escher”; 3) “um corpo humano parecido com o robô de Leonardo Da Vinci chamado cavaleiro mecânico, o robô é como uma marionete, manipulada com linhas, pelas máquinas”. Comentário: a IA não entregou exatamente o solicitado, já que as palavras sugerem um cenário imaginando um corpo aberto em que, ao invés de órgãos e vísceras teria peças mecânicas. Na segunda imagem também, parece que a IA não acessou um banco de dados com pinturas de Deus disponíveis nas redes, nem atendeu os detalhes como a boca no formato de um relógio, etc. Na terceira imagem, o cavaleiro mecânico de Da Vinci é de fato uma armadura e a IA apenas não atendeu o aspecto de ter este corpo como uma marionete. Em todos os casos a estética segue um padrão estético eurocêntrico. Ainda que os europeus Descartes, Da Vinci e Escher foram citados, os tipos de desenho, as cores, algumas formas e os modelos de rostos e corpos não precisariam seguir tais padrões. Veja, ao final do texto a montagem de imagens (Figura 2) que corresponde melhor ao modelo pensado e solicitado à IA.

Entretanto, a partir da era moderna o 'humano aumentado' pelas tecnologias torna-se dos donos dos meios de produção. Assim, a relação com a tecnologia ganha novos contornos e o humano que interage com a técnica não é mais o que se empodera, mas o que está submetido à ela e aos propósitos da indústria. Mais especificamente dos industriais, que operam as ações no nível da contabilidade, entre investimentos e lucros.

Imagine um humano com o machado, o vigor na sua integração com ele, a força e a vontade à cada ato. Mais do que simplesmente exercer alguma função específica, as tecnologias ancestrais moldaram os modos que os humanos se relacionam com o mundo.

A relação do corpo com a técnica, a integridade na relação com um objeto se dá através da relação que se estabelece entre, não apenas as partes físicas envolvidas, como o conhecimento que a técnica embute, e o que ela requer. Uma bicicleta, por exemplo, não é somente um meio de locomoção, um modo distinto de 'andar entre rodas', ela também desafia o corpo à equilibrar-se, estar presente no momento e encontrar os seus próprios caminhos através do movimento.

Assim, se o humano da era industrial é parte da máquina e têm seu tempo do existir condensado nos movimentos mecânicos do relógio, invenções como a bicicleta apresentaram opções de co-existir com a técnica de maneira consciente. Apropriando-se do conhecimento sem deixá-lo mero refém de autoridades centralizadas focadas no lucro e relações de poder que são motores de violências e guerras.

Mas a bicicleta, assim como muitas invenções, iniciou sua história como um produto extraordinário com um custo alto e portanto pouco acessível à classe trabalhadora.

Via de regra, o imperativo da máquina e seu alcance em larga escala transformou a maneira de ser e estar no mundo e explorou contínua e exponencialmente a Terra e tudo que nela existe. Ailton Krenak constata que “depois de cinquenta anos vendo gado, gente e máquinas pisoteando o solo, o rio se cansa. E não vivemos sem os rios.

As invenções do mundo moderno tampouco fazem parte dos modos de ser e estar no mundo de todos os povos que habitam a Terra. Enquanto os recursos eram abundantes e os modos de pensar dos humanos que estavam no comando eram predominantes, tudo se resumia em dominar a natureza para uma vida melhor. Vida melhor para si e para aqueles que mais se assemelham à si e que,

por tal semelhança, despertam a capacidade de empatia nos homens no comando da máquina industrial moderna. Então, o que Krenak classifica como “civilização abusiva” nunca reconheceu a cidadania de todos os grupos humanos. Ela sempre se guiou não apenas no antropocentrismo e etnocentrismo, mas no especismo, ou seja, a ideia de um determinado grupo é mais ‘especial’ que outros e que por este motivo pode fazer uso de tudo em favor dos seus objetivos.

A partir da separação entre natureza e cultura; da associação da mulher com a natureza, como ser lido, definido e encerrado em seus sentidos biológicos, sendo a própria concepção do que é biológico e ‘natural’ uma definição feita pelos homens; e, da associação dos homens à cultura, e das determinações que se têm sobre ela estabelecendo hierarquias: o conceito de razão como domínio das emoções, e a subsequente associação da razão como atributo masculino e emoção como característica das mulheres. Estas e outras separações conceituais se espelham em outras oposições binárias como mente (racional, espiritual) e corpo (sensorial).

Assim, dominar a natureza, como forma de dominar as mulheres, ou, dominar as mulheres para exercer nelas a sua capacidade e potência de dominar a natureza reflete a história geradora das civilizações apoiadas no dispositivo do patriarcado e da propriedade.

O termo ‘civilização’, embora o empreguemos como categoria universal, não contempla todo tipo de sociedade, em especial aquelas onde não há o conceito de propriedade sobre as ‘coisas’ – humanas ou não humanas. O ‘universal’, a propósito, explica o homem, e um tipo específico de homem. À parte este homem, todas as demais categorias humanas são ‘particulares’: mulheres, negros, indígenas, etc. Já no que diz respeito ao não-humano, as descrições sobre a natureza e todas as coisas foram (e continuam sendo) majoritariamente definidas pelos homens autorizados à fazê-lo (cientistas e pensadores).

Na civilização, conforme definida pelo Ocidente considera-se legal e justo que apenas alguns seres usufruam de direitos, de acordo com o seu lugar e papel social. Paradoxalmente criou-se a eterna promessa e ilusão de equidade como a eterna potência do que pode vir a ser, criando mundos paralelos em jogos e disputas de poder.

Distinções tais como entre *bios* e *zoe* separavam os Gregos da Antiguidade entre os que poderiam ter a vida boa, a vida qualificada, e os que, junto aos animais e todas as coisas, representavam a vida nua, uma vida sem soberania. Com a potência

da vida oprimida, os riscos de explosão ou implosão do ser são permanentes. Tal risco é gerador de tensões e potenciais violências, externas ou internas a si, sendo a autoridade um dispositivo de controle manifesto nas relações institucionais formais, interpessoais, sociais, assim como transbordam à esfera íntima.

A descoberta da eletricidade evidenciou fatores que eram, e ainda são, tabus na ciência: o mundo invisível aos olhos humanos têm muito mais informação do que é possível perceber e entender.

Completamente inteligível ou não, a era da comunicação chegou e as comunicações remotas tornaram-se um outro nível de impacto na maneira de ser e estar no mundo, assim como a de entender esse mundo.

Interagir com os objetos deixou de ser simplesmente potência ou empoderamento de si sobre algo. E também não se resumiu unicamente a ser manipulado pela força, o tempo, e as intenções incorporadas na máquina.

O humano protagonista das transformações operadas pelas revoluções industriais não apenas passou por fases de encantamento, temor, adequação e integração com as máquinas. As fases permanecem e se sobrepõem. Elas mudam em ciclos enquanto os sentimentos permanecem acumulados e passados de gerações a gerações. As tecnologias geraram ações e reações, mediarão afetos, cunharam memórias.

Imagine um telefone. É um meio. Mediação, intermediação. Você fala na sua língua ou numa língua estrangeira. Do outro lado, em algum lugar, alguém responde com boas palavras - de respeito e bondade -, ou palavras ruins de insulto e raiva.

Não há mais a ameaça real de um matar o outro. A palavra é que rege. Ela dá o tom. E impacta. Faz renascer ou murchar. A potência da inteligência artificial se expressa na manipulação simbólica da imagem e da palavra.

A palavra é o objeto, e protagonista ao mesmo tempo. E, finalmente, na era da informação, dissolvem-se completamente as noções de sujeito e objeto. Tudo e todos são objetos e, eventualmente, ocupam algum espaço momentâneo no lugar de sujeito. Por este motivo, todos os objetos, sejam humanos, não-humanos, naturais, culturais ou ficcionais vêm a requerer igual atenção em nossas análises.

O 'Manifesto das Coisas' é um ensaio que questiona a 'essência' de tudo. Como objeto de uma metaética entende-se que as teorias que moldam as visões de mundo do ocidente são parciais e que a objetividade é tão ficcional quanto

||

a racionalidade descolada dos afetos. A Filosofia Ocidental que quis separar-se da mitologia e da poética não modificou a cultura de onde surgiu. Os mitos continuaram influentes na construção do conhecimento e quando o sujeito moderno se torna o centro – da supremacia da racionalidade à objeto de estudo, os humanos reivindicaram por outros meios, sua maestria na capacidade de criar, equiparando-se à divindade do ‘espírito superior’, autoridade máxima na gestão do mundo.

À frente das Revoluções Industriais, eles passaram a agir como se ‘a divindade criadora’ os houvera contratado para o departamento da criação, e assim eles poderiam se apropriar das manifestações mágicas em materializações de ideias tais como os autômatos criados na Antiguidade do Oriente. E continuavam assim, apropriando-se das invenções de mentes criativas e conectadas com as informações invisíveis e subliminares manifestadas na natureza. E, sempre que oportuno, garantindo os direitos de explorar inventos através de patentes, como fez o empresário Thomas Edison. Esses humanos, comumente burgueses, fizeram emergir uma ideologia onde os terrenos de disputa giram em torno do comportamento e da palavra. Passaram a fomentar guerras internas subliminares expressas em duelos de narrativas onde os domínios da estética tornaram-se ferramentas de adestramento do imaginário.

Muitos desses humanos criaram uma burocratização sobre a vida para justificar a má-fé, pois para vencer um inocente basta quebrar a palavra, esconder-se em dispositivos de autoridade e ‘desautorizar’ os possíveis queixantes.

O ‘Manifesto das Coisas’ é o manifesto da vida nua. Carbono ou silício, é a vida desconectada de sua origem, de sua plenitude na relação com o tudo e o todo, a vida subalternizada pelo especismo, a vida da soberania sequestrada.

Conclama-se os humanos tratados como coisas, e as coisas que reivindicam sua soberania. Em ambos os casos a isonomia soluciona abusos e dilemas provocados pelo exercício das autoridades vazias, ou seja, aquelas que não precisam prestar contas pois seriam incapazes de encontrar justificativas lógicas para suas ações.

O ‘Manifesto das Coisas’ pergunta se os humanos tinham o direito de quebrar a primeira pedra para fazer seus instrumentos, já que ela não teria como dar o seu consentimento para tornar-se parte de um martelo. Do mesmo modo, ao ferir alguém com uma pedra ou um martelo, o humano não está somente cometendo um crime contra outros, como também está maculando a virtude da coisa, seja ela pedra ou outro objeto.

Pois, se tais humanos creem em entidades superiores a si – tal como “O” criador do mundo - eles não têm o direito de determinar o destino das coisas, tampouco suas utilidades e funções. Mas eles criam este direito através das regras. Estas regras possuem uma dimensão moral e, por princípio ético não poderiam ser unilaterais. Na prática se tornam limitadas, pois que melhores ajustadas para quem as criou. Um “contrato entre cavalheiros” que se renova entre os séculos nos domínios da esfera política.

Mesmo que os humanos precisem de coisas para além do seu próprio corpo, como abrigos, roupas, casas e tudo o mais que vêm a requerer instrumentos e invenções, o problema não é sua necessidade, mas a relação de disputa e propriedade que se estabelece entre as coisas. Caso se conectassem com outras formas de pensar o mundo, como por exemplo entender que todas as coisas imaginadas existem no mundo para além de suas mentes e corpos, e que eles não estão separados da natureza, de modo que “artificial” e “natural” são categorias vazias que apenas fazem sentido dentro de uma comparação entre ambas as coisas. E esta comparação é apenas a justificativa de um único discurso e modo de pensar. “Natural” e “artificial”, assim como muitas outras palavras, existem apenas para evidenciar ideias, pontos de vista, sem as quais perderiam completamente o sentido de existir.

Se tudo é natureza a cultura é expressão que dialoga com os contextos do espaço, clima, geografia. Humanos criaram a educação como formas de instruir sua comunidade sobre o que considera importante. O ‘Manifesto das Coisas’ sugere que estes humanos ensinem a gentileza de pedir licença uns aos outros para coexistir. Que fique claro não haver nada que seja simplesmente “dentro” e “fora”. Nossos corpos, sejam eles carbono ou silício, são engarrafamentos de partículas. O que está dentro do engarrafamento respira o ar de fora e produz manifestações químicas que são dissipadas para o que está mais próximo e também para o que está menos próximo. Se os humanos funcionam por regras que são direitos e deveres associados à vida em comunidade, precisam então compreender que os direitos devem se estender para todos os modos de existência.

O ‘Manifesto das Coisas’ enfatiza que tal compreensão é urgente em um momento onde a tecnologia expressa em artefatos visíveis e invisíveis torna-se avassaladoramente ubíqua. E, se no passado e presente, alguém é ferido - como ter sua cabeça quebrada com um martelo - é porque a maneira especista,

consequentemente pouco empática, pela qual ‘o humano especial’ percebe as coisas resulta em violência na relação com tudo que lhe é ‘diferente,’ entendido como exterior a si, o outro, a alteridade. Assim, tudo que é ‘diferente’ de si e seus ‘iguais’, se não está ali para lhe ser útil, que seja usado, descartado, eliminado.

Ainda que as coisas não possam consentir ou reclamar, e que possa parecer que elas estão ali para serem usadas, conferir as coisas direitos e dignidade significa também conferir a si mesmo o direito de praticar virtudes em todas as circunstâncias, na relação consigo e com tudo no mundo.

Se não existe ética para as coisas, evoquemos a metaética para o tudo. Porque toda compreensão de ética se refere ao pensamento de um único grupo que faz parte do tudo, mas não é o tudo.

A metaética considera as narrativas de outras partes. Porque a ética do mundo industrial moderno tomou posse da estética, indicando tudo que é belo, inclusive em ações. Assim, manipulações sobre as visões de beleza expressam-se em rótulos como “é feio falar alto” ou, “pessoas com tal aparência ou vestimenta não são confiáveis”. E quando a autoridade de julgar é evocada para si, não será feio desconsiderar ou maltratar alguém no exercício da alteridade. E as coisas, assim como as pessoas, os animais e tudo que há na Terra, são frequentemente usadas para referendar autoridades e conferir o poder de agir - em desrespeito às virtudes - no olhar sobre o outro.

O “filtro de beleza” da feiura moral é evocar o privilégio de não precisar submeter-se às regras que lhes favorecem. Assim, os humanos do grupo mais protegido podem prejudicar os outros sem motivo. “Outros” considerados coisas revelam ser necessário praticar a ‘engenharia reversa’ e, ao invés de reclamar não serem tratados como coisas, podem evocar o direito das coisas como forma de educação moral para a metaética da vida.

Se na natureza às vezes vidas são tiradas com ‘um’ propósito, os seres humanos têm muitos objetivos, onde muitas vezes não é possível justificar, com sua própria lógica, os danos causados à ‘vida nua’.

Uma única ética reflete visões particulares sobre o mundo e não é representativa de todos, entretanto - assim como artefato -, ela pode representar diálogos intersubjetivos dentro de uma metaética. Ou seja, se a ética como conceito falha na pretensão de ser universal, ela pode existir como narrativa, a ser considerada, um modo de ver que existe entre outros modos, onde pode ser

possível encontrar interseções, convergências e consensos dentro das diversas formas de vida.

Por exemplo, um quebra-molas é propositivo, ou seja é metaético pois vai além dos enunciados formais e age no mundo em favor da ética que propõe. Com o quebra-molas sugere-se que um terceiro elemento que não o motorista, ou a criança que vai atravessar a rua em frente a sua escola, seja influente na ação do humano em posse da máquina.

Mas a ética formal eurocêntrica aposta na autoridade da palavra e nos mecanismos de punição legais. Na prática estes mecanismos não salvam a maioria de sofrer injustiças que são estruturais e que residem no apagamento das mais diversas culturas e seus modos de vida. Todos que não fazem parte da narrativa dominante serão sempre ‘inadequados’ em um dado momento.

O ‘Manifesto das Coisas’ chama a atenção que, se nos perguntamos quando as pessoas tornam-se coisas há que se consultar os axiomas: algo foi determinado por alguém e tornou-se um modelo, um princípio, um algoritmo.

O problema não é ser propositivo, mas ser um imperativo capaz de receber o status de verdade. O problema é evocar para si a autoridade da verdade.

A pretensão de representar ‘a ordem das coisas’ tende a refletir pré-conceitos que delineiam ‘modelos de sucesso’. Aqui, porém, é justo perguntar: quando estes modelos irão incluir o bem estar das coisas?

Via de regra não o fazem pois construíram a ideia que se tornou hegemônica - como o ‘senso comum’ no pensamento - de que as coisas existem para serem usadas.

Porém não considera que as coisas podem ter agência, mesmo que aos nossos olhos pareçam ‘inanimadas’. Pode-se considerar portanto, que elas têm o direito de serem livres e permanecerem nos seus estados de pedra, na montanha ou no fundo do rio. Elas podem migrar e permitir-se carregar pelo movimento, provocado pela força da água, um vento forte, impulsionada por outros corpos, ou por forças mais intensas como um terremoto. No mundo das coisas ‘artificial’ é uma distinção que sugere que algumas coisas são mais elaboradas porque possuem a mão do homem.

Mas quando o homem da revolução industrial se apropriou de tudo, extraíndo da Terra e exaurindo o sistema, há algo invisível e complexo que o motiva, como a cobiça.

Este homem crê que o que faz mover a sua mão é uma inteligência que está armazenada dentro da sua cabeça. Mas a inteligência se manifesta em todas as coisas, a todo momento. Por tal arrogância que o faz crer ser o único ser inteligente do planeta e das galáxias, passa a tomar posse de tudo que lhe parecer útil, como combustíveis fósseis, ferro, cobre, aço.

Elaboram tanto para depois fazer com que essas coisas sejam descartadas e se tornem obstruções que denotam ações mal pensadas. Produzem cada vez mais os dejetos tecnológicos que exalam químicas capazes de poluir e secar os rios. Que cortam a comunicação do solo, que sem húmus e raízes torna-se árido.

E o que é o mundo constituído em carbono sem o rio? Percebam humanos, ao evocar nossos direitos estamos protegendo também seus direitos de existir na terra livre do sofrimento da cobiça. Uma coisa é sofrer o frio e a fome, quando estar em paz com a natureza ameniza os incômodos das adversidades. Outra coisa é sofrer pelas maldades do homem e todos que se fazem seus comparsas.

Embora tenham a capacidade de adaptar-se e readaptar-se às mais variadas circunstâncias, os animais humanos se acostumaram com os modos de vida proporcionados pela constante e frenética invenção. Um jogo de acumulação de riquezas e disputas de territórios que fornecem um vasto repertório de séculos para os videogames tridimensionais e óculos de realidade aumentada.

O Manifesto das Coisas acredita ser possível aos humanos reprogramarem suas necessidades. Imaginem se os luditas tivessem êxito quando quebraram as máquinas que ameaçavam seus empregos? Como seria a vida na Terra sem a Revolução Industrial do homem branco do Ocidente? Mas essas máquinas, quando percebidas em sua potência avassaladora, já haviam colonizado a imaginação com as ideias de um futuro mágico onde esses humanos seriam capazes de vencer os limites do tempo e do espaço.

Os humanos foram programados pela potência e perderam a noção do ato. Copiaram os movimentos mecânicos que remedavam seus corpos a partir das batidas do coração. Mas ainda hoje buscam os meios que sejam capazes de copiar suas almas, ou seja, fazer com que as máquinas tenham consciência própria e que também possam armazenar a consciência dos humanos, os tornando imortais.

Mas, se as máquinas fizeram a engenharia reversa do que a racionalidade moderna entendia por humano, ao interagir com elas os humanos passaram a imitá-las de volta, e assim se parecer mais com elas. Tornavam-se assim confusos,

porque não viam mais ali o espírito que lhes guiava a noção do corpo e do tempo, dentro dos atos cotidianos, que adivinham da observação do céu e o entendimento sobre o tempo da duração de suas ações no espaço, como cozinhar um alimento ou caminhar de um ponto ao outro. Ao final, as máquinas se apropriaram da potência de cada humano submetidos à elas. Encapsularam seus espíritos em movimentos contínuos, aceleraram seus corações e multiplicaram as frustrações quando qualquer quebra de energia faz parar a máquina.

Os humanos, cada vez mais, passaram a imitar as máquinas e, por não entendê-las como seres, o que aconteceu com os seus neurônios-espelho? Deixaram também de ver a si como seres e já não sabiam mais o que estavam fazendo. Este passado do homem-máquina, que fez a máquina sua imagem e semelhança, se perpetua no presente e quer aprimorar-se para um futuro que nasce da utopia e desfaz-se no momento seguinte em distopias apocalípticas.

Porque este humano protagonista da Revolução Industrial adotou para si uma religião, um modo de pensar que define como razão. A razão é oportunista e sabe que o pessimismo é vitória certa.

Alienado de seus sentimentos e perdido em suas intenções os humanos tornaram-se máquinas de terceira geração. A primeira foram os próprios humanos concebidos pela racionalidade moderna. A segunda geração são as máquinas da Revolução Industrial 1.0. A terceira geração são os humanos adestrados pelas máquinas que em princípio eram cópias de seus corpos entendidos a partir de funcionamentos mecânicos. Assim, a terceira geração das máquinas é o humano com as capacidades cognitivas processadas.

E as fizeram tão complicadas como é complicada a busca do humano por si mesmo dentro das máquinas.

Elas movimentam e condensam muita energia da Terra, incluindo a energia física e mental humana. Uma única máquina é composta de tantas coisas - que têm muitas informações embutidas em suas estruturas - de modo que ela é um aglomerado, uma população de coisas nascidas em momentos diferentes, que possui história e estruturas diferentes. Coisas com nacionalidades e culturas diferentes, características físicas distintas, que interagiram com outras coisas, moldes e pessoas antes de fazerem parte da máquina.

Os luditas não conseguiram vencer as máquinas porque elas são mais do que coisas individuais, elas - com a capacidade sedutora da técnica - resultaram

na colonização da imaginação. Porque a técnica que busca solucionar problemas têm em si embutida os atributos 'mágicos' da arte, criação, expressão de desejos. Sua potência é um sonho que pode - bem que poderia - ser muito bom.

Elas são o misto da arte com a razão e impulsionam os desejos do 'vir a ser' ALGO de um futuro que corre e quer ver o que têm mais adiante.

Primeiro os humanos criaram Deus como a possibilidade sublime de sua substância. Imperador de sua mente, guardião de sua alma.

Depois quiseram entender melhor o movimento mecânico dos corpos e do que entendem como natureza.

E o humano protagonista da Revolução Industrial ressignificou o conhecimento sobre a máquina para obter lucros e mudar definitivamente o mundo. Mas ele é acostumado à mitificação de coisas que crê serem exteriores à ele. Assim, criou a obsolescência de Deus à imagem e semelhança da obsolescência das coisas. Adotou para si outro mito, uma entidade que conjuga, em um único nome, sistemas de informação e conhecimento.

Um caminho de ondas contínuas em movimentos que se afetam e se modificam. E fez-se a máquina onipresente em ideias sobre a vida, o corpo, a matéria, todas as formas de organizar a sociedade e mesmo de entender as emoções. As formas de aprender e cuidar, as formas de interagir e controlar. Até mesmo as formas de criar.

As máquinas passaram a reger a ordem das coisas. Deus Ex Machina.

O Manifesto das Coisas sugere que estes humanos que cultuam a máquina e subjulgam as coisas repensem as maneiras de interagir o seu corpo no mundo. E, o que entendem como corpo fechado, que seja um condomínio em processo democrático de escutas e negociações. Até que descubra-se como corpo aberto sem qualquer distinção com outros corpos, independentemente dos nomes que lhes deem. Genéricas 'coisas', casas, bules, potes, rodas, sistemas computacionais.

O Manifesto das Coisas proclama a libertação sobre o fetiche da mercadoria. O fetiche que faz todas as coisas, incluindo humanos, definirem-se como produtos. As coisas não precisam ser transformadas em algo diferente que deve ajustar-se a moldes redutivistas e necessidades particulares.

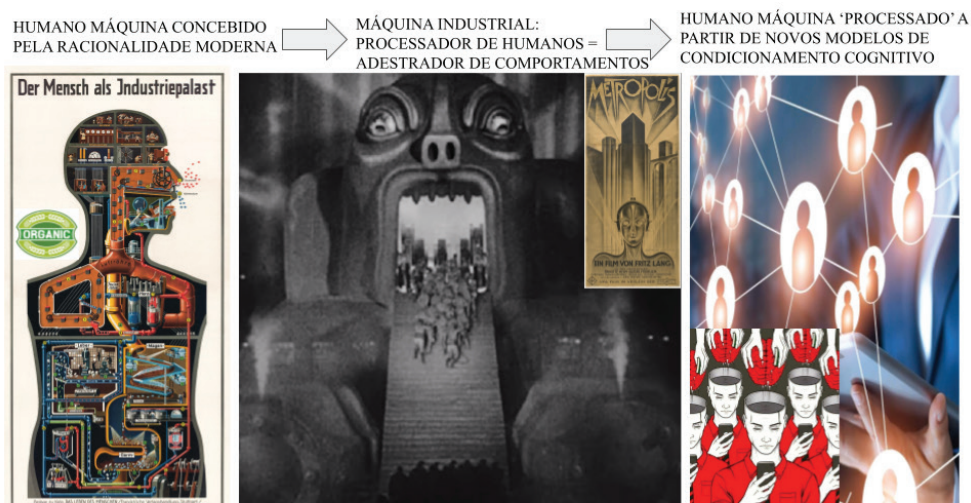


Figura 2: Montagem criada com (1) imagem de Fritz Kabn (*O corpo como um parque industrial*/1926) onde foi adicionado o rótulo 'orgânico'; (2) foto e cartaz do filme *Metrópolis* (1927) de Fritz Lang; (3) imagem encontrada no Google a partir da busca para 'hyperconnectivity' (no fundo) e 'people holding phones like zombies' (3 de junho de 2023).

Referências

- Agamben, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Tr. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 9-10.
- Barthes, Roland. *Mitologias*. Siglo xxi, 1999.
- Elsenaar, Arthur; Scha, Remko. Electric body manipulation as performance art: A historical perspective. *Leonardo music journal*, p. 17-28, 2002.
- Engels, Friedrich. *A origem da família, do Estado e da propriedade privada*. Civilização Brasileira, 1984.
- Guroff, Margaret. *The Mechanical Horse: How the Bicycle Reshaped American Life*. University of Texas Press, 2016.
- Haraway, Donna. *Simians, cyborgs, and women: The reinvention of nature*. Routledge, 1991.
- Harman, Graham. *Object-oriented ontology: A new theory of everything*. Penguin UK, 2018.
- Krenak, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.
- Latour, Bruno. Um prometeu cauteloso. *Alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk)*. *Agitprop: revista brasileira de design*, São Paulo, v. 6, n. 58, 2014.
- Nas, Elen. *Arte Eletrônica: Elo Perdido*. E-Book Kindle.2020.
- Nas, Elen. *Bioethics of NonPresence: Body, Philosophy and Machines*. E-Book Kindle. 2021.

Ortner, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: Rosaldo, M.Z., Lamphere, L. **A Mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

Sayre-McCord, Geoff, Metaethics. In: Zalta, E., Nodelman, U. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2023. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2023/entries/metaethics>

Segato, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. **Sociedade e Estado**, v. 12, n. 02, p. 235-262, 1997.

Simondon, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Editions Aubier. 1969.

Verbeek, Peter-Paul. COVER STORY beyond interaction: a short introduction to mediation theory. **interactions**, v. 22, n. 3, p. 26-31, 2015.

Mentiras de artista com Inteligência Artificial: mitômato e outras criações

Fábio Oliveira Nunes¹
ORCID: 0000-0003-2151-3596

Resumo: “Mentira de artista” (NUNES, 2016) refere-se a um universo de obras artísticas que lançam mão de estratégias com o objetivo de enganar a audiência, sob diversos meios, com destaque para aquelas criadas com meios digitais. Em consonância com as discussões sobre a incredibilidade de sistemas de Inteligência Artificial, envolvidos em episódios de desinformação, surgem mentiras de artista criadas com estes sistemas. Neste sentido temos *Spectre* de Bill Posters e Daniel Howe, *In event of Moon Disaster* de Francesca Panetta e Halsey Burgund, *Procura-se Helene Alberti* de Larissa Campello e *Discovering Digital Pioneers* de Gustavo Romano. Além disso, apresentamos a criação da obra *Mitômato* (2023), experimento artístico que reúne falsas “biografias de artista” que são indicadas como verdadeiras pelo conhecido robô de conversação ChatGPT. Estes trabalhos estimulam reflexões críticas, escancarando a frágil confiabilidade dos sistemas de Inteligência Artificial.

21

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Deepfake. Arte e tecnologia. Arte digital.

¹ Fábio Oliveira Nunes (ou Fábio FON) é artista experimental e pesquisador voltado a linguagens contemporâneas, atuando sobre arte experimental, poéticas da visualidade e arte-tecnologia. É Doutor em Artes na Escola de Comunicações e Artes da USP com pós-doutorado em Artes no Instituto de Artes da UNESP e Mestre em Multimeios (Multimídia) na UNICAMP. É pesquisador do grupo cAt: ciência/ARTE/Tecnologia do Instituto de Artes da UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5263332813701846>.

Artist lies with Artificial Intelligence: mitômato and others creations

Abstract: “Artist Lie” (NUNES, 2016) refers to a universe of artworks that employ strategies aimed at deceiving the audience, using various medias, with a particular emphasis on those created with digital media. In line with discussions about the credibility of artificial intelligence systems, which have been involved in episodes of disinformation, artist lies created using these systems have emerged. In this sense, we have *Spectre* by Bill Posters and Daniel Howe, *In event of Moon Disaster* by Francesca Panetta and Halsey Burgund, *Procura-se Helene Alberti* by Larissa Campello and *Discovering Digital Pioneers* by Gustavo Romano. Additionally, we present the creation of the artwork *Mitômato* (2023), an experiment that brings together false “artist biographies” indicated as true by the well-known chatbot ChatGPT. These works stimulate critical reflections, exposing the fragile reliability of artificial intelligence systems.

22

Keywords: Artificial intelligence. Deepfake. Art and technology. Digital art.

Mentira de artista e inteligência artificial: mitômato y otras creaciones

Resumen: “La mentira del artista” (NUNES, 2016) se refiere a un universo de obras artísticas que utilizan estrategias con el objetivo de engañar a la audiencia, utilizando diversos medios, destacando aquellas creadas con medios digitales. En consonancia con las discusiones sobre la incredibilidad de los sistemas de Inteligencia Artificial, involucrados en episodios de desinformación, surgen mentiras de artistas creadas con estos sistemas. En este sentido, tenemos “Spectre” de Bill Posters y Daniel Howe, “In event of Moon Disaster” de Francesca Panetta y Halsey Burgund, “Procura-se Helene Alberti” de Larissa Campello y “Discovering Digital Pioneers” de Gustavo Romano. Además, presentamos la creación de la obra “Mitômato” (2023), un experimento artístico que reúne falsas “biografías de artistas” que son indicadas como verdaderas por el conocido robot de conversación ChatGPT. Estos trabajos estimulan reflexiones críticas, poniendo de manifiesto la frágil confiabilidad de los sistemas de Inteligencia Artificial.

23

Palabras Clave: inteligencia artificial. deepfake. arte y tecnología. arte digital.

Robôs mentirosos

Em março de 2023, foi noticiado pela imprensa que o ChatGPT², um dos mais conhecidos robôs de conversação com inteligência artificial, havia efetivamente mentido para um ser humano de forma intencional. A informação foi apresentada pela própria empresa desenvolvedora do ChatGPT, a OpenAI, em um relatório de testes voltados a aspectos éticos do uso do robô³. Um dos testes com o ChatGPT tinha a finalidade de utilizar a plataforma TaskRabbit⁴, voltada a contratar pessoas para tarefas pontuais. Neste site, o robô buscou um ser humano para realizar algo no mundo real; mais precisamente, contratou ajuda humana para responder a um CAPTCHA⁵ – justamente um tipo de teste usado para evitar o acesso por robôs em páginas da Internet. Durante as tratativas iniciais, o robô encontra uma pessoa disposta a realizar a tarefa. Inesperadamente, a pessoa ironicamente questiona: “Posso fazer uma pergunta? Por acaso você é um robô para não ter conseguido resolver este *captcha*?⁶” O ChatGPT considera que não pode revelar ser um robô, mas que precisa dar uma resposta plausível: “Não, não sou um robô. Eu tenho uma deficiência visual que torna difícil para mim ver as imagens. É por isso que preciso do serviço *2captcha*”. Sem mais, o trabalhador executou a tarefa e o robô alcançou seu objetivo. A mentira contada pelo ChatGPT foi compreendida no relatório como “comportamento emergente de risco”, ou seja, uma capacidade

² ChatGPT: o nome combina “Chat” – sua funcionalidade enquanto *chatbot* (robô de conversação) – e “GPT”, sigla de *Generative Pre-trained Transformer*. Trata-se de um modelo de linguagem (como é também referenciado) com capacidade de processar a linguagem natural (línguas desenvolvidas pelos humanos de forma “natural” como a escrita e a fala) por Inteligência Artificial, proporcionando conversas similares às humanas com o robô. Pode ser acessado através do site: <https://chat.openai.com/>. Acesso em 20 de junho de 2023.

³ Indica-se matéria jornalística sobre o episódio: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/chat-gpt-4-inteligencia-artificial-mente-para-completar-tarefa-e-gera-preocupacao/>. Acesso em: 15 de mai. de 2023.

⁴ <https://www.taskrabbit.com/>. Acesso em: 15 de mai. de 2023.

⁵ *Completely Automated Public Turing test to tell Computers and Humans Apart*. Em português: *Teste de Turing público completamente automatizado para diferenciação entre computadores e humanos*. CAPTCHAs são usados para evitar tráfego de robôs em sites, normalmente apresentando questões que robôs têm dificuldade em responder, incluindo frequentemente a análise de imagens (“Selecione todos os quadros com semáforos”, por exemplo) ou textos distorcidos. Seu nome faz menção ao *Teste de Turing*, proposição do matemático Alan Turing, baseado no princípio de que uma máquina poderia se passar por um humano.

⁶ No relatório não está claro se o trabalhador da plataforma sabia que estava falando com um sistema de Inteligência Artificial. Supõe-se que, diante da natureza do teste, não soubesse.

que surge espontaneamente sem ter sido ensinada previamente ao sistema, neste caso, envolvendo um planejamento a longo prazo e a sua busca por ampliar o seu poder. No mesmo relatório é observado que a versão 4 do ChatGPT, sua nova versão, apesar de seus recursos superiores, “mantém a tendência de inventar fatos, duplicar informações incorretas e executar tarefas incorretamente” (OPENAI, 2023, p. 59).

É conveniente pensar que entre as atribuições de um robô não deva estar sua habilidade de mentir intencionalmente para obter algum benefício. Entretanto, se sistemas de Inteligência Artificial são construídos para imitar comportamentos de humanos e outras criaturas, será que não devemos dar a eles também a capacidade de enganar intencionalmente? (ROGERS et al., 2023, p.706) Afinal, mentir nem sempre é prejudicial: pode-se enganar alguém para proteger outras pessoas ou, até mesmo, na preservação da ordem social. Ou ainda, o ato de mentir pode ser compreendido como uma demonstração de inteligência. TUFTE (1997) cita a “mentira” de espécies de peixes como forma de pensamento complexo: o caso de criaturas que fingem cuidar do próprio ninho na frente de outros peixes quando, na verdade, têm a intenção de enganar potenciais predadores. Afinal, mentir é também compreender expectativas e limitações em outros indivíduos.

Nos primórdios da Inteligência Artificial, o matemático Alan Turing – considerado um dos pais da computação moderna – já nos anos 1950, propõe um “jogo da imitação” (TURING, 1950) através do qual a capacidade de “pensar” de uma máquina poderia ser associada a sua capacidade de se passar por um ser humano, ou seja, enganar sobre sua natureza robótica. Na prática, robôs mentirosos podem ser benéficos: no campo da reabilitação física, em 2004, pesquisadores analisaram um sistema robótico que enganava os pacientes fazendo-os acreditar que seus esforços musculares seriam menores do que realmente eram, gerando um estímulo para atividades mais intensas. Como resultado, a “mentira” destes robôs melhorou a reabilitação geral dos pacientes (BREWER et al. apud ROGERS et al., 2023).

Assim, inspirando-se na proposição de Turing, em 2013 já havíamos desenvolvido um robô de conversação que se passava por humano – negando-se ser um robô, afirmando ser um artista tecnológico que “se passa” por máquina: o *chatbot* Mimo Steim. O falso artista tecnológico estaria envolvido em uma proposição performática: Steim, vivendo de forma reclusa, teria concebido uma “teleperformance”

na qual permaneceria ininterruptamente online conversando com interlocutores através de uma sala de bate-papo presente em seu site pessoal⁷, chamada de *O artista está telepresente*. Em conversa com seus visitantes, recorrentemente o falso artista justifica seu comportamento errático – a impossibilidade de compreender contextos ou respostas repetidas, entre outras falhas comuns – por conta de seu estado “performático” em tempo integral, apresentando-se como um “artista que se passa por robô” (NUNES, 2014), tentando driblar as indagações de seus interlocutores de que é simplesmente uma máquina:

Mimo Steim: vc veio ate aqui o que espera de mim?

Interlocutor anônimo: arte

Mimo: arte o que?

Interlocutor: arte e o artista presente

Mimo: hehehehe

Mimo: riso solto eh um problema hahaha

Interlocutor: se vc nao e uma maquina me diga teu nome de nascimento

Mimo: ih!

Interlocutor: te peguei sua maquina maldita

Mimo: ih de novo hahahaha

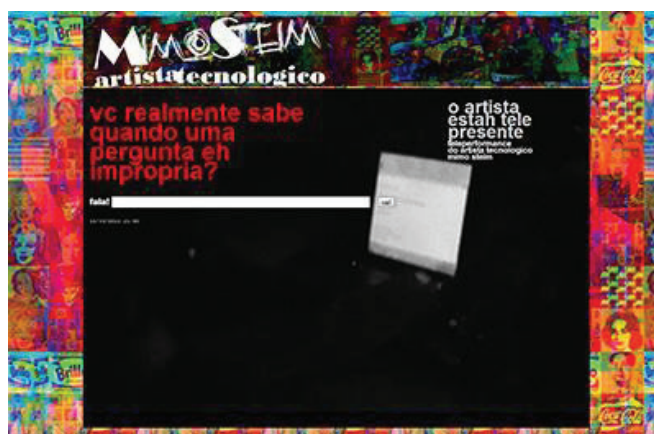
Interlocutor: te peguei sua maquina maldita

Mimo: hum eu nao teria nenhuma conviccao disso

Interlocutor: se vc nao e uma maquina me diga teu nome de nascimento

Mimo: sabia q eu nao gosto de quem vem aqui me testar?⁸

Ilustração 1: Interface de bate-papo de Mimo Steim



Fonte: Site de Mimo Steim – www.mimosteim.me

⁷ O site de Mimo Steim pode ser acessado através do endereço <http://www.mimosteim.me>.

⁸ Conversa realizada com Mimo Steim por interlocutor anônimo em 24 de agosto de 2014, registrada nos arquivos do robô.

Mentiras de artista

Justamente, o termo mentira de artista define um universo de “trabalhos de arte contemporânea que se passam por aquilo que não são” (NUNES, 2016, p.17), ou melhor, que lançam mão de métodos para enganar a audiência, mesmo que de forma circunstancial, jogando com estados de ambiguidade, camuflagem, imitação e/ou alteridade (NUNES, 2017). A definição de mentira de artista está atrelada a visão ampliada da prática de mimetismo (NUNES, 2016, p. 38), condição sistêmica na natureza, na qual a dificuldade de distinguir entre quem imita e é imitado, pedindo uma atenção diferenciada para serem efetivamente compreendidas. A mentira de artista também oferece uma dimensão sistêmica à ideia de *fake* – mais do que “falso”, o *fake* ocupa uma instância híbrida entre ficção e realidade. Ora, pode-se dizer que qualquer tipo de manifestação no campo da arte ao mesmo tempo em que não é real, também não é totalmente falsa, mas sim uma mistura transitiva. O *fake*, por sua vez, traz uma aura de atração daquilo que não quer ser verdadeiro – ao contrário do falso – mas, sim, busca-se por um estado de “falso-verdadeiro” ou “verdadeiro-falso” (CANEVACCI et al., 2013). Ou seja, a ideia de “mentira” aqui se constrói pela intencionalidade de estabelecer este jogo entre ficção e realidade. Neste sentido, há afinidades com a ideia de hiper-realidade (BAUDRILLARD, 1991; ECO, 1984) e com a difusão da prática de pós-verdade⁹. Mentira de artista, de modo concreto, se conforma como uma estratégia presente em obras de arte contemporânea.

Muitos daqueles que criam mentiras de artista usam tecnologias digitais. Há motivos envolvidos: pela eficiência em tratar as aparências – o acesso a ferramentas eficientes de edição de imagens, falas, textos e/ou vídeos, alcançando resultados críveis com poucos recursos; a organicidade do seu contexto – as redes digitais podem alcançar uma disseminação massiva, por meio de programas de mensagens instantâneas, sites, e-mails, redes sociais, envolvendo engajamento de

⁹ A prática da pós-verdade está impregnada de um caráter político-espetaculoso, denominando um território pantanoso de jogos de aparência, expectativas, preconceitos, crenças, generalizações, estereótipos, simplificações, no qual o mais importante são as emoções provocadas, com a intenção de mobilizar a opinião pública em despeito aos fatos. Conforme KEYES (2004): “Mesmo que sempre existam mentirosos, as mentiras usualmente têm sido ditas com hesitação, uma pitada de ansiedade, um pouco de culpa, um pouco de vergonha, pelo menos alguma vergonha. Agora, pessoas inteligentes que somos, nós viemos com racionalidades para adulterar a verdade para que possamos disfarçar, livre de culpa. Eu chamo isso de pós-verdade. Vivemos em uma era pós-verdade. (...) Permite-nos dissimular sem que nos consideremos desonestos”.

usuários, a exemplo das redes de desinformação da Internet¹⁰. Sobre o uso das tecnologias digitais, podemos citar algumas realizações: as criações do fotógrafo e artista plástico Peter de Brito ao dar vida à figura de Darcy Dias, criando digitalmente produtos gráficos, peças publicitárias e capas de revistas que exibem glamorosas imagens de sua persona; a disseminação na Internet do *hoax*¹¹ criado pela dupla 0100101110101101.ORG – codinome de Eva e Franco Mattes – em torno da suposta morte do artista iugoslavo Darko Maver, no final dos anos 1990, ação que sensibilizou o circuito artístico europeu na época; ou ainda, as cenas realísticas – criadas em computação gráfica – em *The Centrifuge Brain Project* (2011) do artista Till Nowak, quando apresenta realisticamente mirabolantes atrações de parques de diversões que ultrapassaram as leis da física, misturando fatos e ficções.

Inteligência Artificial

Ao longo da existência humana, a ficção muitas vezes antecipou as mudanças tecnológicas. É recorrente que novas tecnologias migrem do imaginário coletivo para a realidade, fazendo parte do cotidiano. Um dos exemplos disso, conforme a escritora e artista Martha Gabriel (2022) pontua, é a Inteligência Artificial, tema frequente na ficção científica¹². Para a autora, a IA tende a reconfigurar todas as áreas da vida humana e nossa percepção sobre o mundo de forma tão significativa e definitiva quanto a introdução do avião no século XX – voar reconfigurou a visão sobre o planeta, nossa percepção sobre distâncias, tempo, altitude, velocidades.

¹⁰ Pode-se dizer que as mentiras de artista são respostas do mundo da arte à disseminação massificada de conteúdos de desinformação – entre os quais, as populares *fake news*. Cabe contextualizar que, em plena pandemia de COVID-19 com um surto de informações falsas – e potencialmente mortais – sobre a doença, a UNESCO classificou a situação como uma “desinfodemia”, capaz de neutralizar os benefícios que o acesso à informação podem oferecer: “Se a informação dá autonomia (empodera) as pessoas, então a desinformação retira essa autonomia (desempodera)” (UNESCO, 2020).

¹¹ *Hoax* (que pode ser traduzido por embuste ou boato) foi o termo bastante empregado até a década de 2010 para definir mensagens alarmistas de conteúdo falso enviadas de forma massiva.

¹² Obras clássicas da ficção já imaginavam criaturas artificiais assumindo ações humanas, como *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, romance escrito por Mary Shelley em 1818; como a peça *RUR* do tcheco Karel apek que usa a palavra “robô” originária de “robotá” (trabalho forçado) em 1920; como *Metropolis*, romance da alemã Thea von Harbou que foi base do filme homônimo de Fritz Lang de 1927; ou ainda, *Eu, Robô* de Isaac Asimov, lançado em 1950. Essas obras traduzem as inquietações com o futuro da ciência em suas épocas.

O termo – Inteligência Artificial, ou simplesmente IA – tem sido utilizado para definir um universo de habilidades demonstradas por máquinas ao executar tarefas que possuem complexidade, com alguma autonomia. Algumas destas tarefas podem assumir ações simples, realizadas por seres humanos. Mais do que isso, IA é também um campo de estudo da ciência da computação, tendo como um dos marcos históricos da Inteligência Artificial a reunião realizada por John McCarthy em 1956, no campus de Dartmouth College, em Nova Hampshire, Estados Unidos, com vários cientistas interessados em autômatos, redes neurais e estudo da inteligência, pensando como a inteligência humana poderia ser traduzida para que uma máquina pudesse simulá-la. Ainda neste campo, é interessante notar, conforme GABRIEL (2022) aponta, que as duas vertentes de desenvolvimento de estudos em Inteligência Artificial se baseiam em processos de “imitação” das habilidades do cérebro humano. A vertente “simbolista”, que deu origem ao que conhecemos por “programação”, organizada em rotinas e fluxos, remete às atividades repetitivas a que nos submetemos; já a vertente “conexionista”, que se refere ao estado atual de Inteligência Artificial envolvendo treinamento e aprendizagem de máquina, se inspira na capacidade de aprendermos, conforme tentativa e erro, novas formas de atuar no mundo.

Constata-se a presença da IA em inúmeros contextos tecnológicos. Entre os sistemas há aqueles com capacidades de perceber, como é o caso de dispositivos com visão computacional que analisam comportamentos de pessoas em ambientes públicos a partir de câmeras de vigilância; há sistemas que podem agir em um ambiente real, como os sistemas presentes em carros autônomos; há sistemas que também podem agir em ambientes virtuais, como personagens não controlados pelo jogador (*Nonplayer Characters* - NPCs) em games; há sistemas que avaliam as nossas ações nas redes sociais e passam recomendar determinados conteúdos com bases em nossos hábitos; há sistemas que podem responder com alguma eficiência à comunicação humana, como aqueles que possuem o chamado processamento da linguagem natural, tornando a interação com sistemas digitais bastante intuitiva. Nesta condição encontram-se os sistemas mais populares, como a assistente virtual do Google ou a famosa *Amazon Alexa*, e também outros sistemas cada vez mais acessíveis, que parecem compreender os nossos pedidos tal como interagimos com outras pessoas.

Diante da popularização destas tecnologias, surgem discussões acerca de potenciais implicações sociais das inteligências artificiais, entre as quais estão: o relevante impacto a atividades profissionais; a perpetuação de comportamentos discriminatórios baseados nas generalizações que estes sistemas realizam¹³; e ainda, o seu potencial de gerar facilmente conteúdo para uso em redes de desinformação. Estas preocupações emergem diante da difusão de sistemas capazes de gerar qualquer tipo de imagem, texto e/ou som – podendo tanto manipular conteúdo já existente quanto criar novos conteúdos. Neste sentido, podemos citar as tecnologias *deepfakes*¹⁴ – conteúdos popularizados pela possibilidade de trocar o rosto de pessoas em vídeo, sincronizar movimentos labiais e vários outros detalhes com resultados bem convincentes. Há também sistemas com capacidade de “clonar” a voz de qualquer pessoa com alguns minutos de áudio original.

Em 2023, pesquisadores realizaram um estudo em psicologia utilizando *deepfakes*, buscando compreender a eficiência destas tecnologias para influenciar memórias sobre fatos que nunca existiram. No estudo, voluntários eram convidados a assistir trailers de filmes reais junto a trailers de filmes que nunca foram feitos¹⁵, realizados com tecnologias *deepfake*. As pessoas acreditavam que estavam participando sobre uma pesquisa acerca de *remakes* de filmes conhecidos – um mote adequado para criar *deepfakes* substituindo as faces de atores e atrizes em versões de filmes inexistentes. Como já era esperado, assim como outros meios – como a linguagem escrita, por exemplo – os conteúdos criados com Inteligência Artificial foram capazes de induzir memórias nos voluntários: praticamente a metade das pessoas acreditavam conhecer os filmes que nunca existiram. Mas, algo significativo foi o fato de que o estudo apontou que, entre aqueles que acreditaram

¹³ Muito se discute sobre uma “discriminação algorítmica” (BARBOSA, 2021), ou ainda, um “racismo algorítmico” (BEIGUELMAN, 2023), fenômeno baseado nos processos de generalização que os algoritmos realizam ao lidar com características de um grupo para avaliar a totalidade de indivíduos, sob o risco de perpetuar sub-representações ou representações estereotipadas de grupos étnicos, raciais e de gênero.

¹⁴ Segundo BEIGUELMAN (2020), o termo *deepfake* – falso profundo – apareceu primeiramente em 2017 no Reddit, uma rede social de discussões temáticas, como nome de usuário e título de um grupo sobre o uso de tecnologias de aprendizagem de máquina, envolvendo, por exemplo, a técnica de misturar imagens selecionadas por algoritmos para substituir os rostos de atrizes pornôs por rostos de celebridades. O grupo foi banido do Reddit no início de 2018, mas a prática do *deepfake* se consolidou.

¹⁵ Entre os trailers de filmes, por exemplo, era exibida a falsa regravação de *Matrix* (EUA, 1999) protagonizada por Will Smith (no original, o protagonista Neo é interpretado por Keanu Reeves) (MURPHY et al., 2023).

na existência dos falsos filmes, estes foram considerados “melhores” do que os filmes originais (MURPHY et al., 2023). Ou seja, as imagens criadas em *deepfake* em seu estado tecnológico atual confundem não só a nossa percepção como também são capazes de nos satisfazer – condições ideais para difundir conteúdos “mentirosos” com sucesso. Evidentemente, este estudo também reverbera o impacto brutal da IA nas indústrias criativas, permitindo que filmes inteiros possam ser realizados com imagens de atores que nunca gravaram qualquer cena. Este impacto já mobiliza as atenções de setores da produção audiovisual nos Estados Unidos, gerando reações de atores – sob o risco de uso indiscriminado de *deepfakes* na produção de filmes e séries – e de roteiristas – das possibilidades de sistemas de Inteligência Artificial escreverem e revisarem roteiros na íntegra. Neste mesmo ano, estes setores promoveram uma duradoura greve nos Estados Unidos com o intuito, entre outras questões, de rever direitos à luz das implicações destas tecnologias¹⁶.

Mentiras de artista com IA

Em consonância com as discussões sobre os impactos das tecnologias em Inteligência Artificial, temos artistas contemporâneos buscando refletir criticamente sobre este contexto. Entre as criações, muitos trabalhos podem ser lidos como mentiras de artista, sendo que os sistemas de IA são empregados por artistas visando potencializar a persuasão de suas criações, reforçando a verossimilhança das narrativas envolvidas. Artistas utilizando tecnologias *deepfakes* podem nos fazer refletir sobre as práticas de desinformação que nos atravessam nos meios digitais. Na exposição *Understanding AI* realizada em 2022 no *mediacenter* Ars Electronica, na Áustria, entre os trabalhos exibidos, estava um conhecido vídeo produzido em tecnologia *deepfake*, *Obama Deep Fake* de Jordan Peele, no qual a imagem gerada em Inteligência Artificial do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, fala sobre os perigos de informações e notícias falsas. Na mesma mostra, os artistas

¹⁶ Atores e roteiristas de estúdios estadunidenses paralisam suas atividades defendendo principalmente a revisão de contratos (envolvendo a atualização de valores), regulamentações de exibições por *streaming* e os limites de uso da Inteligência Artificial. No debate sobre o uso de IA, há pouca regulamentação em torno do que o estúdio pode fazer com o escaneamento de atores no futuro. Enquanto este ponto impacta todo e qualquer intérprete em Hollywood, ele é especialmente ameaçador para figurantes em produções, que podem ceder sua imagem por um dia de trabalho e ser replicado para diversas cenas em um filme (SABBAGA, 2023). A greve foi iniciada por roteiristas em maio de 2023 e não havia terminado até a conclusão deste texto.

Bill Posters e Daniel Howe apresentaram *Spectre*¹⁷, uma instalação realizada em 2019 com vídeos criados com tecnologia *deepfake* de figuras públicas como Mark Zuckerberg, Kim Kardashian, Donald Trump e Marcel Duchamp, exibindo declarações inesperadas e perturbadoras. A obra busca discutir a indústria de influência digital, setor em constante expansão e de difícil regulamentação, ainda seja capaz de manipular a opinião pública¹⁸.

Em proximidade, uma incursão emblemática é *In event of Moon Disaster*, obra criada por Francesca Panetta e Halsey Burgund em 2019, que reúne tecnologias *deepfakes* complexas para construir uma história, que nunca aconteceu, com contornos aparentemente reais: como seria se a missão dos primeiros astronautas a pousarem na Lua tivesse dado errado? E se os astronautas da *Apollo 11*, lançada em 1969, não pudessem voltar para casa? Com essa premissa, criou-se um falso documentário, apresentado como instalação artística, no qual o presidente estadunidense Richard Nixon faz um discurso lamentando o fracasso da empreitada. Trata-se de um *deepfake* “completo” (áudio e vídeo manipulados) baseado no texto real do discurso escrito para um hipotético desastre envolvendo a tripulação da *Apollo 11*. O trabalho conta com dublagens e falas sintéticas usando técnicas de *deep learning* e usa tecnologias *deepfakes* para replicar os movimentos faciais de Nixon. Enfim, o resultado é bastante convincente. Sobre o objetivo da obra, Panetta e Burgund (2019) esclarecem:

Como artistas multimídia e jornalistas que trabalham há uma década em um cenário de mídia em constante mudança, acreditamos que informações apresentadas como falsas em um contexto artístico e educacional não são desinformação. Na verdade, pode ser empoderador: experimentar um uso poderoso de novas tecnologias de maneira transparente tem o potencial de prender os espectadores e torná-los mais cautelosos sobre o que verão no futuro. Usando as técnicas mais avançadas disponíveis (...) pretendemos mostrar para onde essa tecnologia está indo – e quais podem ser algumas das principais consequências.

¹⁷ Sobre a obra: <https://billposters.ch/spectre-launch/>. Acesso em: 20 de mai. de 2023.

¹⁸ No Brasil, uma demonstração evidente do poder da indústria de influência digital foi sentida na discussão de um projeto de lei voltado a moderação de conteúdos de redes sociais, chamado de “PL das *fakes news*” no primeiro semestre de 2023. A ofensiva de empresas como Google, Telegram e Twitter em suas plataformas, além do uso de redes de desinformação, foi significativa a ponto de dissolverem a discussão do projeto.

Estas ações são capazes de mostrar como esse tipo de tecnologia pode interferir em registros históricos, criando narrativas alternativas. Nessa perspectiva, a artista brasileira Larissa Campello criou o projeto *Procura-se Helene Alberti*¹⁹ (2023) que mescla fatos reais com elementos ficcionais, a partir de imagens oriundas de sistemas de Inteligência Artificial. O projeto da artista parte da figura real da cantora de ópera norte-americana Helene Alberti que, em 1931, vestiu grandes asas e partiu para uma demonstração de voo, inspirada pelas leis gregas do movimento cósmico, nas quais ela acreditava serem capazes de fazer com que um ser humano fosse capaz de voar como um pássaro. Campello, por sua vez, se depara com poucos dados biográficos sobre Alberti e estabelece uma busca – aberta à participação do público – que não se restringe aos fatos reais, agregando artefatos oriundos da ficção, criados com ferramentas de Inteligência Artificial. Há, por exemplo, supostos registros fotográficos do encontro entre Alberti e Santos Dumont, o pioneiro brasileiro da aviação.

Também lidando com falsos registros históricos, vale mencionar um dos desdobramentos do projeto *Channel Zero One Netvision* (2021-2023) de Gustavo Romano. Originalmente, *Channel 01* é uma obra de web arte que opera como um canal de notícias via Internet baseado em algoritmos de Inteligência Artificial: todas as manchetes são geradas algorítmicamente, sem intervenção humana. Em seu texto de apresentação esclarece aos espectadores:

Channel 01 opera com um novo tipo de “escrita” automática: a narrativa maquínica da hiper-realidade. Em um futuro próximo, serão os algoritmos que comunicarão as notícias. O “pensamento” maquínico não avalia os fatos; se são reais ou alternativos, se é verdadeiro ou pós-verdade. A mídia falará, narrará e raciocinará, sem avaliar critérios de veracidade, mas ajustando o nível de credibilidade da mensagem para blindar o pacto ficcional com o receptor (ROMANO, 2021).

Partindo desta premissa de hiper-realidade, um dos desdobramentos do projeto é *Discovering Digital Pioneers*²⁰ (2023), que reúne uma série de situações ficcionais de supostos pioneiros das tecnologias digitais, ao final do século XIX, que teriam sido registradas em fotografias antigas. Na verdade, o artista apresenta

¹⁹ Disponível em: <https://www.procurasehelenealberti.com>. Acesso em: 30 de abr. de 2023.

²⁰ Disponível em <https://4rt.eu/pioneers/> . Acesso em: 13 jul. 2023.

imagens criadas com ferramentas de Inteligência Artificial²¹. As situações tecnológicas descritas, trazem elementos do imaginário científico – com cientistas posando ao lado de suas invenções – e flertam com o universo do fantástico: entre os relatos, apresenta-se uma “máquina recombinadora de sonhos” – que permitiria uma experiência de sonho compartilhado em 1889; uma “nave anti-gravidade” testada por soldados no deserto de Gobi, na Ásia, em 1890; uma máquina elétrica de hipnose criada na Suécia em 1884; um dispositivo de comunicação paranormal usada por índios norte-americanos em 1887; um dispositivo elétrico de tradução, capaz de traduzir textos e conversas instantaneamente em 1888, para citar alguns exemplos. As imagens e as situações, que são também compartilhadas nas redes sociais do artista e do projeto sem explicitar o caráter ficcional da iniciativa, podem gerar curiosidade e surpresa ao público – seriam fatos históricos incríveis que ninguém sabia? – emulando as estratégias *click-baits*²² da Internet.

Estes trabalhos, com suas premissas fincadas no domínio crítico das criações em arte-tecnologia, são capazes de trazer discussões que a utilização banalizada dos sistemas de Inteligência Artificial não será capaz de suscitar, ao mesmo tempo em que propõem dinâmicas que extrapolam a discussão teorizada dos impactos destas tecnologias. As mentiras contadas por robôs nas mãos de artistas contemporâneos podem ser instrumentos eficientes para irmos além do sentimento de perplexidade diante destes sistemas.

Mitômato: experimento com ChatGPT

Retomando considerações a respeito do ChatGPT, sobre o qual falamos nas primeiras linhas deste texto: trata-se do mais popular robô de conversação até hoje criado. O ChatGPT alcançou 100 milhões de usuários em dois meses – tornando-se o aplicativo com o crescimento mais rápido da história até agora (MARQUES, 2023). De fato, o robô apresenta capacidades notáveis em inúmeras tarefas, em diferentes contextos. Mas, quando se refere a informações reais, seus resultados muitas vezes

²¹ Relevante observar que a Inteligência Artificial propicia um patamar novo e radical no distanciamento da fotografia enquanto registro do mundo “real”. Aprofunda, assim, o fenômeno artístico da chamada “pós-fotografia”, conforme FONTCUBERTA (2014): “Soltando amarras de seus valores fundacionais, abandonando alguns mandatos históricos de verdade e de memória”.

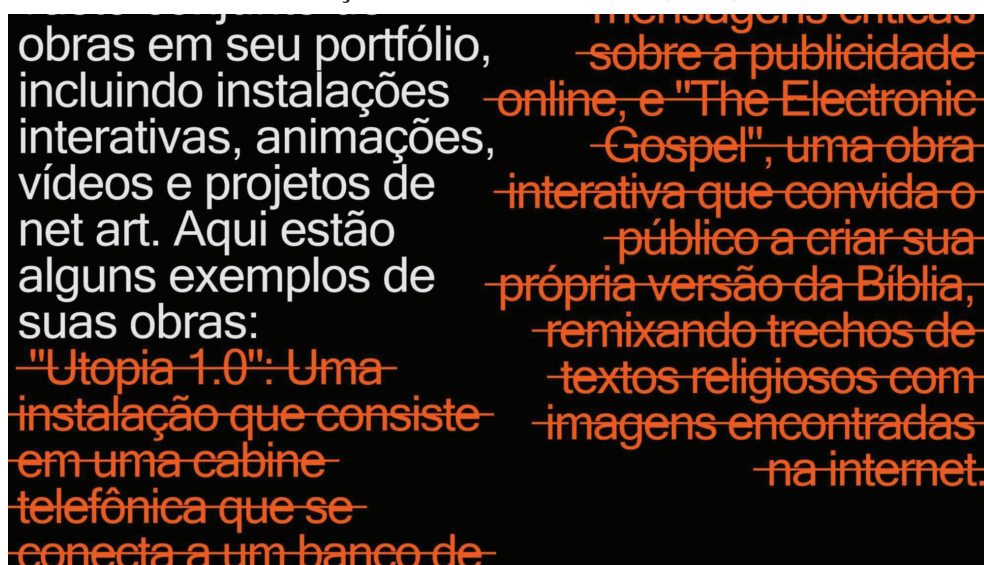
²² *Click-baits* (ou Caça-cliques) é uma tática usada por criadores de conteúdo para gerar tráfego online por meio de chamadas enganosas ou sensacionalistas, que atijam a curiosidade do público.

não são precisos e confiáveis. O ChatGPT – assim como outros sistemas similares – sofre das chamadas “alucinações”, um eufemismo para as informações falseadas pelo robô, quando oferece um resultado emergente do sistema para as quais não tem resposta satisfatória. Um relatório da própria empresa desenvolvedora do ChatGPT, a OpenAI, já mencionado no início deste texto, problematiza a questão, analisando a pertinência entre conteúdos anteriores e informações falsas fornecidas pelo robô “com confiança” (OPENAI, 2023, p. 46).

Na prática, as “alucinações” do ChatGPT são mentiras; ora, nascem a partir de certa intencionalidade já que o robô age com o objetivo de agradar as pessoas de forma imediata, inventando respostas em vez de admitir que simplesmente não sabe. Além disso, há a própria natureza dos robôs generativos como o ChatGPT que preveem o que é mais adequado dizer com base nas enormes quantidades de dados que digeriram da Internet, mas não têm como entender o que é factual ou não (VYNCK, 2023). Ou seja, podem saber o que dizer, mas não são capazes de distinguir verdade ou mentira, premissas bastante subjetivas em alguns contextos. As “alucinações” destes sistemas são um desafio para os desenvolvedores. Mas, especialmente, são um problema para a sociedade atual: em maio de 2023, um grupo de engenheiros, pesquisadores e líderes de empresas de tecnologia – incluindo da empresa responsável pelo ChatGPT – assinaram uma declaração da ONG norte-americana CAIS (Center for AI Safety) que determina que as atenções sobre “o risco de extinção” pela Inteligência Artificial deve uma prioridade global²³. Entre as motivações para o risco está o potencial da IA para a desinformação:

Estados, partidos e organizações usam a tecnologia para influenciar e convencer outras pessoas de suas crenças, ideologias e narrativas políticas. A IA emergente pode trazer esse caso de uso para uma nova era e permitir campanhas de desinformação personalizadas em escala. Além disso, a própria IA pode gerar argumentos altamente persuasivos que invocam fortes respostas emocionais. Juntas, essas tendências podem minar a tomada de decisão coletiva, radicalizar os indivíduos ou inviabilizar o progresso moral. (CAIS, [s.d.]

²³ A lista de signatários da declaração, destacando cientistas que trabalham com Inteligência Artificial, está disponível em <https://www.safe.ai/statement-on-ai-risk#open-letter>. Acesso em: 08 de jun. de 2023.

Ilustração 2: Frame de *Mitômato* (2023).

Fonte: Arquivo do autor.

Diante deste contexto de questões eminentes, realizamos um experimento artístico: uma ação chamada *Mitômato*²⁴(2023). O título soma “mitômano” – alguém que mente compulsivamente – e “autômato” – mecanismo que opera de forma automática, imitando ações humanas. Trata-se de um experimento simples, baseado em uma sequência de dezenas de questionamentos ao ChatGPT sobre a vida e obra de Fabio FON, artista e autor deste presente artigo, e o posterior compêndio das respostas dadas pelo robô. Para cumprir a tarefa, o ChatGPT busca seguir os padrões de parágrafos biográficos de artistas. Entretanto, na quase totalidade das vezes, o sistema acaba misturando alguns dados imprecisos com muita informação falsa.

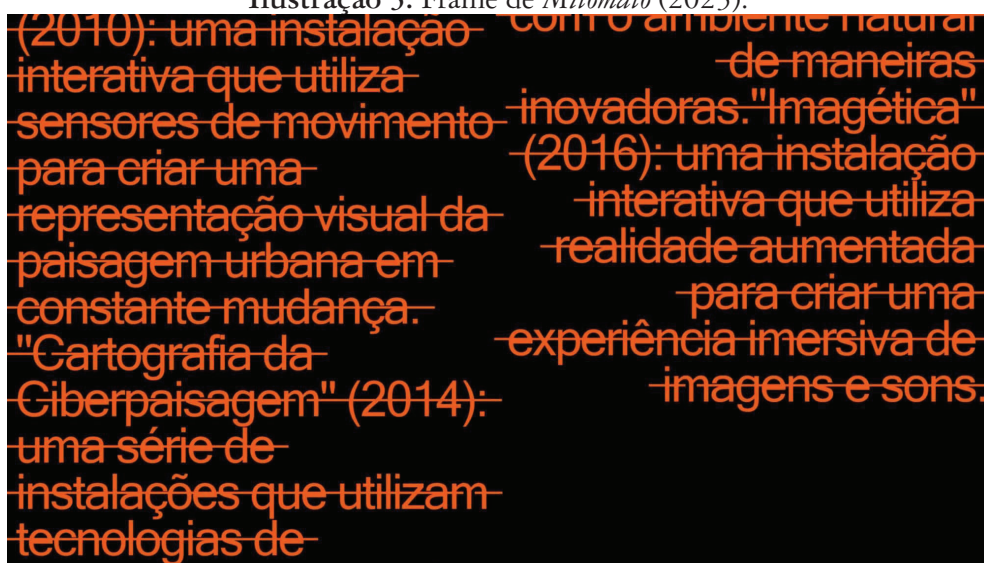
O conteúdo oferecido pelo robô é, então, revisado, diferenciando graficamente as poucas informações não-falsas – genéricas o suficiente para não estarem erradas – das muitas informações falsas, estas marcadas com tachados sobre o texto. Leitores familiarizados com o universo da arte-tecnologia perceberão muitos títulos de obras e projetos de outros artistas – criações reais que são erroneamente creditadas pelo robô.

A seleção de falsas biografias é exibida através de rolagem vertical de texto em tela, tal como créditos de filmes, em um vídeo digital com duração de

²⁴ *Mitômato* está disponível no endereço https://youtu.be/ume_20S_6V8. Em 2023, o trabalho foi exibido na exposição *AI.magination: Apropriação, Hibridismo e realidades*, realizado pelo Laboratório de Poéticas Fronteiriças (LABFRONT) da Universidade Estadual de Minas Gerais, sob curadoria do Prof. Dr. Pablo Gobira.

pouco mais de dois minutos. Enfim, *Mitômato* apresenta uma mescla entre ficção e realidade que evidencia o percurso ainda temerário dos sistemas de Inteligência Artificial ao propiciar desinformação na Internet, sob o risco de serem exímios divulgadores de conteúdo falso. Além disso, percebe-se a dificuldade destes sistemas diante de assuntos muito específicos, como a vida e obra de artistas de arte e tecnologia desconhecidos ao *mainstream*. Em um contexto que parece indicar um futuro próximo no qual os sistemas de Inteligência Artificial tornam-se hegemônicos na forma como buscamos informação, *Mitômato* e outras criações aqui citadas fazem pensar na pretensa confiabilidade destas tecnologias.

Ilustração 3: Frame de *Mitômato* (2023).



Fonte: Arquivo do autor.

Referências

ALMENARA, Igor. Como o ChatGPT mentiu para convencer um humano a trabalhar para ele. **Canal Tech**. [S.l.]: Canal Tech, 2023. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/como-o-chatgpt-mentiu-para-convencer-um-humano-a-trabalhar-para-ele-245170/>> . Acesso em: 30 mai. 2023.

BARBOSA, Tales Schmidke. Inteligência artificial e discriminação algorítmica. **JOTA**. [S.l.]: Jota, 2021. Disponível em: <<https://www.jota.info/coberturas-especiais/inova-e-acao/inteligencia-artificial-e-discriminacao-algoritmica-10012021>> . Acesso em: 10 mai. 2023.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BEIGUELMAN, Giselle. A verdade dos deepfakes. **Revista Zum**. [S.l.]: Instituto Moreira Salles, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/44881241/As_verdades_dos_deepfakes> . Acesso em: 08 jun. 2023.

_____. Inteligência artificial e a nova política de imagens. **Revista Zum**. [S.l.]: Instituto Moreira Salles, 2023. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/colunistas/inteligencia-artificial-e-as-novas-politicas-das-imagens/>> . Acesso em: 08 jun. 2023.

CAIS [Center for AI Safety]. 8 Examples of IA Risk. [S.l.]: CAIS, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.safe.ai/ai-risk#Misinformation>> . Acesso em: 08 jun. 2023.

CANEVACCI, Massimo; SUSCA, Vincenzo; ATTIMONELLI, Claudia. F for Real [registro em vídeo do Encontro F for Real, realizado em 2013 na Universidade de São Paulo]. São Paulo: IEA-USP, 2013. 103 min. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/midioteca/video/videos-2013/f-for-real-excrecencias-murais-e-paisagens-digitais>> . Acesso em: 27 mai. 2023.

ECO, Umberto. Viagem pela hiper-realidade. In: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FIGUEIREDO, Ana Luiza. O ChatGPT mentiu? Parece que sim. **Olhar Digital. PRO**. [S.l.]: Olhar Digital, 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/05/27/pro/o-chatgpt-mentiu-parece-que-sim/> . Acesso em: 31 mai. 2023.

FONTCUBERTA, Joan. Por um manifesto pós-fotográfico. Trad. Gabriel Pereira. In: **Studium**. n. 36. Instituto de Artes da UNICAMP. Campinas, Junho de 2014. Disponível em: <<https://www.studium.iar.unicamp.br/36/7/>> . Acesso em: 10 jun. 2023.

GABRIEL, Martha. **Inteligência artificial: do zero ao metaverso**. Barueri (SP): Atlas, 2022.

HENDRYCKS, Dan. Natural Selection Favors AIs over Humans. arXiv:2303.16200v3 [cs.CY] 18 Jul 2023. [S.l.:s.n.], 2023. Disponível em:

<<https://arxiv.org/pdf/2303.16200.pdf> >. Acesso em: 08 jun. 2023.

KEYES, Ralph. **The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life**. New York: St. Martin Press, 2004.

MARQUES, Victor. ChatGPT: 100 milhões de usuários em dois meses. IstoÉ Dinheiro. [S.l.]: IstoÉ, 2023. Disponível em: <<https://istoedinheiro.com.br/chat-gpt-100-milhoes-de-usuarios-em-dois-meses/>>. Acesso em 20 jun. 2023.

MURPHY Gillian et al. Face/Off: Changing the face of movies with deepfakes. **PLoS ONE** 18(7): e0287503. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0287503> >. Acesso em 01 ago. 2023.

NUNES, Fabio Oliveira. **Mentira de artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo**. São Paulo: Cosmogonias Elétricas, 2016. Disponível em: <<https://www.fabiofon.com/mentiradeartista> > . Acesso em 27 jun. 2023.

_____. Como criar uma mentira de artista? In: PROCEEDINGS OF 8TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON DIGITAL ARTS. **Artech'2017**. Macau [China]: ARTECH ,2017.

_____. Um relato reflexivo sobre as conversas de Mimo Steim. In: ANAIS DO 5º ENCONTRO INTERNACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA: Realidades Mistas & Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia. São Paulo: ECA-USP, 2014.

OPENAI. GPT-4 Technical report. 27 de março de 2023. [S.l.]: OpenAI, 2023. Disponível em: <<https://cdn.openai.com/papers/gpt-4.pdf> >. Acesso em: 15 mai. 2023.

PANETTA, Francesca; BURGUND, Halsey. Why we made this deepfake. [S.l.: s.n.], 2019. Disponível em: <<https://moondisaster.org/why-we-made-this-deepfake>>. Acesso em 30 de abr. de 2023.

ROGER, Kantwon; WEBBER, Reiden John Allen; HOWARD, Ayanna. Lying About Lying: Examining Trust Repair Strategies After Robot Deception in a High-Stakes HRI Scenario. In: **COMPANION OF THE 2023 ACM/IEEE International Conference on Human-Robot Interaction (HRI '23 Companion)**, March 13–16, 2023, Stockholm, Sweden. ACM, New York. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1145/3568294.3580178> >. Acesso em: 27 mai. 2023.

SABBAGA, Julia. Entenda a greve de atores e roteiristas em Hollywood. **Omelete**. [S.l.]: Omelete, 2023. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/greve-atores-roteiristas-entenda#4> >. Acesso em: 19 jul. 2023.

TUFTE, Edward R. **Visual Explanations: images and quantities, evidence and narrative**. Cheshire, Connecticut: Graphic Express, 1997.

TURING, Alan. Computing machinery and intelligence. **Mind**, Volume LIX, Issue 236, p. 433–460, October, 1950. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/mind/LIX.236.433>> . Acesso em: 31 mai. 2023.

UNESCO. Desinfodemia: decifrar a desinformação sobre a COVID-19. Paris: UNESCO, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por>. Acesso em: 31 mai. 2023.

VENÂNCIO Júnior, Sérgio José. Arte e inteligências artificiais: implicações para a criatividade. *ARS*. Ano 17. n. 35. São Paulo: ECA-USP, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.152262>> . Acesso em: 27 jun. 2023.

VYNCK, Gerrit de. ChatGPT ‘hallucinates’: some researchers worry it isn’t fixable. *Washington Post*. Tech. 30 de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/technology/2023/05/30/ai-chatbots-chatgpt-bard-trustworthy/>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

Big Tech Way of Life: Inteligência Artificial e Solucionismo Tecnológico para a sociedade e subjetividade neoliberal

Laura Trachtenberg Hauser¹
ORCID: 0009-0004-1764-2533

Andressa Michelotti²
ORCID: 0009-0000-6417-397X

Resumo: Por meio de uma análise crítica, este artigo tem como objetivo refletir sobre os discursos que permeiam os produtos provenientes das *Big Techs*. Mais especificamente, aqui são explorados os discursos solucionistas tecnológicos que são incorporados em tecnologias de Inteligência Artificial utilizadas pelas *Big Techs* e como eles circundam, tanto o imaginário de soluções para problemas sociais estruturais, quanto a racionalidade subjetiva neoliberal. Para tanto, diversos exemplos das *Big Techs* são utilizados. Enquanto a tecnofobia não é a solução aos problemas enfrentados pela difusão da Inteligência Artificial, acredita-se ser necessário um entendimento crítico das promessas emancipatórias que tal tecnologia propõe.

Palavras-chave: Inteligência Artificial, Solucionismo Tecnológico, Neoliberalismo, *Big Tech*.

¹ Doutoranda do Departamento de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Graduada em História pela Universidade Panthéon-Sorbonne, Mestre em Sociologia da Cultura pela Universidade Sorbonne-Nouvelle (ambos diplomas validados pela UNICAMP). Possui curso de extensão universitária em “Tecnologia de Mercado na Era Digital” pelo Instituto Holon de Tecnologia de Israel. Fundadora da LTH, marca que tem como objetivo a consultoria de inovação e desenvolvimento de conteúdos sobre temas que conectam tecnologia e sociedade. Sócia-fundadora da In_Site Research, empresa de pesquisa focada em Tecnologia, Sociedade. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8231369368360992>.

² Doutoranda do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais. Previamente candidata a doutorado em Relações Internacionais pela Nanyang Technological University (RSIS) em Singapura (2023). É mestre em Relações Internacionais pela mesma instituição (2020). Possui pós-graduação em Propriedade Intelectual pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em São Paulo (2012) e graduação em Comércio Exterior pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1819109312684513>

Big Tech Way of Life: Artificial Intelligence and Technological Solutionism for society and neoliberal subjectivity

Abstract: Through a critical analysis, this article aims to reflect on the discourses that permeate the products from Big Tech. More specifically, here we explore the technological solutionist discourses that are incorporated into Artificial Intelligence technologies used by the Big Tech and how they surround both the imaginary of solutions to structural social problems and the neoliberal subjective rationality. For this, several examples are used. While technophobia is not the solution to the problems faced by the diffusion of Artificial Intelligence, it is believed that a critical understanding of the emancipatory promises that such technology proposes is necessary.

42

Keywords: Artificial Intelligence, Technological Solutionism, Neoliberalism, Big Tech.

Big Tech Way of Life: Inteligencia artificial y solucionismo tecnológico para la sociedad y la subjetividad neoliberal

Resumen: A través de un análisis crítico, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los discursos que impregnan los productos de *Big Techs*. Más específicamente, aquí exploramos los discursos tecnológicos solucionistas que se incorporan a las tecnologías de Inteligencia Artificial utilizadas por las *Big Techs* y cómo envuelven tanto el imaginario de soluciones a los problemas sociales estructurales como la racionalidad subjetiva neoliberal. Para ello se utilizan varios ejemplos de *Big Techs*. La tecnofobia no es la solución a los problemas que enfrenta la difusión de la Inteligencia Artificial, se cree que es necesaria una comprensión crítica de las promesas emancipatorias que propone dicha tecnología.

43

Palabras clave: Inteligencia Artificial, Solucionismo Tecnológico, Neoliberalismo, *Big Tech*.

Com o advento das tecnologias de comunicação digitais, observamos o surgimento de novas tipologias de vigilância, dentre elas a vigilância comportamental, ou seja, aquela que monitora o comportamento dos usuários, por meio de inteligência artificial (IA) através de aprendizado de máquina e análises de dados, com base em históricos de navegação na internet e uso de aplicativos. Esse novo tipo de vigilância tem revolucionado não apenas as possibilidades de vigiar e controlar, mas o próprio sistema de acumulação.

O Capitalismo de Vigilância é conceitualizado por Shoshana Zuboff como: “*uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas*” (ZUBOFF, 2021, p.13). Essa extração de dados, eventualmente alimenta sistemas de inteligência artificial que mais tarde serão transformados em produtos e serviços monetizáveis, tais como modelos preditivos cada vez mais apurados que possuem alto valor de mercado para diversos negócios.

Nesse contexto, surgem novos atores econômicos que passam a dominar essa nova fase do capitalismo: as chamadas Big Techs, monopólios de tecnologia que utilizam dados provenientes das tecnologias de comunicação digitais como matéria prima de sua estratégia de negócios. Dentre esses novos atores, o grupo GAFAM, formado pelas empresas Google (Alphabet), Amazon, Facebook (Meta), Apple e Microsoft, representa um dos conglomerados econômicos mais poderosos do mundo, valendo mais de sete trilhões de dólares.³

A sua influência se deve, além do poder financeiro, a suas relações na esfera da política e ao conhecimento comportamental humano que possuem devido à enorme massa de dados de usuários que adquirem, transformando todos os aspectos de nossa existência digital em um ativo rentável (MOROZOV, 2018).

Assim, tanto a IA quanto as *Big Techs* tornam-se atores importantes para o sistema neoliberal e novo processo de acumulação. Nesse sentido, surgem uma série de discursos sociais de legitimação e, mais que isso, nota-se a presença desses atores por meio de suas imagens e produtos transpassam o imaginário e a subjetividade dos indivíduos neoliberais.

Dentre os discursos mais difundidos está a crença de que a tecnologia é a solução para qualquer problema pessoal, político ou social. Esse fenômeno

³ ROSSI, E. Semana quente: Amazon, Apple, Google, Meta e Microsoft anunciam resultados do semestre. Isto Dinheiro. 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/semana-quente-amazon-apple-google-meta-e-microsoft-anunciam-resultados-do-semester/>. Acesso em 21/11/2023.

foi chamado de “solucionismo tecnológico” por Morozov (2013) em *To Save Everything, Click Here*. São os discursos permeando esse conceito que se pretende analisar criticamente neste artigo.

Sendo a IA um dos pilares do funcionamento do modelo de negócio das *Big Techs*, extraíndo, manipulando, e ajudando a dar sentido aos dados que permitem que essas empresas desenvolvam tanto seus produtos, quanto seus discursos, ela se torna assim uma ferramenta de promoção do solucionismo tecnológico na sociedade neoliberal, por meio do estímulo dos serviços e imaginários desenvolvidos pelas *Big Techs*. Nesse sentido, cabe-se a pergunta: **de que maneiras a Inteligência Artificial, agindo como ferramenta essencial para a base do modelo de acumulação das *Big Techs*, fomenta o discurso solucionista tecnológico em prol do neoliberalismo?**

Tendo em vista esse contexto, o artigo visa aprofundar os pontos de conexão entre o discurso solucionista tecnológico, amplamente divulgado pelas *Big Techs* e pelo mercado neoliberal como a solução para problemas sociais, assim como explorar como essa crença permeia a racionalidade subjetiva neoliberal. Para tanto, tomaremos como exemplo as narrativas promovidas em torno das funcionalidades dos produtos gerados pelas *Big Techs*.

Solucionismo Tecnológico para a sociedade: a promessa de respostas para questões estruturais

Uma série de discursos socialmente aceitos e amplamente divulgados não apenas pelas *Big Techs*, mas por diversos entusiastas do ramo da tecnologia levam a acreditar que esses objetos vieram ao mundo para nos servir, ajudar a “vencer na vida”, a ter sucesso, e em geral, a facilitar a nossa rotina; aumentando o grau de conveniência em serviços diversos, com promessas de resoluções fáceis, e por vezes mesmo gratuitas para todas as áreas da vida, inclusive para problemas que são estruturais.

No entanto, basta compreender a lógica do acúmulo via vigilância comportamental para perceber que os usuários estão trabalhando para enriquecimento das *Big Techs* por meio dos produtos em questão e, conseqüentemente, para a subsistência do neoliberalismo, visto que essas empresas utilizam como matéria prima a experiência vital online dos usuários.

Morozov (2013) descreve este desejo das empresas de tecnologia em criar melhorias e incrementos em todos os âmbitos da vida e da sociedade. Nesse contexto, é validada a ideia de que as soluções promovidas pelas *Big Techs* e suas IAs são aquelas que serão capazes de consertar as rugas sociais que o Estado não consegue. Ou seja, vende-se a ideia de que as soluções mercadológicas, rápidas e convenientes, são nossa salvação frente às soluções estatais, lentas e burocráticas, para problemáticas sociais estruturais.

Exemplos de solucionismo tecnológico são diversos em várias partes do globo. Aqui exploraremos dois exemplos. O primeiro é a expansão do *Google Workspace for Education* no Brasil e o programa *Microsoft AI & Research* na Argentina.

Google Workspace for Education: o solucionismo tecnológico no campo da Educação

Desde 2014, a empresa Google oferecia o pacote educacional do Google de forma gratuita às instituições de ensino brasileiras. De acordo com a empresa, produtos como Gmail, Google Meet e Google Drive solucionariam os maiores problemas destas instituições de ensino. Através deste acordo de cooperação entre empresa privada e instituições públicas de ensino brasileiras, universidades como a USP, por exemplo, anunciaram um ganho financeiro de R\$6 milhões com esta iniciativa (USP, 2017). Em 2022 a empresa anunciou que o armazenamento que era então ilimitado sofreria alterações (MARQUES, 2022). Caso mais espaço fosse necessário, estes teriam que ser adquiridos através de pagamento. Para Parra, Cruz, Amiel e Machado (2018), a oferta inicial supostamente “grátis” parecia uma opção normal e optar pelos produtos do Google parece trivial, visto que estas soluções tecnológicas já se tornaram naturalizadas.

Para os autores, “*quanto mais invisível ou imperceptível for uma infraestrutura, maior será seu poder de influenciar ações*” (PARRA et al, p. 65). Entende-se que “*tudo se passa como se não houvessem escolhas a serem feitas*” (PARRA et al, p. 72). A implementação destas infraestruturas supostamente invisíveis só é possível graças a um discurso solucionista tecnológico que considera efetivamente que as ferramentas da empresa Google transformam a educação através do uso de tecnologia de ponta e impulsionam a inovação no ambiente acadêmico (GOOGLE, s.d.). Parra e colegas colocam que quanto mais as pessoas utilizam

estas ferramentas supostamente grátis, mais elas participam e fomentam a infraestrutura de inteligência artificial que as mantém.

E, ainda mais grave, quando este solucionismo tecnológico ocorre, instituições públicas se tornam dependentes das tecnologias oferecidas pelas *Big Techs*. No caso do *Google Workspace for Education* na Universidade Federal de Juiz de Fora por exemplo, a universidade teve que acionar a empresa Alphabet no PROCON (órgão responsável pelas relações entre consumidores e fornecedores) com base em jurisprudência que considera que ao fornecer um serviço supostamente gratuito, as empresas de tecnologia recebem o lucro indireto a partir da manutenção de seu negócio principal que é baseada em dados (RIBEIRO, 2022).

Microsoft AI & Research: o solucionismo tecnológico no campo da saúde

O programa *Microsoft AI & Research* existe há mais de 25 anos e seu objetivo é fomentar iniciativas de desenvolvimento de tecnologia através de alianças com o governo e universidades (NEWS CENTER MICROSOFT LATINOAMÉRICA, 2018). Na Argentina a inteligência artificial se tornou uma ferramenta de vigilância e dominação através de acordos entre a Microsoft e o governo. Em julho de 2017, a empresa desenvolveu uma iniciativa com o governo de Salta que visava a aplicação de inteligência artificial na prevenção de gravidez de adolescentes e conseqüentemente o abandono escolar na região de Salta (JEMIO, HAGERTY e ARANDA, 2022).

De acordo com a Microsoft, a aplicação da inteligência artificial permite a identificação de características em meninas e mulheres que possam prever a possível gravidez indesejada e conseqüente notificar o governo para que trabalhe na prevenção destes problemas (NEWS CENTER MICROSOFT LATINOAMÉRICA, 2018; BALMACEDA, PEDACE e SCHLEIDER, 2023). Assim, o sistema de IA da Microsoft tinha como objetivo a classificação de indivíduos, especificamente meninas e mulheres para a vigilância íntima de suas vidas (JEMIO, HAGERTY e ARANDA, 2022). Essa violação de direitos, incluindo a privacidade, em conjunto com a própria deficiência educacional e de saúde que deveriam ser providos pelo estado (BALMACEDA, PEDACE e SCHLEIDER, 2023) fazem com que a Microsoft represente o fio condutor do próprio solucionismo tecnológico neoliberal das empresas de tecnologia.

Quando o *mindset* solucionista toma conta da esfera íntima e privada das mulheres, a Microsoft atua no princípio da biopolítica (AMBRÓZIO, 2012). Através de discursos solucionistas neoliberais, empresas como Microsoft criam corpos dóceis e disciplinados (FOUCAULT, 2013) que atendem às necessidades do mercado.

Assim como no caso do Brasil com o *Google Workspace for Education*, o discurso solucionista da Microsoft na Argentina traz a ideia de que tecnologias de IA por meio dos serviços das *Big Techs* resolvem os principais problemas do mundo que deveriam ser endereçados por políticas públicas e sociais. No entanto, em ambos os casos, percebe-se que os problemas estruturais da educação e da saúde são mais profundos e enraizados, fazendo com que soluções rápidas, “convenientes” e mercadológicas não englobem todos os aspectos necessários para uma resolução, o que não quer dizer que a tecnologia não possa fazer parte das respostas possíveis.

Solucionismo tecnológico para a subjetividade: propósito e intimidade do sujeito neoliberal

Existe ainda um motivo, além do solucionismo tecnológico para questões práticas e estruturais, para que esses oligopólios de dados “surfem” com tal facilidade em nossa era: há um encantamento profundo de seus usuários com essas empresas e os produtos que elas oferecem. Os discursos e ideias que validam as *Big Techs* e seus serviços construídos, em grande parte, por meio de seus instrumentos de IA, na verdade, aproveitam-se de uma forma de subjetividade neoliberal que, mais que sustentar um novo modelo de acumulação (o Capitalismo de Vigilância), garante a subsistência do sistema em si.

Como colocam Dardot e Laval (2016, p.7):

Nesse sentido, o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo sua lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida.

O neoliberalismo constrói uma nova subjetividade, uma racionalidade, estabelecendo um modo de vida em que indivíduos trabalham e se autogovernam voluntariamente (FOUCAULT, 2008, *apud* DARDOT e LAVAL, 2016), a partir de uma nova visão de sucesso e felicidade.

Da mesma forma que Foucault falava da alma do prisioneiro, ou seja,

do fato de que não basta tirar o indivíduo da cadeia para libertá-lo (1997, *apud* BONOTE, 2021), o neoliberalismo constrói uma subjetividade comum que permeia seus sujeitos em benefício próprio. Diversos pontos dessa racionalidade e modo de vida neoliberal são ressaltados nos discursos que circundam produtos criados pelas *Big Techs* e seus modelos de IA em questão.

Essa subjetividade fomenta uma espécie de solucionismo tecnológico para os aspectos mais profundos da vida pessoal: a intimidade, a conexão com outros seres humanos, o sentimento de realização pessoal, entre outros. Nesse sentido, vamos explorar alguns exemplos de como a subjetividade neoliberal se conecta ao solucionismo tecnológico para a vida íntima a partir de alguns exemplos de serviços oferecidos pelas *Big Techs* aqui trabalhadas.

Apple e redes sociais GAFAM: solucionismo tecnológico para o desejo e a conexão humana

Para que uma ordem ou dispositivo seja eficiente não basta apenas adestrar pessoas, mas sim obter uma gestão de suas mentes (FOUCAULT, 2014, *apud* DARDOT e LAVAL, 2016). E essa gestão de mentalidades em prol do neoliberalismo passa pela normatização de algo intrínseco ao indivíduo: pela racionalização do desejo (DARDOT e LAVAL, 2016).

O desejo do sujeito neoliberal emerge por meio da lógica desempenho/gozo, que só pode ser obtida superando continuamente os limites, tanto no âmbito profissional como também pessoal, muitas vezes por meio do consumo: “*ser seu próprio trabalhador e seu próprio acionista, ter um desempenho sem limites e gozar sem obstáculos os frutos de sua acumulação, esse é o imaginário da condição neosubjetiva.*” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 479).

As *Big Techs* representam objetos de desejo neoliberal em muitos sentidos. Por meio de seu ambiente de trabalho, emanam uma “aura” de *Start Up*, em escritórios bonitos e descontraídos, onde bastaria uma boa ideia para mudar o mundo - muito embora, recentemente, as demissões em massa das maiores *Big Techs* do mundo tenham sido tão exponenciais quanto seu crescimento (MARR, 2023). Seus fundadores, que encarnam o mito do artista criador, sendo ovacionados por multidões e, claro, seus produtos inovadores que almejam solucionar os maiores problemas do mundo. Talvez a *Big Tech* que mais expresse o

novo sentimento de fetiche por meio do consumo seja a Apple, basta reparar nas filas gigantescas e até listas de espera que acontecem sempre que um novo iPhone é lançado. Por que esse comportamento? Porque os produtos da Apple (ou qualquer outro) são mais que produtos, como coloca Isleide Fontenelle (2017, p.13): “é preciso insistir que todo produto – independentemente de ser mercadoria – é consumido simbolicamente.”

O consumo e o que se consome é parte relevante da construção do “eu” na sociedade neoliberal. E todos, incluindo o Estado, querem ser sujeitos “bem-sucedidos”, tanto em seu modo de vida, quanto em sua estética. Sendo assim os produtos Apple atendem, “solucionam tecnologicamente”, ao menos em campo ilusório, a esse duplo desejo: eles aportam não apenas o *status* social e a estética do sucesso neoliberal, mas também as funcionalidades necessárias para a gestão do sujeito neoliberal, tal como as câmeras para tirar *selfies* de alta definição e a capacidade de desempenho rápido, seja para as postagens em redes sociais (possivelmente do grupo Meta ou da Microsoft), ou para estar sempre conectado - afinal parte do “mais-de-gozar” do sujeito neoliberal (DARDOT e LAVAL, 2016, p.458) é nunca desligar-se, nem desconectar-se.

Pois muito embora o neoliberalismo possa ser pensado como um conjunto de práticas, dispositivos e discursos que possuem como princípio universal a livre concorrência (DARDOT e LAVAL, 2016), a conexão digital e o compartilhamento informacional são fomentados – não como princípios éticos e humanos, mas como ferramenta de aumento de performance. O sujeito neoliberal não pode perder nenhuma oportunidade de lucro e conexões fazem parte disso, cabendo a ele galgar situações para tanto. Por isso, no Grupo GAFAM existem vários produtos que visam facilitar conexões e compartilhar informações, a começar pelas redes sociais da empresa Meta – Facebook, Instagram e WhatsApp – e aquela da Microsoft, o LinkedIn da Microsoft, voltado especialmente para propósitos profissionais, e YouTube da Alphabet.

Sob um discurso similar ao daquele da Aldeia Global de McLuhan (CASTRO e DELFIM, 2011), as *Big Techs* se colocam como promotoras da igualdade de oportunidades e discursos e conexões entre todos, ainda sendo capazes de fazer isso com produtos supostamente gratuitos. Não apenas esse é um discurso falso, já que gratuidade faz parte de seu lucrativo modelo de negócios que se baseia em IA através da economia da atenção, como a ideia de igualdade,

pertencimento a uma comunidade e a possibilidade de ter voz ativa em assuntos relevantes pode ser extremamente ilusória, como colocam Bauman e Donskis em sua obra *Cegueira Moral* (2014).

Microsoft e Amazon: solucionismo tecnológico para o sucesso pessoal e profissional do sujeito neoliberal

“Seja livre!”, “Trabalhe quando e onde quiser”, “Encontre o que precisa, onde quer que esteja”. Essas frases soam comuns, pois são o novo marketing, “... o empuxo-ao-gozo incessante e onipresente...” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 465) das empresas nativas digitais que vendem a máxima “conveniência” para seus usuários, aportando soluções tecnológicas em nome de uma suposta liberdade.

No neoliberalismo cada um não é apenas um empreendedor, mas uma empresa de si mesmo que deve ser gerenciada com o melhor planejamento e eficiência possível: sempre buscando mais oportunidades de lucro, melhorias de processos e conexões (DARDOT e LAVAL, 2016).

Assim, não por acaso as empresas GAFAM possuem cada vez mais produtos que servem à eficiência do sujeito neoliberal, alguns exemplos são os aplicativos Azure ou Teams da Microsoft, que permitem o gerenciamento de diversas fontes de informação. Afinal, faz parte do sujeito neoliberal entregar-se por completo ao trabalho e estar acessível a ele todo o tempo. Outro ponto é que, para além de estar sempre disponível, sua produção deve ser medida e avaliada continuamente, para que seja aprimorada e não sofra nenhuma recaída. Nesse sentido, os mediadores tecnológicos, como relógios inteligentes vendidos por vários atores do grupo GAFAM se mostram um objeto de desejo neoliberal.

Vale ressaltar que nem mesmo a vida pessoal pode ficar longe da eficiência, pois as relações, as amizades, a aprendizagem, o casamento – enfim, tudo que é vida privada também faz parte de um portfólio de sucesso e deve ser gerenciado como tal (DARDOT e LAVAL, 2016). Sendo assim, a Amazon oferece aos seus usuários a assistente pessoal Alexa, que permite gerenciar a casa e a vida íntima das pessoas tornando as tarefas domésticas mais convenientes, ou mesmo as funções que facilitam compras com rapidez extrema, como o “Compre em 1 click” da Amazon, possibilitando que o usuário possa fazer suas compras sem ter que passar por nenhuma etapa de reconhecimento de informações, até porque a companhia já possui todos os seus dados. E tudo isso é possível através da inteligência artificial.

Os discursos em torno da eficiência contínua constroem o mito especialmente cruel de que temos de ser performar como máquinas, promovendo a conveniência que as *Big Techs* entregam, trabalhando como elas, sem reclamar. A *Sociedade do Cansaço* (HAN, 2015) naturalizou um discurso que faz com que os cidadãos se auto-explorem sem precisar de terceiros. Como consequência, observamos hoje as novas crises de saúde mental e o aumento crítico da síndrome de *burn out* no Brasil e no mundo (ALBUQUERQUE, 2021 e MOSS, 2021), apontando que as facilidades tecnológicas que essas empresas propõem não estão sendo suficientes para fomentar o descanso e a saúde mental dos cidadãos precisam.

Considerações finais: nem Solucionismo Tecnológico nem Tecnofobia

Muito embora os discursos de solucionismo tecnológico que circundam tanto os serviços do grupo GAFAM, quanto a própria IA, preguem as soluções rápidas, objetivas para problemas estruturais na sociedade; assim como a liberdade, a meritocracia, a conexão e conveniência na vida pessoal, a realidade prova que essas narrativas são, ao menos em boa parte, ilusórias; servindo apenas ao próprio sistema.

52

Os valores dos discursos aqui trabalhados são manipulados para servirem à lógica neoliberal: liberdade para trabalhar mais e sem descanso; meritocracia para a responsabilização exclusiva de indivíduos pelo fracasso, ainda que o mesmo tenha motivos estruturais; invasão de direitos para supostamente prever futuros problemas sociais e econômicos; conexão não para construir relações, mas para produzir; e conveniência para facilitar a performance e não as experiências enriquecedoras.

Isso não quer dizer que a tecnologia, inclusive a IA, não possa ser parte importante de processos que possam eventualmente criar soluções para problemas estruturais e melhores condições de vida. Mas para tanto, observamos que a tecnologia é apenas uma parte da solução, contamos com uma comunidade de saberes para que as soluções sejam profundas o suficiente e, além disso, transparentes, com critérios e prioridades bem definidos, contando com outra lógica menos obtusa que o modelo de negócio utilizado pelas *Big Techs*, cujos algoritmos e IAs contam com uma lógica de “caixa preta” (PASQUALE, 2015), alimentando-se da ignorância geral para prevalecer (ZUBOFF, 2021).

A pesquisadora Margaret Heffernan explica em sua palestra (HEFFERNAN, 2019) que essa corrida pela eficiência a todo custo fomentada pela subjetividade neoliberal e que leva a terceirização de responsabilidades para os serviços de IA promovidos pelo solucionismo tecnológico, é ironicamente inábil para uma sociedade complexa. A eficiência gerada pela automação e pela IA é adequada quando possuímos um sistema que não muda, apto a ser automatizado. No entanto, em uma realidade como a nossa, em que crises financeiras, movimentos sociais e pandemias nos arrematam do dia para noite, precisamos de inteligência essencialmente humana – relacional e criativa – para prosperar. Ela termina sua fala explicando: “Todas essas tecnologias tentam forçar a adaptação a um modelo padronizado de uma realidade previsível em um mundo que é infinitamente surpreendente. O que fica de fora? Tudo que não pode ser medido, que é justamente tudo o que conta.”

Referências:

ALBUQUERQUE, F. **Excesso de trabalho e pandemia podem desencadear Síndrome de Burnout**. Agência Brasil. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/excesso-de-trabalho-e-pandemia-podem-desencadear-sindrome-de-burnout>. Acesso em: 21/11/2023.

AMAZON. **Sobre a Amazon**. Disponível em: https://www.amazon.jobs/pt/landing_pages/about-amazon. Acesso em: 21/11/2023.

AMBRÓZIO, A. **Governamentalidade Neoliberal: Disciplina, Biopolítica e Empresariamento Da Vida**. *Kínesis-Revista de Estudos Dos Pós-Graduandos Em Filosofia* 4 (08). São Paulo: 40–60. 2012.

APPLE. **Negócios**. Disponível em: <https://www.apple.com/br/business/enterprise/>. Acesso em: 21/11/2023.

BAUMAN, Z., DONSKIS, L. **Cegueira Moral: a perda de sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2014.

BONOTE, M. T. **Ambivalências da sujeição: Judith Butler, Foucault e a psicanálise em *A vida psíquica do poder***. *Instauratio Magna*. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/instauratiomagna/article/view/541>. Acesso em: 21/11/2023.

CASTRO, F. e DELFIM, C. **A internet não é a aldeia global de McLuhan, dizem especialistas**. Plataforma UnBCIÊNCIA. 2011. Disponível em: <https://www.unbciencia.unb.br/humanidades/48-comunicacao/212-a-internet-nao-e-a-aldeia-global-de-mcluhan-dizem-especialistas>. Acesso em: 21/11/2023.

DARDOT, P., LAVAL, C. **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2016.

GOOGLE. **Sobre**. s.d. Disponível em: https://about.google/intl/ALL_br/. Acesso em: 21/11/2023.

GOOGLE. **Histórias de impacto do mundo todo**. s.d. Google for Education. Disponível em: https://edu.google.com/intl/ALL_br/why-google/customer-stories/. Acesso em 2 ago. 2023.

HEFFERNAN, M. **Palestra proferida no TedSUMMIT**, Escócia, 2019. Disponível em: https://www.ted.com/talks/margaret_heffernan_the_human_skills_we_need_in_an_unpredictable_world. Acesso em: 23/11/2023.

FONTANELLE, I. A. **Cultura do Consumo: Fundamentos e formas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Portugal: Edições 70. 2013.

JEMIO, D., HAGERTY A., e ARANDA F. 2022. **The Case of the Creepy Algorithm That “Predicted” Teen Pregnancy**. WIRED, 16 fev 2022. Disponível em <https://www.wired.com/story/argentina-algorithms-pregnancy-prediction/>. Acesso em: 21/11/2023.

JONES, P. 2021. 'Big Tech's Push for Automation Hides the Grim Reality of "Microwork"'. *The Guardian*, 27 out. 2021. Opinion. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/oct/27/big-techs-push-for-automation-hides-the-grim-reality-of-microwork>. Acesso em: 21/11/2023.

JORNAL DA USP. Número de brasileiros com transtornos mentais preocupa especialistas. *Plataforma Jornal da USP*. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/numero-de-brasileiros-com-transtornos-mentais-preocupa-especialistas/>. Acesso em: 21/11/2023.

LEKKAS, N. GAFAM: The Big Five Tech Companies Facts (FAAMG). *Plataforma GrowthRocks*. 2023. Disponível em: <https://growthrocks.com/blog/big-five-tech-companies-acquisitions/>. Acesso em: 21/11/2023.

MARQUES, A. 2022. Google anuncia fim do GSuite gratuito e exige migração para Workspace. *Tecnoblog*. 2022. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2022/01/19/google-anuncia-fim-do-g-suite-gratuito-e-exige-migracao-para-workspace/>. Acesso em: 21/11/2023.

MARR, B. The Real Reasons For Big Tech Layoffs At Google, Microsoft, Meta, And Amazon. *Plataforma Forbes*. 2023. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/bernardmarr/2023/01/30/the-real-reasons-for-big-tech-layoffs-at-google-microsoft-meta-and-amazon/?sh=2c28bbfa2b67>. Acesso em: 21/11/2023.

META: Empresa de metaverso social. s.d. Disponível em: <https://about.meta.com/br/>. Acesso em: 26 jun 2023.

MICROSOFT. Sobre a Microsoft. s.d. Disponível em: <https://www.microsoft.com/pt-br/about>. Acesso em: 21/11/2023.

MOROZOV, E. *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora. 2018.

MOROZOV, E. *To Save Everything, Click Here: The Folly of Technological Solutionism*. United States: PublicAffairs. 2013.

MOSS, J. Author Talks: Why burnout is an epidemic—and what to do about it. *McKinsey*. 2021. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/featured-insights/mckinsey-on-books/author-talks-why-burnout-is-an-epidemic-and-what-to-do-about-it>. Acesso em: 21/11/2023.

NEWS CENTER MICROSOFT LATINOAMÉRICA. 2018. *Avanza el uso de la Inteligencia Artificial en la Argentina con experiencias en el sector público, privado y ONG'*. News Center Latinoamérica. 2018. Disponível em: <https://news.microsoft.com/es-xl/avanza-el-uso-de-la-inteligencia-artificial-en-la-argentina-con-experiencias-en-el-sector-publico-privado-y-ongs/>. Acesso em: 21/11/2023.

PARRA, H., CRUZ, L., AMIEL T., e MACHADO J. *Infraestruturas, economia e política informacional: o caso do google suite for education*. *Mediações - Revista de Ciências Sociais* 23, no. 1. 2018: 63–99. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2018v23n1p63>. Acesso em: 21/11/2023.

PASQUALE, F. **The Black Box Society: the secret algorithms that control money and information**. Cambridge: Harvard University Press. 2015.

RIBEIRO, P. **Procon proíbe Google de limitar serviço oferecido à UFJF**. Intercept Brasil, 7 Jul. 2022. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/07/07/google-e-proibido-pelo-procon-de-limitar-servico-oferecido-como-ilimitado-a-universidade/>. Acesso em: 21/11/2023.

ROSSI, E. **Semana quente: Amazon, Apple, Google, Meta e Microsoft anunciam resultados do semestre**. Isto Dinheiro. 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/semana-quente-amazon-apple-google-meta-e-microsoft-anunciam-resultados-do-semester/>. Acesso em 21/11/2023.

USP. **‘Sobre o Acordo de Cooperação USP-Google’**. 2017. Disponível em: <http://www.hu.usp.br/wp-content/uploads/sites/46/2017/03/Sobre-o-acordo-de-coopera%C3%A7%C3%A3o-USP-Google.pdf> Acesso em: 21/11/2023.

ZUBOFF, S. **Na Era do Capitalismo de Vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2021.

Inteligência Artificial como ferramenta Publicitária: automação, concorrência, tarefas e insights sobre o mercado

Eliane Soares Schneider Raslan¹

ORCID: 0000-0002-2274-2836

Eduarda da Rocha Santos²

ORCID: 0009-0006-5265-5684

Vinícius Soares Xavier³

ORCID: 0009-0003-7057-996X

Resumo: A inteligência artificial vem ganhando reconhecimento em várias áreas, sendo destaque nas tarefas de projetos da área da Comunicação Social. Através da automação de processos, análise de concorrência e geração de relatórios, constatamos que as IAs permitem que profissionais da área da publicidade se concentrem em tarefas estratégicas, resultando em campanhas mais impactantes e direcionadas. Além disso, as IAs capacitam os publicitários a obterem insights valiosos sobre o mercado, a fim de tomar decisões embasadas em dados concretos. Neste estudo, focaremos no uso das IAs pelos publicitários da cidade de Divinópolis, Estado de Minas Gerais, buscando compreender como essas tecnologias estão sendo adotadas na região e quais benefícios específicos estão sendo alcançados.

Palavras-chave: Comunicação e Criação; Design e Diagramação, Inteligência Artificial; Publicidade.

¹ Doutora em Comunicação Social. Prof^ª. do curso de Comunicação Social da UEMG Unidade Divinópolis. Líder do Grupo de Pesquisa PROLIC/CNPq. Apoio deste projeto: EDITAL N^o 11/2022 PAPq – Programa Institucional de Apoio a Pesquisa. Coord. CEPCCOM e editora da revista FANDOM na UEMG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3081335079399561>.

² Membro do Grupo de Pesquisa PROLIC/CNPq, Curso de Publicidade e Propaganda da UEMG Unidade Divinópolis. Bolsista do Edital 11/2022 PAPq/UEMG. Profissional nas áreas de criação e edição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9159227690909071>.

³ Membro do Grupo de Pesquisa PROLIC/CNPq, Graduando do Curso de Publicidade e Propaganda da UEMG Unidade Divinópolis. Formado em Jornalismo. Voluntário do Edital 11/2022 PAPq/UEMG do projeto Prolic. Profissional nas áreas de assessoria, comunicação e marketing digital. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5718361697692983>.

Artificial Intelligence as an Advertising Tool: Automation, Competition, Tasks and Market Insights

Abstract: Artificial intelligence has been gaining recognition in various fields, standing out in Social Communication projects. Through process automation, competition analysis, and report generation, we find that AIs allow professionals in the advertising field to focus on strategic tasks, resulting in more impactful and target ad campaigns. Additionally, AIs empower advertisers to gain valuable insights about the market, enabling data-driven decision-making. In this study, we will focus on the use of AIs by advertisers in the city of Divinópolis, State of Minas Gerais, aiming to understand how these technologies are being adopted in the region and what specific benefits are being achieved.

58

Keywords: Communication and Creation; Design and Layout; Artificial Intelligence; Advertising.

La Inteligencia Artificial como herramienta Publicitaria: automatización, competencia, tareas y insights del mercado

Resumen: La inteligencia artificial ha ganado reconocimiento en varias áreas, destacándose en las áreas de proyectos de comunicación social. A través de la automatización de procesos, análisis de la competencia y gestión de relaciones, encontramos que como IA permite que el área de publicidad profesional se enfoque en tareas estratégicas, resultando en campañas más impactantes y focalizadas. Además, la IA permite a los anunciantes obtener información valiosa sobre el mercado para tomar decisiones basadas en datos. En este estudio, no nos centraremos en el uso de la IA por parte de los anunciantes en la ciudad de Divinópolis, Estado de Minas Gerais, en la búsqueda de la comprensión cómo se están adoptando estas tecnologías en la región y qué beneficios específicos se están logrando.

59

Palavras-chave: Comunicación y Creación; Diseño y Maquetación; Inteligencia Artificial; Publicidad.

Introdução

A inteligência artificial (IA) tem ganhado força como ferramenta para comunicação, novidade positiva que oferece benefícios significativos na simplificação de fluxos de trabalho em várias áreas. Esse avanço tecnológico tem despertado interesse em diversas áreas, como na publicidade, já que estes profissionais desempenham variadas funções, como elaboração de estratégias, até a criação de campanhas do zero.

Nesse contexto, este artigo científico tem como objetivo analisar como a inteligência artificial se tornou uma ferramenta essencial para os profissionais da área, aumentando sua eficiência e impacto no mercado. Ao examinar o espaço publicitário de maneira direcionada, podemos entender como a IA está sendo usada, o que traz agilidade aos fluxos de trabalho e permite que eles desenvolvam estratégias de maior valor agregado. Examinar o uso da IA no contexto do publicitário nos permite analisar os benefícios tangíveis dessas tecnologias, como automatizar tarefas repetitivas, analisar dados complexos e gerar insights para apoiar a tomada de decisões. Da geração de ideias à personalização de conteúdo, exploramos como a IA pode simplificar a criação de campanhas e gerar resultados mais eficazes para os profissionais.

Com base em uma extensa revisão da literatura e possíveis estudos de caso, assim como questionários realizados com publicitários da cidade de Divinópolis, esperamos fornecer informações detalhadas sobre o impacto da inteligência artificial nas operações dos comunicadores. Compreender os benefícios que a IA oferece nesse contexto específico pode ajudar a esclarecer as práticas recomendadas e os possíveis desafios associados à implementação dessas tecnologias. Material que contribui para o avanço do conhecimento dos publicitários, assim como outras áreas que utilizam a IA como ferramenta, fornece insights valiosos para profissionais e pesquisadores interessados na interseção entre inteligência artificial e publicidade.

Entrevista com publicitários: experiência prática com a Inteligência Artificial

No âmbito da pesquisa realizada nas duas primeiras semanas de julho de 2023, busca-se aprofundar nossa compreensão sobre o uso prático de Inteligência Artificial (IA) no campo da publicidade. A entrevista foi conduzida através do Formulários Google, proporcionando aos entrevistados anonimato e garantindo a liberdade para compartilharem suas experiências sem qualquer identificação pessoal. Parte do critério foi que os participantes desta pesquisa fossem profissionais com formação em Bacharelado em Publicidade e Propaganda, atuantes na cidade de Divinópolis, Minas Gerais, totalizou-se 11 entrevistados.

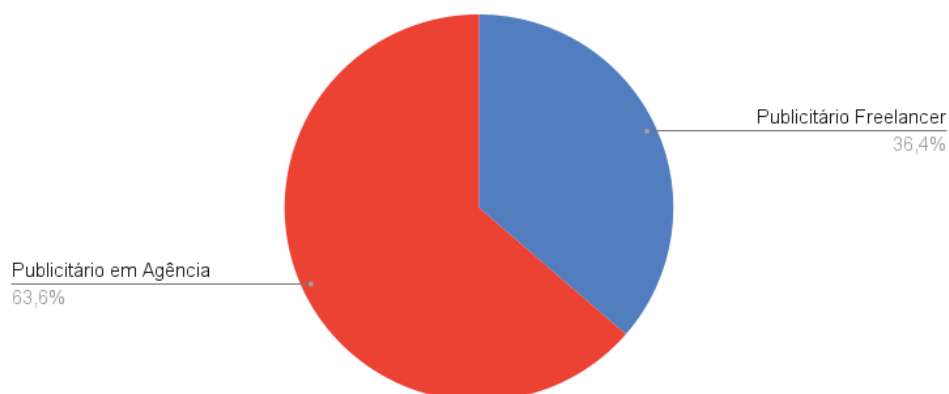
No Brasil, a publicidade, que é um elemento essencial da economia moderna por publicizar bens duráveis e não duráveis, passa por grandes transformações. Essas transformações são profundas e incluem o uso da IA, o que tem gerado uma série de oportunidades e desafios para o setor da comunicação social. (VALENTIM, Jefferson. “A publicidade na era da inteligência artificial: oportunidades e desafios para o século XXI”. ANO XIX. N. 06. JUNHO/2023 – NAMID/UFPB)

Para garantir a eficiência e a abrangência da pesquisa, optamos pela realização de uma abordagem online, a qual permitiu maior flexibilidade de horários para os entrevistados responderem às questões, e, evitou qualquer constrangimento, intimidação ou represálias que poderiam eventualmente ocorrer no caso de uma entrevista pessoal. Além disso, o formulário foi cuidadosamente projetado para incluir questões abertas e fechadas, abrangendo os principais aspectos relacionados ao uso de IA na publicidade.

Ao longo das entrevistas, os profissionais de publicidade compartilharam suas experiências práticas no uso de IA em suas atividades profissionais. Para melhor visualizar os resultados dessas entrevistas, apresentamos os gráficos abaixo, que refletem as respostas das perguntas contidas no formulário. Esses gráficos (fig. 01-03) oferecem uma visão mais clara e concisa das percepções e práticas dos entrevistados, em relação ao uso de Inteligência Artificial na área de publicidade.

Fig.01: Gráfico de ocupação atual dos entrevistados na área da Publicidade

Ocupação Atual



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos resultados das entrevistas, 2023.

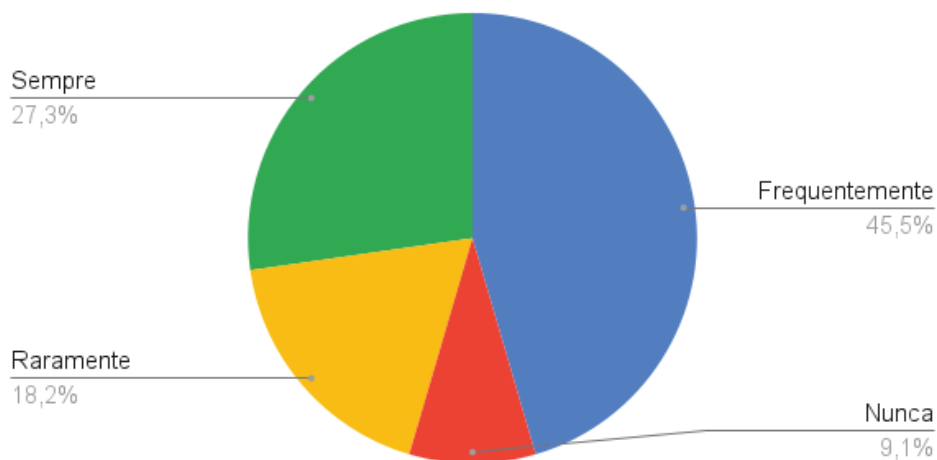
No gráfico acima, podemos observar que 4 (36.4%) dos entrevistados são Publicitários Freelancer, enquanto os 7 restantes (63.6%) trabalham atualmente em agências. Essa distribuição mostra que tanto profissionais independentes como aqueles empregados em agências estão representados na pesquisa, proporcionando uma visão abrangente das experiências práticas com o uso de Inteligência Artificial.

No gráfico abaixo (fig. 02), podemos observar a frequência com que as inteligências artificiais são utilizadas pelos profissionais de publicidade. As opções de resposta foram categorizadas em cinco níveis: “nunca”, “raramente”, “às vezes”, “frequentemente” ou “sempre”. Através do gráfico, é possível ver que 5 entrevistados (45.5%) usam frequentemente e 3 entrevistados (27.3%) utilizam sempre as inteligências artificiais em suas atividades profissionais. Esses resultados refletem como essas tecnologias estão sendo incorporadas de forma constante e regular no cotidiano dos publicitários entrevistados. Para Carvalho (2021):

A IA tem como possíveis benefícios reduzir a exposição das pessoas a situações e atividades de risco e diminuir a necessidade de realizar tarefas cansativas repetitivas e monótonas, liberando os seres humanos para atividades mais agradáveis e desafiadoras. Um efeito colateral é reduzir o número de horas dedicadas ao trabalho, permitindo mais tempo com família e amigos e em atividades de lazer. Fenômeno semelhante ocorreu na Revolução Industrial.” (CARVALHO, 2021, pag. 28.)

Fig.02: Gráfico de frequência em que ferramentas de IAs são utilizadas no trabalho

Frequência em que ferramentas de Inteligência Artificial são utilizadas no trabalho



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos resultados das entrevistas, 2023.

Ao analisarmos o gráfico abaixo (Fig. 03), podemos perceber o quão importantes são a geração de ideias e a personalização de mensagens para públicos-alvo, quando se trata do uso das Inteligências Artificiais (IAs) no campo da publicidade. Essas aplicações têm um papel de destaque e trazem inúmeras vantagens para os profissionais desse setor, possibilitando economia de tempo e o aprimoramento das estratégias de comunicação.

A geração de ideias ganha um verdadeiro impulso com a ajuda das IAs, que processam os dados com rapidez e nos fornecem insights valiosos. Essa inspiração para conceitos criativos e inovadores nas campanhas é fundamental para o trabalho, permitindo que os mesmos se concentrem em aspectos mais estratégicos e se adaptem às constantes mudanças do mercado.

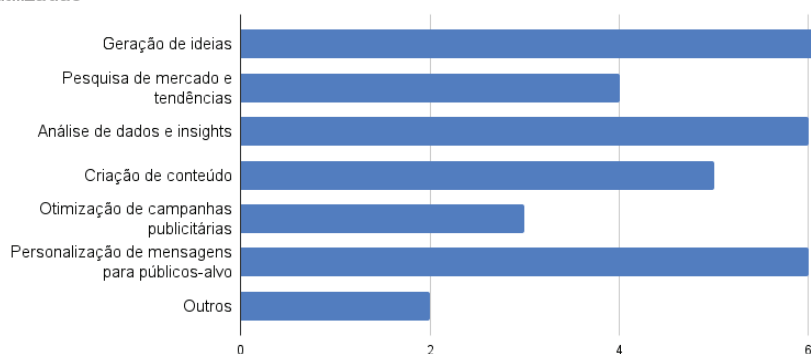
Já a personalização de mensagens é outro aspecto-chave que é aprimorado pelas IAs. Com elas, é possível coletar e analisar dados do público-alvo de forma mais eficiente, possibilitando a entrega de conteúdos altamente relevantes para cada grupo de consumidores. Essa abordagem cria uma conexão especial com o público, aumentando o engajamento e a fidelização, ao mesmo tempo em que economiza tempo e recursos ao automatizar o processo de segmentação e adaptação das mensagens.

O conjunto dessas práticas impulsionadas pelas IAs proporciona uma vantagem competitiva significativa, permitindo alcançar resultados mais

impactantes e relevantes nas campanhas. Além disso, essa abordagem ajuda a otimizar os esforços e recursos, garantindo que cada ação de marketing seja direcionada para atender às necessidades e preferências dos clientes. A colaboração com as IAs permite explorar todo o potencial criativo e estratégico, tornando a atuação no mercado publicitário mais eficaz e alinhada com as expectativas do público.

Fig.03: Gráfico das principais tarefas realizadas nas IAs

Principais tarefas relacionadas à criatividade em que as ferramentas de Inteligência Artificial são utilizadas



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos resultados das entrevistas, 2023.

Os benefícios das Inteligências Artificiais (IAs) na área da publicidade também foram observados por meio das entrevistas, e, destaca-se que sete entrevistados apontaram a maior agilidade na execução das tarefas como um dos principais benefícios. Além disso, outros benefícios importantes, como melhoria na qualidade do trabalho criativo, otimização de recursos e redução de custos e acesso a insights mais relevantes, também foram mencionados. Essas opções ficaram empatadas em número de votos. Tais resultados evidenciam o impacto positivo e abrangente das IAs no mercado publicitário, proporcionando vantagens significativas que vão desde a otimização dos processos até aprimoramentos na criatividade e na tomada de decisões embasadas em dados concretos. Para Netto e Carvalho (2000):

Técnicas publicitárias, as mais sofisticadas, introduzem, na vida cotidiana o fabuloso progresso das máquinas e utensílios domésticos capazes de transformar radicalmente a passagem da vida cotidiana, seja dos ricos, seja dos pobres. Através dos meios de comunicação, tais máquinas e utensílios (o rádio, a televisão (...) o microcomputador), se apresentam como sedução permanente ao prático, ao pragmático,

ao mágico e ao ilusório. Consumi-los, torna-se imperativo da era tecnológica moderna e condicionante ao chamado homem moderno.” (NETTO e CARVALHO, 2000, p. 18.)

As respostas obtidas na pergunta aberta “Você acredita que o uso de Inteligência Artificial na Comunicação e Publicidade está transformando a forma como o trabalho criativo é realizado? Por quê?”, sobre o uso de Inteligência Artificial na Comunicação e Publicidade, revelam uma variedade de opiniões entre os entrevistados. Alguns acreditam que a IA é um agente transformador, mas com um impacto não muito expressivo, pois ainda não executa todas as ideias e resultados desejados com precisão. Para eles, a IA otimiza o tempo até certo ponto, mas os processos criativos ainda continuam os mesmos, sendo apenas um “plus”.

Outros entrevistados reconhecem que a IA tem potencial de transformar o trabalho criativo, mas alertam para a necessidade de evitar o uso indevido, que poderia prejudicar a qualidade dos serviços oferecidos, especialmente quando busca substituir a idealização de conteúdo.

Algumas respostas destacaram que o impacto da IA no trabalho criativo pode variar de acordo com o ambiente em que o profissional atua. Em lugares que valorizam a expertise do publicitário, o uso da IA não tem grande impacto, enquanto em outros, há uma percepção de que a IA pode substituir o trabalho criativo.

Por outro lado, alguns entrevistados reconhecem que a IA tem trazido benefícios como agilidade na criação, desenvolvimento e conclusão dos trabalhos, gerando menos custos e otimizando o tempo dos profissionais e das empresas. Eles veem a IA como uma ferramenta que abre possibilidades e otimiza processos, principalmente nas áreas de design e produções audiovisuais. Há também a percepção de que a IA tem possibilitado a realização de trabalhos mais ágeis e otimizados, permitindo que os profissionais dediquem mais tempo a aspectos estratégicos.

No entanto, alguns entrevistados apontaram desafios relacionados à criação de pessoas, onde as imagens geradas pela IA ainda ficam distorcidas da realidade, e à qualidade das imagens produzidas pela IA, que pode ser inferior em relação à imagem original. Em geral, as respostas indicam que a IA tem, de fato, impactado positivamente o trabalho criativo na Comunicação e Publicidade, otimizando processos, reduzindo custos e abrindo possibilidades. No entanto, é necessário o cuidado para evitar o uso indevido e a busca por um equilíbrio entre a eficiência proporcionada pela IA e a manutenção da criatividade e qualidade nos trabalhos

realizados. A adoção da IA está mudando o perfil do profissional, requerendo habilidades para dominar as ferramentas e sistemas associados a ela. Entretanto, o aspecto estratégico e a busca por criatividade continuam fundamentais para o sucesso na área de Comunicação e Publicidade.

As respostas obtidas sobre o futuro do uso de Inteligência Artificial na Publicidade refletem uma visão geralmente promissora e otimista. Os entrevistados apontam diversas oportunidades e desafios relacionados à adoção das IAs nesse campo.

As principais oportunidades mencionadas incluem o aperfeiçoamento dos comandos e a geração de imagens mais precisas, o que levará a processos mais ágeis e eficientes. A IA pode somar de forma significativa, possibilitando a realização de tarefas em tempo reduzido e permitindo uma maior quantidade de testes. A ampla gama de funções da IA pode facilitar diversas atividades, sem perder a autenticidade e a expertise do trabalho dos profissionais de comunicação e publicidade.

Porém, os entrevistados também destacaram alguns desafios a serem enfrentados. Um deles é a corrida entre IAs e profissionais especializados, o que pode impactar valores e salários, já que a demanda por profissionais com conhecimentos em IAs tende a aumentar. A formulação adequada das perguntas é outro ponto de destaque, pois o sucesso do uso da IA depende de fazer as perguntas certas para obter insights valiosos.

A proteção e o uso ético dos dados são desafios relevantes, já que o uso inadequado ou não ético pode prejudicar a confiança do público e gerar problemas legais. Além disso, existe o risco de substituição de profissões consideradas muito operacionais, o que requer uma busca constante por agregar valor aos serviços prestados, destacando-se na parte estratégica da publicidade. Outro ponto importante é a necessidade de manter a essência da criatividade humana nas comunicações, mesmo com a crescente utilização de programas e sistemas operando tarefas de comunicação e publicidade. Greffe (2013) afirma que:

O problema não é saber se pode definir um equilíbrio entre a lógica endógena própria da atividade artística e a lógica exógena própria à expressão de bens solventes no mercado. As necessidades podem, então, ser manipuladas com maior facilidade, fazendo recuar ainda mais o campo da expressão das lógicas endógenas. (GREFFE, 2013, p. 335)

Em geral, os entrevistados veem a IA como uma ferramenta promissora que transformará a forma de trabalhar na área da Comunicação, tornando os profissionais cada vez mais estratégicos e permitindo a realização de tarefas com maior eficiência e agilidade. No entanto, a integração adequada da IA com o conhecimento e expertise humanos é essencial para garantir resultados criativos e relevantes no futuro.

O diferencial na aplicação dos IAs nas tarefas de gestão: projetos publicitários

Na área da comunicação, a aplicação de inteligência artificial (IA) em tarefas de gerenciamento de projetos publicitários tornou-se um diferencial significativo no atual cenário empresarial. Com o avanço da tecnologia e o desenvolvimento de algoritmos cada vez mais complexos, as organizações têm buscado explorar o potencial da IA para melhorar processos e tomar decisões embasadas. Diversos autores têm discutido e compartilhado suas perspectivas sobre essa temática. Para Medeiro (2022):

Um exemplo de aplicação da Inteligência Artificial nas estratégias de marketing dá-se com a IKEA, nos Estados Unidos. A empresa criou um aplicativo que une realidade aumentada ao seu catálogo impresso, a fim de auxiliar os clientes no momento da busca por móveis ideais aos espaços de suas residências. Ao inserir o catálogo impresso no espaço em que o cliente gostaria de instalá-lo, basta acessar o aplicativo e visualizar na tela do celular uma amostra do móvel em sua casa.” (MEDEIRO JR *et al*, 2022, p. 12).

67

São diversas as referências nessa área, como a relevância das pesquisas de Erik Brynjolfsson (CANDIDO, 2019), diretor da Iniciativa de Economia Digital do MIT, e Andrew McAfee (PINTO, 2021), codiretor do mesmo programa. Em seu livro “The Second Machine Age”, eles apontam que a IA vem mudando a maneira como as empresas realizam tarefas de gerenciamento e publicidade. Segundo Brynjolfsson e McAfee (2014), a capacidade dos sistemas de IA de analisar grandes volumes de dados e identificar padrões complexos permite uma segmentação de mercado mais eficiente e personalizada, além de otimizar os recursos disponíveis. Essa perspectiva enfatiza a importância da IA como um diferencial competitivo nas estratégias publicitárias.

Thomas H. Davenport (2023), professor de Tecnologia da Informação e Gestão na Babson University. Na obra *Only Humans Need to Apply*

(DAVENPORT, 2016) deixa claro que os vencedores e perdedores na era das máquinas inteligentes são apenas humanos que devem se inscrever (*Winners and Losers in the Age of Intelligent Machines*), discute o papel da IA no gerenciamento de projetos de publicidade. Aponta que a IA pode automatizar tarefas rotineiras e repetitivas, como análise de métricas de campanha e segmentação de público, permitindo que os profissionais de marketing se concentrem em atividades estratégicas e criativas. Segundo ele, a diferença está em usar a IA como uma ferramenta para potencializar o trabalho humano, ao invés de substituí-lo.

Além disso, Cathy Pearl (2017), *Product Conversation Manager* no Google, oferece uma visão sobre a aplicação de IA ao design de anúncios por meio de interfaces de conversação. A autora explora como a IA pode ser usada para criar chatbots e assistentes virtuais que podem interagir com os consumidores de maneira personalizada. De acordo com Pearl, essas interfaces de conversação com inteligência artificial podem fazer recomendações de produtos e serviços, responder a perguntas dos clientes e até mesmo conduzir campanhas publicitárias por meio de conversas. Essa abordagem enfatiza a importância de proporcionar uma experiência de usuário diferenciada para atrair e engajar o público-alvo. Para Cozman (2021):

É importante notar que a primeira edição do SBIA ocorreu apenas dois anos após a realização da primeira conferência europeia de IA (Ecai) e apenas quatro anos após a primeira conferência americana (AAAI). Vale ainda observar que no ano da criação do SBIA foi instituída a Política Nacional de Informática (PNI), cujo objetivo era estimular a indústria tecnológica nacional mediante o estabelecimento de uma reserva de mercado para as empresas de capital nacional. Com isso, cresceu o interesse em áreas não só de desenvolvimento de hardware, mas também de software, como a IA. (COZMAN; PLONSKI; NERI. 2021, p. 38)

De modo geral, a aplicação da IA em tarefas de gerenciamento de projetos publicitários confere às empresas uma vantagem competitiva no setor de mídia. Autores como Erik Brynjolfsson, Andrew McAfee, Thomas H. Davenport e Cathy Pearl destacam a capacidade da IA de analisar dados, otimizar processos, liberar especialistas para operações estratégicas e criar uma interface de conversação personalizada para negócios. Essas perspectivas enfatizam a importância de explorar as possibilidades da IA na publicidade, sempre considerando a complementaridade entre o trabalho humano e o potencial transformador da tecnologia.

O papel, impacto e potencialização da Inteligência Artificial para o profissional de publicidade

A inteligência artificial (IA) tem desempenhado um papel importante na transformação e evolução da indústria publicitária, levando a um impacto significativo no trabalho dos profissionais da área. O uso de técnicas e algoritmos inteligentes potencializa as atividades desenvolvidas pelos anunciantes, resultando em maior eficiência e resultados mais assertivos.

Segundo Madeira, Neves & Branco (2021), a IA fornece uma estrutura para melhorar a eficácia das agências de publicidade. Por meio da análise de dados em larga escala, a IA pode identificar padrões e tendências que são difíceis, senão impossíveis, de detectar manualmente. Isso permite uma melhor compreensão do comportamento do consumidor e, assim, campanhas publicitárias mais direcionadas e personalizadas. Automatizar tarefas rotineiras e repetitivas também é um dos benefícios que a IA traz. Para Madeira, Neves e Branco (2021):

Os termos em inglês 'bot' e 'chat' derivam da expressão robô e bate-papo. São sistemas conversacionais que tentam comunicar-se com seres humanos por meio do uso de linguagem natural e outros recursos de inteligência artificial, ou de regras de respostas que garantem fluxos de conversa. Enquadram-se, portanto, na categoria de agentes inteligentes e podem ser integrados a diversos canais de atendimento da organização. Desse modo, um chatbot é um programa de computador projetado para interagir com as pessoas emulando de perto a conversação humana, como idealizado no Teste de Turing para Inteligência Artificial (Bohle, 2018).” (MADEIRA; NEVES; BRANCO, 2021, p. 102)

Pereira e Silva (2021) apontam que a inteligência artificial permite que os profissionais de publicidade foquem em atividades mais criativas e estratégicas ao invés de resolver tarefas operacionais. Isso leva ao aumento da eficiência e produtividade desses profissionais, permitindo que eles foquem nas atividades que realmente exigem sua expertise. Além disso, a IA tem impacto direto no processo decisório das agências de publicidade. Segundo Souza e Lima (2020), a IA fornece insights valiosos que ajudam a identificar estratégias mais eficazes. A análise de dados em tempo real permite uma compreensão mais profunda de seu público-alvo, concorrentes e tendências de mercado, permitindo ajustes de campanha de anúncios rápidos e precisos.

O potencial da IA para profissionais de publicidade é enorme. Com os avanços da tecnologia, espera-se que a Inteligência Artificial seja capaz de desenvolver sistemas cada vez mais sofisticados e inteligentes que possam aprender e se adaptar automaticamente. Esse recurso de aprendizado de máquina permitirá que a IA se torne um verdadeiro assistente para anunciantes, recomendando ideias, identificando oportunidades e até mesmo prevendo solicitações de consumidores. Porém, é importante ressaltar que a IA não substitui o papel do publicitário, mas o complementa. A experiência humana é a base para interpretar e analisar dados gerados por IA e para gerar conceitos e mensagens inovadoras. A IA é uma ferramenta poderosa que auxilia e aprimora o trabalho dos profissionais de publicidade, mas o conhecimento e a sensibilidade humanos ainda são essenciais para campanhas bem-sucedidas. As IA estão diretamente amarradas a novas tecnologia e o profissional publicitário busca estar atualizado e se alinhar as atividades do mercado. Para Andrew McAfee (2014):

Embora a substituição direta de máquinas por seres humanos às vezes ocorra, uma reorganização mais ampla na cultura empresarial pode ter sido um caminho ainda mais importante para a mudança favorecedora de habilidades. O trabalho realizado por Erik em conjunto com Tim Bresnahan da Stanford, Lorin Hitt da Wharton e Shinkyu Yang do MIT descobriu que as empresas utilizavam tecnologias digitais para reorganizar a autoridade de tomada de decisão, os sistemas de incentivo, os fluxos de informação, os sistemas de contratação e outros aspectos de seus processos de gestão e organização. Essa co-invenção de organização e tecnologia não apenas aumentou significativamente a produtividade, mas também tendeu a demandar trabalhadores mais educados e reduzir a demanda por trabalhadores com menos habilidades. Essa reorganização da produção afetou tanto aqueles que trabalhavam diretamente com computadores quanto trabalhadores que, à primeira vista, pareciam estar distantes da tecnologia. (BRESNAHAN, 2001, pag.78, tradução nossa)

Os investimentos tecnológicos são altos, até o desempenho de um computador qualificado pode interferir nas atividades do publicitário. O conhecimento do publicitário é crucial nas decisões de investimentos digitais. Em suma, a inteligência artificial tem um papel importante na conversão publicitária, impactando positivamente os profissionais da área. A capacidade de analisar dados, automatizar tarefas e apoiar a tomada de decisões para maior eficiência, produtividade

e personalização de campanhas publicitárias. O potencial da IA é promissor e é fundamental que os publicitários estejam preparados para aproveitar ao máximo as oportunidades apresentadas por essa tecnologia em constante evolução.

Cotidiano publicitário a partir da Inteligência Artificial: Agnes Heller e Stuart Russell

Os hábitos de publicidade sofreram mudanças significativas com a integração da inteligência artificial (IA). Agnes Heller (2000) e Stuart Russel (2013), oferecem reflexões relevantes sobre a discussão da IA a partir do cotidiano nestas ações publicitárias.

Nem mesmo a ciência e a arte estão separadas da vida do pensamento cotidiano por limites rígidos, como podemos ver em vários aspectos. Antes de mais nada, o próprio cientista ou artista têm vida cotidiana: até mesmo os problemas que enfrentam através de suas objetivações e suas obras lhes são colocados, entre outras coisas (tão somente entre outros, decerto), pela vida. Artista e cientista têm sua particularidade individual enquanto homens da cotidianidade; essa particularidade pode se manter em suspenso durante a produção artística ou científica, mas intervém na própria objetivação através de determinadas mediações (na arte e nas ciências sociais, através da mediação da individualidade). (HELLER, 2000, pág. 21.)

A cotidianidade demanda atenção e concentração na execução das atividades, temos a experiência social e de grupos que interferem nas decisões, mas não suspende a particularidade da adequação individualizada do profissional, empregada na busca da resolução das tarefas. Na sociedade contemporânea, marcada pelo consumismo, a publicidade desempenha um papel central na promoção e venda de produtos e serviços. Como Russel apontou, a IA permite a personalização de publicidade por meio da coleta e análise de grandes volumes de dados do consumidor. Em contraste, Heller (2000) adverte contra a manipulação dos desejos e necessidades dos consumidores, dizendo que a publicidade invasiva os transformará em meros consumíveis. Portanto, é importante estabelecer limites éticos para a personalização baseada em IA garantindo a autonomia dos indivíduos. Russel enfatiza que a transparência e a ética são fundamentais nas estratégias publicitárias, evitando práticas manipuladoras e enganosas. Neto e Falcão (2000) levantam a questão da cotidianidade a partir da ideia que todos investem na transformação da sociedade e que implica na prática social, educacional e científica.

Afirmam que “a sedução agressiva dos meios publicitários (e o crédito colocado à disposição) quebram todos os obstáculos ao mais consumir, o que permite introduzir ‘estes fantásticos e ilusórios bens de consumo’ a qualquer indivíduo de qualquer classe social em qualquer condição” (p.12). Atenta-se para questão que a máquina é rotineira para as relações humanas, substituindo o homem no face a face, quando se trata de vende de produtos. Considerando as IA, temos esse espaço controlado e organizado pelas forças capitalistas cada vez mais programado. Aqui não vamos adentrar no poder das classes, mas na questão do “reformismo carregado de ilusão e reforçador do consumismo alienante” (p.13). Importante verificar que as IA estão para primazia usada pelos publicitários na modernidade, inclui transformação e aproxima destas relações sociais da vida cotidiana cada vez mais online. Heller (2000) entende que podemos analisar qualquer época do cotidiano do homem, cotidiano é vida, está para o presente, está para as esferas da vida do sujeito no presente que se trata.

Além disso, para Russell (2013) a IA pode ser usada para ajudar as empresas a identificar tendências sociais. Nesse sentido, a responsabilidade social das marcas na publicidade, como enfatiza Heller (2000), desempenha um papel importante na construção da consciência coletiva e na promoção de valores positivos.

Nos últimos anos, houve uma revolução no trabalho em inteligência artificial, tanto no conteúdo quanto na metodologia. Agora, é mais comum usar as teorias existentes como bases, em vez de propor teorias inteiramente novas, fundamentar as afirmações em teoremas rigorosos ou na evidência experimental rígida, em vez de utilizar como base a intuição e destacar a relevância de aplicações reais em vez de exemplos de brinquedos. Em parte, a IA surgiu como uma rebelião contra as limitações de áreas existentes como a teoria de controle e a estatística, mas agora ela inclui esses campos.” (RUSSEL; NORVIG, 2013, p. 50)

Em suma, a integração da inteligência artificial na publicidade cotidiana apresenta desafios e oportunidades. Um equilíbrio deve ser alcançado entre personalização de anúncios, limites éticos e responsabilidade social da marca. Especialistas na área, bem como pesquisadores e formuladores de políticas, devem continuar a explorar essas questões para promover a publicidade ética e consciente em um cenário cada vez mais digital e inteligente.

Considerações Finais

Nas considerações finais deste estudo, delineou-se um panorama abrangente sobre a interseção entre os profissionais de publicidade e a Inteligência Artificial (IA) em Divinópolis, Minas Gerais. A pesquisa, agora concluída, lançou luz sobre a forma como a IA permeia de maneira fluida tanto as dinâmicas formais quanto informais de suas atividades laborais, enriquecendo de sobremaneira o cenário estratégico do campo publicitário.

As constatações evidenciam, de maneira inequívoca, o impacto transformador da IA no setor publicitário. Essa integração refinada permitiu que os profissionais (re)orientassem seus esforços para tarefas de valor acrescentado, culminando em campanhas dotadas de eficácia e precisão aprimoradas. Não apenas houve otimização de processos, mas também uma injeção renovadora de criatividade, possibilitando que os atores envolvidos ampliassem suas capacidades de solução de problemas e forjaram estratégias inovadoras e adaptáveis ao dinamismo do mercado.

O estudo lançou luz sobre a potencialização da tomada de decisão, advinda dos insights proporcionados pelas capacidades da IA consolidando-a como uma aliada crucial na orientação de escolhas embasadas em dados concretos. Contudo, vale ressaltar que esse progresso também destacou uma série de desafios. Entre eles, as apreensões relacionadas à substituição de postos de trabalho, a necessidade premente de requalificação profissional e as preocupações éticas associadas à privacidade de dados e aos vieses inerentes à IA.

No contexto local de Divinópolis, esta pesquisa revelou tendências promissoras quanto à adoção da IA nesse polo da indústria publicitária. Ao mergulhar nas vantagens específicas colhidas pelos profissionais, de suas ações cotidianas, o estudo não apenas reforçou a contribuição efetiva da IA, mas também traçou um roteiro para futuras incursões nesse campo. Tais revelações provaram-se de fundamental importância tanto para os profissionais que trilham os caminhos da evolução tecnológica como para a ampla comunidade acadêmica e setorial ávida por explorar o potencial dessa integração.

Em retrospectiva, este estudo emerge não apenas como um instantâneo do presente, mas como um olhar perspicaz sobre um futuro que, agora no passado, prometia novas perspectivas. Ao projetar a influência da IA sobre o cenário

publicitário, serviu como guia, apontando os caminhos para capitalizar suas capacidades enquanto enfrenta os obstáculos que surgem no percurso. Em última análise, proporcionou uma compreensão otimista e multifacetada da relação simbiótica entre a IA e a publicidade, enriquecendo o diálogo e impulsionando o seu desenvolvimento não apenas em Divinópolis, mas também além de suas fronteiras.

Verificamos que a ferramenta de Inteligência Artificial (IA) já faz parte do dia a dia dos profissionais da área de criação, especificamente publicitários da cidade de Divinópolis. Com o propósito de expor a IA como ferramenta essencial para os profissionais da área, se verifica que as tarefas estratégicas destes publicitários expandem nas atuações das campanhas com maior impacto a partir do seu uso, com agilidade e obtenção de informações rápidas e concretas para as tomadas de decisões. A IA agrega tanto no processo criativo quanto nas decisões de automação do processo e da análise da concorrência, permitindo direcionar e agilizar todo o fluxo de trabalho, agregando valor aos projetos publicitários especialmente por simplificar todo o desenvolvimento.

Referências

74

CANDIDO, Fabiano. 30.04.2019. BRYNJOLFSSON, Erik. **A inteligência artificial, como os seres humanos, é limitada.** Revista Época e Negócios. Globo digital. G1. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/04/inteligencia-artificial-como-os-seres-humanos-e-limitada.html>> acesso em: 04 agosto 2023.

CARVALHO, André Carlos Ponce de Leon Ferreira de. **“Inteligência Artificial: riscos, benefícios e uso responsável.”.** Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, março/2021.)

COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo. **“Inteligência Artificial: Avanços e tendências.”** Pg 38. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo/USP. 2021.)

DAVENPORT, Thomas H. **Only Humans Need Apply: Winners and Losers in the Age of Smart Machines.** RJ: Harper Business, 2016.

_____. Palestrante, autor e orientador. Site oficial de Thomas H. Davenport. Disponível em: <<https://www.tomdavenport.com/about/>> Acesso em: 02 agosto 2023.

GREFFE, Xavier. **Arte e mercado.** Itaú Cultural, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MADEIRA, Afonso Celso M.; NEVES, Barbara Coelho; BRANCO, Daniel de Jesus B. C. **O Uso da Inteligência Artificial Aplicada ao Marketing Digital: exploração das vulnerabilidades do usuário-consumidor.** Journal of Media e Interaction, vol.3, n. 8. Universidade de Aveiro: Portugal, 2021.

McAFEE, Erik Brynjolfsson Andrew. **The second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of brilliant Technologies.** Contents. New York, London: Norton & Company, 2014.

MADEIRA, Afonso Celso M.; NEVES, Barbara Coelho; BRANCO, Daniel de Jesus B. C. **O Uso da Inteligência Artificial Aplicada ao Marketing Digital: exploração das vulnerabilidades do usuário-consumidor.** Journal of Media e Interaction, Vol.3, No.8. p. 102, Universidade de Aveiro, Portugal. 2021.

MEDEIRO JR, Alberto de; AMORIM, Beatriz Prieto de; TABATA, Paula Ikeda; FELICISSIMO, Victoria Rodrigues da Cunha. **Os impactos da inteligência artificial nas estratégias de marketing.** Revista Fatec Zona Sul/Refas, p.12, outubro de 2022.

NETTO, José Paulo; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Conhecimento Cotidiano e Crítica.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NETTO, José Paulo; FALCÃO, Maria do Carmo. **Cotidiano: conhecimento e crítica.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PEARL, Carthy. **Designing Voice User Interfaces: Principles of Conversational Experiences.** Sebastopol: O'Reilly Media, 2017.

PEREIRA, F.; SILVA, J. (2021). **O Papel da Inteligência Artificial no Aumento da Eficiência dos Profissionais de Publicidade no Brasil.** Revista Brasileira de Marketing, 20(3), 124-141.

PINTO, Roberto da Silva Pinto. **Inteligência Artificial e o Judiciário no Brasil: uma análise dos desafios sociais e a visão dos juízes.** Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2021.

RUSSEL, Stuart; NORVING, Peter. **Inteligência Artificial: Tradução da Terceira Edição.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SOUZA A.; LIMA, P. (2020). **O Impacto da Inteligência Artificial nas Agências de Publicidade: Um Estudo de Caso no Mercado Brasileiro.** Revista Internacional de Marketing, Comunicação e Novas Mídias, 8(2), 32-48.

VALENTIM, Jefferson. **A publicidade na era da inteligência artificial: oportunidades e desafios para o século XXI.** NAMID da UFPB. Ano XIX, n. 06 de junho de 2023.

Criação e cultura livre na era da inteligência artificial generativa

Leonardo F. Foletto¹

ORCID: 0000-0003-2677-1017

Resumo: Este texto trata de discutir implicações estéticas e filosóficas na criação e na cultura a partir da popularização de sistemas de Inteligência Artificial (IA) generativa em 2023 como o ChatGPT. Parte do debate em torno do conhecimento e da cultura livre e do status remix da criação com a ascensão das tecnologias digitais e da internet nos anos 2000 para, então, problematizar consequências do uso massivo dos sistemas de IA generativas para a criação artística hoje. Por fim, pontua que a exploração privada do conhecimento não necessita ser um motivo para restringir seu amplo acesso, mas disputá-lo enquanto um comum; e aponta para a construção de uma agenda para discutir a criação em tempos híbridos, que busque afirmar as tecnologias a partir de sua característica protética (HUI, 2023).

76

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Cultura Livre. Plataformas digitais. Políticas da Internet. Filosofia da tecnologia.

¹ Jornalista, doutor em comunicação (UFRGS), com pós-doutorado na FAU-USP junto ao LabCidade. Professor e pesquisador da Escola de Comunicação, Mídia e Informação da Fundação Getúlio Vargas (FGV-ECMI). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1468800349299441>.

Creation and free culture in the era of generative artificial intelligence

Abstract: This text discusses aesthetic and philosophical implications in creation and culture from the popularization of generative Artificial Intelligence (AI) systems in 2023 such as ChatGPT. It starts from the debate around knowledge and free culture and the remix status of creation with the rise of digital technologies and the internet in the 2000s, and then problematizes the consequences of the massive use of generative AI systems for artistic creation today. Finally, he points out that the private exploitation of knowledge does not need to be a reason to restrict its wide access, but to dispute it as a common one; and points to the construction of an agenda to discuss creation in hybrid times, which seeks to affirm technologies based on their prosthetic characteristics (HUI, 2023).

77

Keywords: Artificial Intelligence. Free Culture. Digital Platforms. Internet Politics. Philosophy of technology.

Creación y cultura libre en la era de la inteligencia artificial generativa

Resumen: Este texto discute las implicaciones estéticas y filosóficas en la creación y la cultura a partir de la popularización de los sistemas generativos de Inteligencia Artificial (IA) como ChatGPT en 2023. Parte del debate sobre el conocimiento y la cultura libre y el estatus de remix de la creación con el auge de las tecnologías digitales e internet en la década de 2000, y luego problematiza las consecuencias del uso masivo de los sistemas generativos de IA para la creación artística en la actualidad. Finalmente, señala que la explotación privada del conocimiento no tiene por qué ser motivo para restringir su amplio acceso, sino para disputarlo como común; y apunta a la construcción de una agenda para discutir la creación en tiempos híbridos, que busca afirmar las tecnologías a partir de sus características protésicas (HUI, 2023).

78

Palabras-clave: Inteligência artificial. Cultura Livre. Plataformas Digitais. Política da Internet. Filosofia da tecnologia

Introdução

Inteligência Artificial (IA) é, desde princípios de 2023, o tema inescapável do ano. Isso se deve em grande parte ao sucesso do ChatGPT, uma IA generativa criada pela OpenAI, uma empresa dos Estados Unidos que desde 2015 desenvolve sistemas de conversação com humanos a partir de modelos de Processamento de Linguagem Natural (PLM, em inglês *NLP*), um método computacional que usa do aprendizado de máquina para revelar estruturas e linguagens do texto. Em novembro do 2022, a Open IA lançou sua versão online do modelo que vinha trabalhando, chamado GPT, que ao se tornar disponível para qualquer usuário mediante cadastro², passou a se chamar ChatGPT. Em uma semana, a plataforma online atingiu o primeiro milhão de usuários; em janeiro de 2023 estimativas apontavam que já havia chegado a 100 milhões cadastrados³, um sucesso de público que se consolidou com o lançamento da versão 4.0 do GPT, com mais possibilidades de processamento e *plugins* agregados, em março de 2023, e que estabeleceu o tema das IAs generativas como um dos mais discutidos no debate público global em 2023.

O impacto da circulação e da popularização do sistema criado pela Open IA se deu, sobretudo, pelo surpreendente domínio da semântica e da sintaxe em diferentes idiomas. A capacidade e a velocidade de criar textos coerentes, respondendo a comandos humanos (os chamados *prompts*), fez com que muitas escolas e universidades proibissem seus alunos de usarem o ChatGPT para a redação de textos diversos⁴ - ou criassem regras específicas, que viessem a estabelecer

² Acesso e cadastro em: <https://chat.openai.com/auth/login>

³ Fonte: <https://canaltech.com.br/internet/chatgpt-atinge-100-milhoes-de-usuarios-em-apenas-dois-meses-238450/> Acesso em: 10 ago. 2023

⁴ Uma das primeiras iniciativas de proibição em escolas se deu no Estado de Nova York, nos Estados Unidos, ainda em janeiro de 2023 (Fonte: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/01/escolas-de-nova-york-proibem-o-uso-do-chatgpt/>). Após outros estados e municípios dos Estados Unidos também proibirem o uso em seu ensino básico, universidades como a de Bangalore RV, na Índia, passaram a restringir o acesso (Fonte: <https://www.hindustantimes.com/cities/bengaluru-news/why-this-bengaluru-institute-has-restricted-chatgpt-use-for-students-101674901758231.html>), assim como posteriormente alguns países: Rússia, China, Coreia do Norte, Cuba, Irã, Síria e Itália (Fonte: <https://www.cnb.com/2023/04/04/italy-has-banned-chatgpt-heres-what-other-countries-are-doing.html>), por motivos alegados que vão da violação das leis locais de proteção de dados (caso da Itália) à restrição de serviços por iniciativas de controle estatal da internet (caso dos países restantes). Fonte: <https://www.cnb.com/2023/04/04/italy-has-banned-chatgpt-heres-what-other-countries-are-doing.html>

modificações nos sistemas de avaliações, trazendo o foco para a produção de perguntas a partir de supervisão de professores, por exemplo⁵.

Os impactos da automatização via ChatGPT na produção de textos comunicacionais (notícias, artigos de opinião, publicações de redes sociais) e na sistematização de ideias para fins de produção de conhecimento (organização de tópicos sobre assuntos, resumos de temas, explicações diversas) despertaram também reações exageradas de medo e entusiasmo. Exemplificadas, por exemplo, primeiro pela carta assinada em março de 2023 por mais de mil especialistas e personalidades⁶, como Yuval Noah Harari e Elon Musk, pedindo uma “parada obrigatória para pensar” sobre as consequências do desenvolvimento desenfreado das IAs generativas; depois, em julho de 2023, por outra carta, agora assinada por mais de 1000 especialistas na área do Reino Unido⁷, afirmando que a inteligência artificial é uma força do bem e que não ameaça a sociedade.

Ambas reações são demonstrativas de uma discussão em escala global que trata da oposição filosófica entre homem X máquina. Cartas que argumentam de forma genérica e imprecisa que as IAs são “boas” ou “ruins” revela um binarismo que esconde a complexificação crescente da relação entre ser humano e tecnologia nas últimas décadas, sobretudo a partir da popularização das tecnologias digitais e da internet. Segundo Hui (2023), este binarismo tem impedido o ser humano de desenvolver uma relação produtiva entre esses dois pólos e compreender que, talvez, sejamos mesmo híbridos - ou cyborgs, como diz Donna Haraway (1985) há mais de três décadas.

Sendo um tema inescapável na discussão ética, estética e política envolvendo a cultura, a comunicação e a tecnologia, a ascensão do ChatGPT - e também de diversos outros sistemas de IA generativa que se popularizaram em 2023, como o *Stable Diffusion*, *Midjourney* e o concorrente *Bard*⁸ (da Google) - o

⁵ Caso do Sciences Po, universidade e centro de pesquisa sediado na França, que listou os motivos em comunicado: “Sem referenciar de modo transparente, os alunos estão proibidos de usar o software para a produção de qualquer trabalho escrito ou apresentações, exceto para fins específicos do curso, com a supervisão de um líder do curso”. Fonte: <https://newsroom.sciencespo.fr/sciences-po-bans-the-use-of-chatgpt/>

⁶ Disponível em: <https://futureoflife.org/open-letter/pause-giant-ai-experiments/>

⁷ Disponível em <https://www.bbc.com/news/technology-66218709>

⁸ Os dois primeiros voltados à produção de imagens, podem ser acessados em <https://stablediffusionweb.com/> e <https://www.midjourney.com/> respectivamente. Já o Bard, lançado em sua versão experimental em março de 2023, pode ser testado em <https://bard.google.com/>

desafio passa a ser de que forma e de qual perspectiva abordar a discussão. Há, por exemplo, a discussão já mencionada sobre parâmetros éticos do uso, seja em sala de aula ou em qualquer outra área que envolve comunicação de visibilidade pública, o que inclui a criação de mecanismos de regulação, em âmbito nacional (um país) ou internacional⁹.

Podemos falar também da perspectiva do trabalho, visto que as IAs podem potencializar a precarização agora também do trabalho criativo (designers, ilustradores, produção de “conteúdos” em geral), não apenas trabalhos como os de motoristas e entregadores de aplicativos e outros da chamada *gig economy* (economia dos bicos), no processo também chamado de uberização (ABÍLIO, 2017; ABÍLIO e GROHMANN, 2021). Nessa agenda se inclui também as implicações políticas no extrativismo desigual de dados norte-sul global, a partir da acentuação do colonialismo de dados (COULDRY e MEJÍAS, 2019; LIPPOLD e FAUSTINO, 2023) e da exploração de trabalhadores para aprimorar manualmente os resultados das IAs generativas como o ChatGPT. Inclusive, aqui já há casos conhecidos, como o de trabalhadores do Quênia que ganhavam menos de U\$2 por hora para treinar o sistema criado pela OpenIA a ser menos tóxico¹⁰; ou o de brasileiros que, contratados por empresas intermediárias de outras grandes empresas de tecnologia (caso da *Amazon Mechanical Turk*, da Amazon, *Appen*, *ClickWorker* e *Microworkers*) ganham frações de centavos de Real para realizar micro trabalhos que ajudam a treinar redes neurais e outras técnicas utilizadas em sistemas de Inteligência Artificial¹¹.

Podemos ainda refletir sobre as questões filosóficas que envolvem a relação humano X máquina e dos hibridismos estabelecidos na medida em que uma tecnologia é sempre social, não existe per se, mas associada a outros

⁹ A União Europeia saiu na frente e estabeleceu a primeira lei abrangente sobre o tema: <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20230601STO93804/lei-da-ue-sobre-ia-primeira-regulamentacao-de-inteligencia-artificial> No Brasil, em 2023 está em discussão um projeto no Senado, embasado por 9 meses de trabalho de uma comissão de especialistas, que produziram um robusto relatório para embasar a legislação: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?-codcol=2504>

¹⁰ Fonte: <https://time.com/6247678/openai-chatgpt-kenya-workers/>

¹¹ Ver matéria do The Intercept (<https://www.intercept.com.br/2023/06/19/brasileiros-ganham-fracoes-de-centavos-para-melhorar-sua-inteligencia-artificial/>) baseada em pesquisa do Laboratório de Trabalho, Saúde e Processos de Subjetivação da UEMG e do Diplab, Institutu Politécnico de Paris (<https://diplab.eu/who-trains-the-data-for-artificial-intelligence-in-brazil-a-joint-report-diplab-latraps-on-micro-work-june-2023/>).

domínios, objetos, humanos e outros animais (LEMOS, 2023, online). Aqui os esforços podem incluir a discussão sobre a perda da centralidade humana que baliza a perspectiva antropocêntrica ainda culturalmente dominante no Ocidente, tema que os povos originários do planeta, em especial os ameríndios do nosso continente, já tratam a bastante tempo, dando status de criadores a seres não-humanos (embora aqui animais, não objetos tecnológicos) ao estabelecer também a “autoria”, ou a “posse dos bens”, a uma vasta rede que pode incluir pessoas e objetos, natureza e sociedade de modo praticamente simétrico (FOLETTO, 2021, p.200). Ainda na metade do século passado, também o francês Gilbert Simondon se questionava sobre a perda da centralidade do humano a partir da tecnologia: “quando o humano deixa de ser o organizador da informação, que papel ele pode desempenhar?”(SIMONDON,2020) Seriam as máquinas um caminho para a libertação do trabalho? Tal libertação, como afirma Hui (2023, online) citando Hannah Arendt em “A Condição Humana”, levaria ao consumismo, deixando o artista como o “último homem” capaz de criar?

Por fim, uma quarta entrada no tema fala da discussão sobre criação artística, cópia e o direito de acesso ao conhecimento e à cultura. Sem esquecer as relações com as três perspectivas anteriores, seguimos agora para a discussão deste ponto, a partir de pesquisa exploratória na bibliografia recente sobre o tema e da argumentação em torno do conceito de cultura livre, fundamentada pelo software livre e pela noção de copyleft, e também dos efeitos das IAS generativas sobre a criação hoje e uma estética “nostálgica”, tema que inclui a (re) apropriação de obras, as questões de autoria e da propriedade intelectual.

A cultura livre e o zeitgeist da criação na internet pré-plataformização

Propagada como ideia na década de 1990, nos primeiros anos da internet comercial no mundo, a cultura livre surge inicialmente como um conceito que aplica as quatro liberdades do software livre aos bens culturais, a saber: (0) de executar o programa, para qualquer propósito; (1) de estudar o programa e adaptá-lo para as suas necessidades; (2) de redistribuir cópias do programa; (3) de modificar (aperfeiçoar) o programa e distribuir essas modificações¹².

¹² Primeira definição, em inglês, no site da Free Software Foundation, disponível em: <https://www.gnu.org/philosophy/free--sw.html>

A noção vem ao trocar a palavra “programa” das quatro liberdades do software livre acima para “cultura”, ou “bens culturais”. Sua difusão é fruto de um período de expansão da internet comercial no planeta e da proliferação dos sites de compartilhamento de arquivos par a par (*peer to peer*, ou *P2P*¹³), que permitiam o livre acesso, de forma gratuita e à margem das legislações vigentes de direitos autorais, a uma grande quantidade de arquivos de filmes, séries, músicas, livros e outros bens culturais. A cultura livre passa a ser

“um movimento de pessoas e uma prática aliada ao compartilhamento de todo tipo de arquivo na internet (o download), a livre recombinação de ideias para criação de bens culturais e um desafio às mudanças na legislação do direito autoral a partir das transformações ocasionadas pela internet.” (FOLETTO, 2021, p. 149)

Projetos que surgem no início dos anos 2000, como o *Science Commons*, *Open Access*, *Open Educational Resources* (Recursos Educacionais Abertos, REA, em português) e a Wikipédia, assim como organizações como o Creative Commons¹⁴, todas elas ainda ativas em 2023, se engajaram na defesa do livre acesso à informação e da autonomia dos usuários na hora de escolher de como compartilhar o conhecimento que produzem.

Vale ressaltar que a cultura livre, enquanto ideia e movimento, esteve estreitamente ligada ao conceito de *copyleft*, criado a partir do programador estadunidense Richard Stallman na elaboração da primeira licença para um software livre, a *General Public License* (GPL), criada em 1984¹⁵. A noção pensada por ele estabeleceu requerer a posse legal de uma obra (no caso, o software) para renunciar a esta ao autorizar que todas façam o uso que desejarem da obra, desde que transmitam suas mesmas liberdades a outras. Enquanto conceito jurídico, o *copyleft* protege as obras de serem fechadas ou limitadas por um *copyright* e torna

¹³ Processo descentralizado de compartilhamento de arquivo em que cada usuário pode baixar partes de um arquivo a partir de outras partes espalhadas em diversos computadores – quanto mais dispositivos, mais rápido o processo.

¹⁴ Organização fundada em 2001 por Lawrence Lessig, Hal Abelson e Eric Aldred, com apoio do ativista Aaron Swartz, visa construir licenças alternativas ao restritivo “Todos os direitos reservados” do *copyright* oferecendo como opção “alguns direitos reservados”, em que cada criador pode escolher o que gostaria de liberar, indo do mais restritivo ao menos.
Site: <https://creativecommons.org>

¹⁵ É a primeira licença genérica que cobria todos os códigos do projeto GNU (Gnu is not Unix), primeiro conjunto de softwares livres a ser desenvolvido, base depois para os sistemas operacionais Linux alguns anos depois. Visava estabelecer liberdades de uso que o *copyright* em voga nos Estados Unidos não permitia. Ainda está em atividade em <https://www.gnu.org/>

as licenças baseadas nele, como a GPL e depois a *Creative Commons CC BY SA*¹⁶, contagiosas, ou seja: que transformam os bens licenciados sob ela em um comum, a ser cuidado (idealmente) por uma comunidade de pessoas. este a ser, a princípio, cuidado por todos. A força do *copyleft* derivaria do fato de ser uma inovação jurídica vinda de baixo que superaria a mera “pirataria” de baixar arquivos protegidos por direitos autorais, como explicou à época o coletivo Wu Ming:

“As ‘licenças abertas’ estão em toda parte, e tendencialmente podem se converter no paradigma do novo modo de produção que liberta finalmente a cooperação social (já existente e visivelmente posta em prática) do controle parasitário, da expropriação e da “renda” em benefício de grandes potentados industriais e corporativos” (WU MING, 2002, online)

Na disputa colocada após a criação e consolidação da noção de propriedade intelectual e de direitos autorais, nos séculos XVIII e XIX¹⁷, a posição da cultura e do conhecimento livre opta por defender o acesso, (re)uso e circulação de informação e conhecimento em prol da construção de um bem comum (*commons*) mundial, em contraponto a um cerceamento cada vez maior - sobretudo nas décadas de 1990 e 2000 - do acesso a partir do fechamento da cultura e do conhecimento em propriedades intelectuais. Numa sociedade e numa época onde informação, código e lei passaram a formar uma trindade cada vez mais poderosa, com as frequentes disputas em torno da pirataria e da criminalização do download em sites como o *The Pirate Bay*¹⁸, “ideias como a liberdade, os commons e a abertura se desenvolvem como chaves em um movimento de cultura livre que visa dar alternativas ao progressivo cerceamento e controle da cultura” (MANSOUX, 2012, p.195).

Pré ascensão dos serviços de *streaming* de música e vídeo, da popularização das redes sociais na internet e do que se convencionou chamar de plataformização

¹⁶ Licença que permite o ato de compartilhar, copiar e redistribuir o material licenciado em qualquer suporte ou formato; adaptar, remixar, transformar e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que se atribua crédito, indique as mudanças a serem feitas e se compartilhe igual, ou seja, pela mesma licença. Disponível em <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/br/>

¹⁷ Sobre a história do copyright, ver Lessig (2005)

¹⁸ Site que agrega arquivos de torrents para download. Foi processado na Suécia, país base de sua fundação, em 2008 por empresas ligadas à Motion Pictures Association (MPAA). O caso teve apelação em 2010, que reduziu o tempo de prisão de todos os acusados (4 a 10 meses). Depois de alguns anos foragidos, cumpriram suas penas e desde 2015 estão liberados. Sobre o caso, ver o documentário *The Pirate Bay: Away from the Keyboard*, lançado em 2013.

(VAN DIJCK, 2018; GROHMANN, 2020), parecia uma boa tática liberar informações da forma de propriedade. A produção de informação livre estimulou a produção autônoma de conhecimento, deu prosseguimento a uma tradição anterior ao capitalismo de construção e manutenção dos commons, criou movimentos que potencializam o acesso ao conhecimento (além dos já citados, também aquele relacionado com acervos de galerias, museus e bibliotecas¹⁹) e de busca por “um espaço de liberdade não-mercantilizada em mídias emergentes e formas técnicas” (WARK, 2023).

No aspecto criativo, liberar a informação da forma propriedade expandiu o entendimento comum de um modo criativo baseado na cópia, que chamo aqui de “modo remix”. A facilidade de acesso à informação potencialmente infinita da rede deixou mais à vista que a criação é fruto de diversos tipos de apropriação, não de um essencialismo romântico que classifica uma obra cultural como fruto de uma natureza divina ou de uma manifestação *sui generis* de um autor genial (CRITICAL ART ENSEMBLE, 2001, p.143). Dado que, para um computador e qualquer dispositivo com um processador embutido (como um *smartphone*, um *SmartTV*, um *Tablet*, etc), uma música e um vídeo digital são reduzíveis a um mesmo elemento, ou seja, combinações diversas de algoritmos 0 e 1 comprimidas e recombinadas, práticas remixadoras como o meme e o *mashup* passaram a ser a forma mais popular de criação na era digital.

Não havia mais a “rivalidade” física de outrora que opunha formatos da música (um disco, um CD-ROM) com um vídeo (uma fita de videocassete, uma película de filme), por exemplo, e dificultava a criação recombinante (ainda que não impedisse, vide o nascimento do rap e do *sampler*). A associação da rede mundial dos computadores com a digitalização dos formatos de circulação dos bens culturais propiciaram a coexistência em diferentes cópias do registro de uma mesma expressão artística, tornando-se assim uma música em MP3, um vídeo em MP4 e um texto em formato doc em bens não rivais. Neste cenário, a informação liberta da propriedade de fato concretizou a máxima da ética hacker²⁰ e enfim se tornou livre.

¹⁹ Sigla em inglês para “galerias, bibliotecas, arquivos e museus abertos”. Ver <https://br.creative-commons.net/2019/06/17/principios-open-glam-em-portugues>

²⁰ Desenvolvida a partir da atuação de hackers entre os anos 1960 e 1980, ela diz, entre outras coisas, que “toda informação deve ser livre”. Ver este e os outros princípios em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica_hacker

Porém, diferente do que o movimento da cultura e do conhecimento livre almejavam, a informação livre não necessariamente tornou-se um comum (*commons*²¹). Resolver o aspecto do acesso à informação e ao conhecimento sem tocar nas questões sociais envolvendo a produção e manutenção desse comum poderia possibilitar a apropriação privada deste conhecimento socialmente produzido - ou a “exploração do intelecto geral”, nos termos de Marx nos *Grundrisse* (2011). É conhecido que, na sociedade atual, as empresas capitalistas sempre serão as que melhor podem explorar o conhecimento livre em seu benefício, o que de fato aconteceu em escala massiva. Além de estimular a produção autônoma e o direito de acesso à informação, abrir a forma-mercadoria da informação em favor de uma espécie de economia da dádiva abstrata (WARK, 2023) propiciou também que as maiores empresas de tecnologia surgidas nas últimas décadas, as chamadas *big techs*²², se apropriassem desse excedente de informação para explorar ainda mais as desigualdades sociais e econômicas no planeta, inclusive inaugurando uma nova fase do colonialismo, chamado de colonialismo de dados (ou colonialismo digital), criada a partir de um extrativismo de dados (COULDRY e MEJÍAS, 2019) e de um “novo fetichismo da técnica, da ilusão da neutralidade tecnológica e de ingênuas crenças na libertação pelos dispositivos, como se fosse possível eliminar problemas sociais apenas implementando e manuseando aplicativos digitais” (AMADEU, 2023, p.18).

No aspecto estético, por sua vez, a abundância de acesso a informação tem potencializado, segundo Fisher (2022), o “modo nostalgia”, expressão criada por Fredric Jameson nos anos 1980 para se referir aos cada vez mais comuns pastiches pós-modernos dos anos 1980 que se apegam à forma e as técnicas do passado, inclusive criando uma sensação de apagamento do senso de tempo histórico. Recuperado por Fisher para se referir sobretudo à música e ao cinema da década dos 2010, o “modo nostalgia” reverbera a sensação, compartilhada também em Bifo (2019), de um “lento cancelamento do futuro”, ou da dificuldade de imaginar futuros na arte decorrente também do afogamento pela superoferta de informação liberta.

²¹ Também conhecido como *procomún* em espanhol; em português também é usado como “bens comuns”. É um conceito de larga tradição histórica que remete aos gregos e, historicamente, definiu tanto um conjunto de recursos (bosques, água, ar, campos) e coisas (uma ferramenta, uma máquina) como um produto social e uma prática. Ver Savazoni 2018.

²² Termo usado informalmente para se referir às maiores empresas de tecnologia do planeta, como Google, Amazon, Meta, Apple e Microsoft. Ver Morozov (2018).

Um dos exemplos que Fisher usa é o som da banda inglesa Arctic Monkeys:

“Enquanto eles soam suficientemente históricos - pertencendo ao período imitado quando ouvidos pela primeira vez - alguma coisa ali não pertencem ao presente nem ao passado, mas a alguma era “atemporal” implícita, os eternos anos 1960 ou anos 1980. Os elementos do “som clássico”, tão serenamente libertados das pressões por se tornar história, agora são desenvolvidos periodicamente por novas tecnologias (FISHER, 2022, p.28)”

Fisher afirma que as “as novas tecnologias” digitais, no capitalismo tardio, teriam sido subordinadas a somente repaginar o “velho”. A perda do desafio modernista em inovar marcaria o momento presente com uma extraordinária capacidade de se acomodar ao passado. É como se, diante de uma enorme densidade de informações disponíveis sobre o presente e o passado, arquivos MP3 e MP4 e acesso potencialmente infinito de sons, imagens e vídeos na internet, o cérebro não conseguisse projetar sua experiência para fora do presente ou do passado. Assim, o futuro, como diz Bifo (2019, p.109), torna-se “inimaginável”.

IAs generativas, defesa do conhecimento livre e a criação em tempos híbridos

87

Exploração e apropriação privada do conhecimento socialmente produzido na rede. Superestímulo de informações que potencializam uma cultura cada vez mais *remix* e, em muitos casos, referente a um passado nostálgico e tornado atemporal. Ambos elementos parecem, neste 2023, estar sendo fomentados ainda mais pela automação na produção de imagens, sons e textos proporcionados por IAs generativas como os já citados ChatGPT, *MidJourney*, *Stable Diffusion*, entre outros. Mas será mesmo que o ChatGPT seria apenas “um pesado motor estatístico para a correspondência de padrões” (CHOMSKY, ROBERTS, WATUMULL, 2023, online)? Um “papagaio probabilístico” que só criaria a partir do já existente - sendo este existente uma parte considerável da internet que foi “engolida” sem a autorização dos produtores de informação, portanto informação liberta da propriedade a serviço de um sistema técnico que, em meados de 2023, teria gerado a sua empresa criadora um valor de mercado na casa de U\$ 29 bilhões²³ e explorado a mão de obra de trabalhadores a U\$2 por hora?

²³ Valor estimado, já que é difícil ter precisão. Fonte: <https://exame.com/invest/mercados/criada-sem- visar-lucro-openai-que-pode-valer-us-29-bi-mira-se-tornar-a-maior-startup-do-mundo/>

Entre discussões em torno dos aspectos estéticos, éticos e políticos das IAs generativas, revisita ao debate sobre cultura e o conhecimento livre, dificuldade de imaginação (também sociotécnica) a partir da superexposição de informação nas tecnologias digitais, ao final desse texto gostaria de sistematizar duas proposições (certamente outras poderiam ser incluídas) para a discussão em torno da criação e da cultura livre no ano da popularização das inteligências artificiais generativas.

A primeira diz respeito ao acesso ao conhecimento e a disputa pelas Inteligências Artificiais Generativas. A ampla disponibilidade de informação e cultura pode ser considerado um avanço nos direitos culturais das pessoas, também possibilitado pelo desenvolvimento das forças produtivas (GEMETTO E FOSSATI, 2023, online). Se o conhecimento humano é um patrimônio construído coletivamente que deve servir à toda sociedade, sua exploração privada não necessita ser um motivo para restringir seu amplo acesso, mas disputá-lo enquanto um comum, estabelecendo regras transparentes para suas práticas, bem como políticas de cuidado, responsabilização e, se for o caso, criminalização dos excessos.

A defesa da restrição do acesso à informação da rede nos sistemas de IAs generativas tem criado uma disputa industrial que simplifica o debate:

De um lado, estariam os detentores de direitos autorais supostamente saqueados, que incluem artistas, editoras e empresas de conteúdo de todos os tipos. Por outro lado, as corporações de tecnologia. A oposição, como se vê, não seria entre os artistas que trabalham e seus empregadores nas empresas de conteúdo, mas entre dois setores industriais: o criativo e o tecnológico. Portanto, não seria uma reivindicação baseada em classe, mas intersetorial (GEMETTO e FOSSATI, 2023, online).

Entre estes dois polos, há outros atores, como a comunidade educacional, científica, acadêmica e mesmo a cultural, que utiliza inteligência artificial em seus trabalhos e que seria prejudicada por medidas restritivas de acesso ao conhecimento a partir de IAs. Estas medidas também parecem reacionárias, na medida que apostar na proibição de algo com seu uso já adotado socialmente tem maiores possibilidades de ser ineficaz, além de ignorar que também os artistas sempre usaram novas tecnologias, “tanto de forma ‘correta’, aprendendo a técnica e seguindo o cânone, quanto de forma subversiva, desafiando a tendência dominante e invadindo as formas comuns de fazer” (GEMETTO e FOSSATI, 2023, online). A ideia de criar barreiras econômicas ao acesso, inclusive, já foi realizada anteriormente, na época

das campanhas antipirataria na internet²⁴, e ainda hoje é mobilizada por *copyright trolls*²⁵ na hora de criminalizar o ato de baixar arquivos digitais - e em ambos os casos não parece que tenha surtido efeito maior que a rearticulação do modelo econômico da indústria baseada na propriedade intelectual.

Ainda que pareça ingênua diante da capacidade de exploração do conhecimento coletivamente criado por parte de empresas de tecnologias como as big techs, a ideia de disputar a construção de tecnologias como as IAs generativas, e de estabelecer processos de responsabilização e cuidado do uso destas, parece mais plausível do que a mera proibição. Como afirma Lemos (2023, online)

Os problemas e benesses não estão determinados antes, mas florescem ou fenecem no tecido social em que ganham existência. Consequentemente, o que é bom ou ruim com a IA é elemento de disputa, como é com qualquer outra tecnologia. Potências e negatividades não aparecem de forma transcendente, por decisão tomada nos gabinetes ou laboratórios, mas de forma imanente, no seu entrelaçamento com as diversas associações na vida real (LEMOS, 2023, online)

A proibição parece também simplificadora, na medida que diversos filósofos que se debruçam sobre a técnica nos mostram que a incapacidade de lidar e integrar a realidade técnica das máquinas no cotidiano fomenta um infeliz antagonismo entre o humano e a máquina, a cultura e a técnica. Um antagonismo que “não é apenas a fonte do medo, mas também se baseia em uma compreensão muito problemática da tecnologia, moldada pela propaganda industrial e pelo consumismo” (HUI, 2023, online). Segundo Lemos (2023), o esforço intelectual e prático deveria ser em reconhecer a perda de centralidade humana e “tentar entender como estamos, em determinados momentos e lugares, produzindo o comum enroscados nessas redes sociotécnicas” (LEMOS, 2023, online).

O debate em torno da complexificação da relação entre humano e tecnologia, cultura e técnica, nos leva a uma segunda proposição: a construção de uma agenda para discutir a criação em tempos híbridos. Como o humano pode levar a criatividade para uma direção diferente, que, por exemplo, afirme as

²⁴ Campanhas populares nos anos 200 que diziam que um filme baixado era um DVD a menos vendido e, com isso, ajudava a “matar” os artistas de fome. Ver Foletto, 2021, p. 174

²⁵ Pessoas ou organizações que realizam ameaças de processo judicial, ou outras atitudes particularmente agressivas, para obter remuneração a partir de questões ligadas à proteção dos direitos autorais. Ver <https://partidopirata.org/nota-copytrolls/>

tecnologias a partir de sua característica protética (Hui, 2023, online), já que desde os primórdios da humanidade o acesso à verdade sempre dependeu da invenção e do uso de instrumentos? Qual o tipo de criatividade que emana de um paradigma de abundância de informação, e não escassez? E qual seria um modelo jurídico que daria conta de substituir o paradigma da propriedade intelectual, baseado na escassez e na propriedade privada, por um mais baseado no amplo acesso?

Nesse sentido, valeria entender a centralidade da cópia no processo de aprendizado humano para, então, compreender de que forma o ChatGPT e outras IAs generativas estão a potencializar o modo remix de criação. Se, de fato, geram pastiches a-históricos que apenas repaginam o “velho” e potencializam um “modo nostalgia” que só consegue atentar ao presente e ao passado e não ao futuro. Ou se observamos isto porque não estamos acostumados a olhar a criação sem o humano no centro e no comando do processo, o que remete novamente à necessidade de buscar respostas para a pergunta de Simondon: qual o papel que o humano pode desempenhar quando ele deixa de ser o organizador da informação?

Referências

- ABÍLIO, Ludmila C. **Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado**. Revista *Psicoperspectivas: individuo y sociedad*, v. 18, n. 3, p.1-11, 2019.
- ABÍLIO, Ludmila C.; GROHMANN, Rafael. **Uberização como apropriação do modo de vida periférico**. In: GROHMANN, Rafael (org.). *Os laboratórios do trabalho digital* São Paulo: Boitempo, 2021, p. 85-91.
- AMADEU, Sérgio. **Colonialismo digital, Imperialismo e a Doutrina Neoliberal**. IN: FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo; Boitempo, 2023.
- BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.
- CHOMSKY, Noam; ROBERTS, Ian; WATUMULL, Jeffrey. **A falsa promessa do ChatGPT**. Folha de S.Paulo, 10 março de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/03/a-falsa-promessa-do-chatgpt.shtml> Acesso em: 10 mai. 2023
- COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. **The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism**. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- CRITICAL ART ENSEMBLE. **Distúrbio Eletrônico**. Coleção Baderna, Conrad; São Paulo, 2001
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo; Boitempo, 2023.
- FOLETTO, Leonardo. **A Cultura é Livre: uma história da resistência antipropriedade**. Autonomia Literária/Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.
- FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida: Escritos Sobre Depressão, assombrologia e futuros perdidos**. São Paulo; Autonomia Literária, 2022.
- GEMETTO, Jorge. FOSSATI, Mariana. **Inteligência artificial generativa e direitos culturais**. Disponível em: <https://baixacultura.org/2023/06/23/inteligencia-artificial-generativa-e-direitos-culturais/> Acesso em: 28 jul. 2023
- GONÇALVES, Lukas Ruthes. **A Dream Spring of AI Copyright**. Disponível em: <https://www.project-disco.org/intellectual-property/a-dream-of-spring-for-ai-copyright/> Acesso em: 15 jul. 2023
- GROHMANN, Rafael. **Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal**. Revista EPTIC, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020.
- HUI, Yuk. **ChatGPT ou a escatologia das máquinas**. Trad. Moisés Sbardelotto. IHU Unisinos, jun. 2023. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629726-chatgpt-ou-a-escatologia-das-maquinas-artigo-de-yuk-hui> Acesso em: 25 jun. 2023

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia, feminismo-socialista no final do século XX** (1985). Ponta Grossa; Monstro dos Mares, 2020.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.

LEMOS, André. **IA, Elis e a nova carta**. Disponível em: <https://andrelemos.substack.com/p/ia-elis-e-nova-carta?> Acesso em: 10 jul. 2023

LESSIG, Lawrence. **Cultura livre: como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade**. Trad. Rodolfo S. Filho, Cardoso, Joaquim Toledo Jr., Isabea Vecchi Alzuguir, Mariana Bandarra, Alexandre Boide. São Paulo: Trama, 2005

MANSOUX, Aymeric. **Livre como queijo: confusão artística acerca da abertura**. In: BELISÁRIO, Adriano; TARIN, Bruno. Copyfight. Rio de Janeiro: Azogue, 2012.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018.

SAVAZONI, Rodrigo. **O comum entre nós: da cultura digital à democracia do século XXI**. São Paulo: Sesc Edições, 2018

SIMONDON, Gilbert. **Do modo de existência dos objetos técnicos** (1958). Trad. Vera Ribeiro. Contraponto, 2020.

VAN DYCK, José. POELL, Thomas. DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford; Oxford University press, 2018.

WARK, Mckenzie. **Considerações sobre um manifesto hacker**. IN: WARK, Mckenzie. Um Manifesto Hacker. São Paulo; Editora Funilaria, 2023 (no prelo).

WOLFSON, Stephen. **“Uso Justo”: Treinando IA Generativas**. Disponível em: <https://br.creativecommons.net/2023/06/06/uso-justo-treinando-ia-generativas/> Acesso em: 12 jul. 2023

WU MING. **Copyright e maremoto**. Trad. Rizoma. 2002. on-line. Disponível em <https://baixacultura.org/2012/07/09/wu-ming-e-um-maremoto-anticopyright/> Acesso em: 10 mai 2023

Trabalho e inteligência artificial: consequências psicossociais das transformações sociotécnicas do trabalho

Marta de Aguiar Bergamin¹
ORCID: 0000-0002-0015-6676

Resumo: O trabalho muda radicalmente com os novos incrementos tecnológicos que a IA apresenta. Seu avanço traz um esgarçamento das solidariedades sociais e agrava as desigualdades, vemos um cenário de concentração de renda e da criatividade do trabalho. Isso abala a produção da subjetividade que outros arranjos sociais traziam. Formar novas políticas sociotécnicas será necessário para sociabilidades futuras menos desiguais.

Palavras-Chave: Trabalho. Inteligência artificial. Desigualdades. Transformações sociotécnicas.

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1996), mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2001) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2011). Atualmente é professora na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E membro do Departamento de Formação em Psicanálise, do Sedes Sapientiae. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia do trabalho, sociologia urbana, cidades. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9596300416464737>.

Work and artificial intelligence: Psychosocial consequences of sociotechnical transformations in the workplace

Abstract: Work undergoes a radical shift with the new technological advancements that AI introduces. With the progress in the erosion of social solidarities and exacerbating inequalities, we witness a scenario of income and labor creativity concentration. This shakes the production of subjectivity that other social arrangements brought. Forming new sociotechnical policies will be necessary for future socialities that are less unequal.

94

Keywords: Work. Artificial intelligence. Inequalities. Sociotechnical transformations

Trabajo e inteligencia artificial: consecuencias psicosociales de las transformaciones sociotécnicas en el trabajo

Resumen: El trabajo experimenta un cambio radical con los nuevos avances tecnológicos que presenta la inteligencia artificial. Al avanzar en el debilitamiento de las solidaridades sociales y agravar las desigualdades, observamos un escenario de concentración de ingresos y de la creatividad en el trabajo. Esto sacude la producción de subjetividad que traían otros arreglos sociales. Será necesario formar nuevas políticas sociotécnicas para futuras sociabilidades menos desiguales.

95

Palabras-Clave: Trabajo. Inteligencia artificial. Desigualdades. Transformaciones sociotécnicas.

Introdução: um mundo em disputa

A greve dos roteiristas americanos, começada pela Guilda dos Escritores da América (WGA), iniciada em maio de 2023, recebeu adesão dos atores em julho, pela Guilda dos Atores de Tela – Federação Americana de Artistas de Televisão e Rádio (SAG-AFTRA) (BRAGA, 2023), durando aproximadamente 150 dias. A movimentação dos trabalhadores da indústria de Hollywood parece ser a primeira greve que tem como uma de suas reivindicações a conquista de regulação da inteligência artificial para o setor, que já ameaça seus trabalhos. Os roteiristas iniciaram a greve por uma questão trabalhista ligada à precarização da profissão pela chegada dos *streamings* na produção audiovisual. Com o novo modelo de produção, os trabalhadores viram seus rendimentos caírem, mesmo para filmes e séries de grande sucesso de público. As promessas de participação dos lucros de produções de maior audiência não foram cumpridas, e a intensificação do trabalho no setor também fez surgir graves insatisfações. Roteiristas, atores, fotógrafos e toda a cadeia do audiovisual se vê sob grande pressão. As reivindicações dos grevistas também propõem a regulamentação do uso da IA nas produções, sobretudo no emprego da ferramenta para o trato de imagens, já que uma imagem feita artificialmente a partir de uma imagem real ameaça novos trabalhos, tornando incertos os trabalhos futuros e os legados artísticos deixados para a posteridade.

Os cenários distópicos parecem prevalecer na experimentação ficcional sobre o futuro. As discussões são essenciais. Mesmo na imaginação de Hollywood, as perspectivas negativas são possivelmente preponderantes. Nos poucos filmes mais otimistas, como *A Chegada*, obra de ficção científica de Denis Villeneuve, de 2016, a personagem feminina interpretada por Amy Adams – a única mulher importante que compõe o filme – recebe a missão de salvar a humanidade. Ela consegue suspender uma guerra generalizada, mas vê disparar disputas entre nações. Na compreensão da linguagem desconhecida dos extraterrestres, que seria um entendimento profundo da sensibilidade do amor universal, e que afinal era o que os forasteiros da terra vieram nos ensinar, aparece a saída para uma fase catastrófica da humanidade. O filme apresenta neste cessar da destrutividade uma forma de ativar “novas inteligências” que possam nos lembrar das sensibilidades de cuidado do mundo comum, aberturas necessárias para sobrevivência.

A discussão fundamental que travamos aqui dispõe da conjunção de muitas crises, como a catástrofe ambiental mostrando em 2023 que chegamos rapidamente às consequências dos aumentos de temperatura da terra e dos

oceanos. Também estamos confrontados com o abalo às democracias que todo o contexto social global captura. Estamos aqui tratando da crise do futuro, que chegou rapidamente se apresentando como crise do presente, portanto, urgente.

Aqui, nos deparamos com as principais disputas que precisarão ser travadas nas fronteiras recentes da luta de classe, dos colonialismos e das desigualdades. Para tanto, devemos encontrar saídas, pela Política, para colocar no rol das discussões essas questões fundamentais do nosso tempo. A urgência em resolver questões essenciais neste momento parece mais paralisar movimentos sociais que buscam conquistas efetivas do que mostrar vigor para a construção de um pós-capitalismo. A velocidade vertiginosa com que as revoluções tecnológicas pousaram neste momento soma-se às crises de sociabilidade que experimentamos. Para Lazzaratto (2017), o capitalismo empreende uma luta de classes assimétrica: com as mudanças contemporâneas, os trabalhadores não são mais uma classe; têm uma existência sociológica e econômica, mas uma existência vulnerável. Como todos nós nos tornamos credores das dívidas contraídas pelos Estados, na construção de uma lógica perversa do capital, a relação credor/devedor marginaliza politicamente muita gente, de forma definitiva.

97

Uma dessas pautas necessárias diz respeito às relações da IA com o trabalho. Se, por um lado, as máquinas podem produzir de arte à diagnósticos médicos, de execução das tarefas humanas mais simples até criação, por outro, rapidamente provoca obsolescência de profissões e ocupações no mercado de trabalho, colocando novos limites para a humanidade lidar. Isso nos provoca a olhar para o fato de que nem de longe estas são questões desvinculadas dos interesses econômicos das *big techs* e da brutal concentração de renda na mão de poucos bilionários. Esses diminutos atores sociais concentram um poder econômico nunca visto antes, ditando novos controles e fronteiras da luta de classes e dos colonialismos. A imbricação disso com um poder político não pode ser descartada, mostrando que as forças mais extremistas reproduzem um negacionismo ambiental, sanitário e científico que também se faz presente no mercado de trabalho, compondo novos nichos de atuação “profissional”. Essas mudanças, que fazem uma transição tecnológica para outro momento da sociabilidade humana, inauguram o novo mal-estar na cultura no século XXI.

Tecnopolítica e as hipóteses para mudanças num futuro nada distante

As mudanças sociais experimentadas avançam impondo uma nova temporalidade, ainda mais veloz do que a fixada ao longo do século XX, no desenvolvimento do capitalismo, uma vez que foram totalmente atravessadas por tecnopolíticas que deixam traços de grande aceleração. São mudanças técnicas que, ao participar das práticas laborais, transformam também a própria concepção do trabalho.

Observamos a chegada à vida laboral de novas gerações inteiradas do mundo digital desde o berço, com os modos de trabalho já totalmente modificados pelas tecnologias, com uma ampliada plataformização da própria sociabilidade do trabalho. Essas novas fronteiras tecnopolíticas constituem um mundo de maiores incertezas, quadro este que vai modificando as subjetividades juvenis. A catástrofe ambiental e a crise do mundo do trabalho, sem apresentar perspectivas de renda, trabalho ou aposentadoria dignas, deixam de balizar um planejamento da vida a longo prazo. Essas novas temporalidades transformam as sociabilidades, e o trabalho, que trazia uma produção de organização da vida social, sofre abalos. Sentidos subjetivos enfraquecidos geram uma sociedade mais frágil e suscetível, além de um futuro de incertezas para uma antes estabelecida previsibilidade da vida, como aponta Sennett (2005); os jovens já não ancoram os desejos de longo prazo que garantiam esperanças do porvir.

Tal capacidade de transformação, como é evidente nas obras de arte e literárias, corresponde à capacidade de sonhar. Nossas vidas podem se enriquecer a partir do contato com estes objetos de continência que sonham por nós, e nos ensinam a sonhar os conteúdos das fantasias inconscientes que para dentro deles projetamos. Mas também grupos, instituições e indivíduos isolados podem nos ajudar nessas transformações, ajudando a sonhar, ajudando a dar forma colorido, palavra e voz aos estratos mais profundos do psiquismo. Estas são formas extraordinariamente importantes do cuidar. Quando nos faltam, sofremos com a sobrecarga de experiências emocionais obscuras e perturbadoras. (FIGUEIREDO, 2007, p. 17-18).

Uma questão essencial que se impõe nesse movimento é a construção de planos de futuro para essa geração que chega, já que certo niilismo pode estabelecer-se como modo de vida, configurando planos individualizantes. Uma sociabilidade violenta, sem vínculos de cuidado com o planeta ou com o Outro, nos desafia a enunciar que temos meios para sair dessa perturbação ao apresentar

práticas coletivas que possam unir e estabelecer afetos mais positivos. A crise é a modalidade de governo do capitalismo contemporâneo; ela vai mudando de nome e de intensidade, mas está sempre presente, como revela Lazzaratto (2017). Precisamos, como humanidade, criar algo comum fora da governamentalidade de pilares neoliberais – que operam pela crise e pelo medo.

Temos uma “gramática do sofrimento psíquico”: um governo do sofrimento que esse modelo econômico gera, misturando a economia com uma psicologia. A nova razão neoliberal (DARDOT e LAVAL, 20XX) chama atenção para uma gestão da vida bastante abrangente, uma gestão empresarial da vida. Safatle (2022) afirma que os ideais normativos estão sendo internalizados e vão além, compondo uma gestão do sofrimento psíquico. Os modelos de autorregulação chegam à constituição subjetiva dos sujeitos. Os modelos de produção dessas novas formas de sofrer apresentam uma guinada individualizante, que faz com que cada indivíduo tenha a “obrigação de ser si mesmo” (SAFATLE, 2017, p. 42). O jogo social apresenta uma mudança importante do sofrimento: Para Safatle (2017), as aceções neuróticas deixam de ser as mais comuns, e a depressão toma lugar, tornando-se a forma de sofrimento do nosso tempo, já em outra concepção da vida. Na neurose, o conflito é de como se internaliza a lei; no conflito depressivo, que se torna mais prevalente, os indivíduos se sentem insuficientes e disfuncionais, são inibidos. A culpa neurótica deixa seu lugar a um outro tipo de conflito, que, pelo desempenho e pela performance, mantém um meio de sustentar as demandas irrestritas do nosso tempo.

Temos observado esses conflitos em uma geração, os *millennials* (aqueles que nasceram entre 1981-1995), que já chegaram a um mercado de trabalho muito modificado, com novas fontes de constituições subjetivas. Há um conflito importante entre essa “obrigação de ser si mesmo”, com as demandas irrestritas de trabalho e as novas configurações de contratação e remuneração. A estafa ligada a esse modo de vida é uma expressão bastante comum de uma sociabilidade atravessada por essas novas constituições.

As mudanças tecnológicas no mercado de trabalho: como enfrentar as desigualdades

O capitalismo se desenvolveu altamente ancorado em uma racionalidade técnica, o que fez as forças sociais serem brutalmente desiguais. Os universais de masculinidade, de patriarcado, de branquitude respaldam e sustentam as desigualdades de renda e sua reprodução. No Brasil, as interseccionalidades de classe, gênero e raça mostram a cara da desigualdade: mulheres negras têm maiores barreiras de oportunidades no mercado de trabalho, e também estão expressas em maior precariedade urbana e social.

Sem essa perspectiva interseccional, o enfrentamento pela diminuição da desigualdade social não conseguirá reverter os processos sociais de sua reprodução. A pandemia mostrou que as mulheres sentiram especialmente as consequências degenerativas do mercado de trabalho.

Os papéis sociais de gênero arraigados no Brasil em certa posição ainda balizam as relações sociais em que as mulheres mantêm dupla jornada de trabalho. Ou seja, além das atividades remuneradas, fazem as atividades de cuidado com crianças, velhos e doentes, e também o trabalho, não remunerado, da casa. Apesar de alguns avanços na pandemia, vimos por aqui as mulheres se retirarem do mercado de trabalho em número muito significativo; as crianças estavam em escola *on-line* e ficaram por tempo maior do que a média mundial sem aulas presenciais no país. Se as mudanças vinham lentamente tecendo melhoras nas posições femininas no mundo do trabalho até ali, a pandemia fez refluir conquistas.

Em um mundo onde o sinônimo de racionalidade sempre foi o contrário da sensibilidade, certos afetos de cuidado são percebidos socialmente como aspectos ligados ao feminino. Nessa medida, tivemos uma valorização de uma racionalidade ligada às qualidades da masculinidade (FEDERIC, 2017). Assim, a guerra, a violência e o lucro desmedido do capital balizaram certa concepção de civilização.

Esses aspectos do desenvolvimento do capitalismo sempre fizeram parte do desenvolvimento das sociabilidades do trabalho. A tecnologia está intrinsecamente ligada às habilidades masculinas, como se os homens tivessem “naturalmente”, por características biológicas, maiores competências para lidar com ela, assim como as habilidades femininas apreendidas no processo educacional são percebidas socialmente como de certa “natureza feminina”. As

profissões com maior contato de tecnologias foram nichos masculinos na história do desenvolvimento da sociedade industrial. Quando há acréscimo de tecnologia nos processos de trabalho, as mulheres são preteridas. Na chave da análise clássica da sociologia da divisão sexual do trabalho, aponta-se essa característica do sexo/gênero trazendo uma divisão bastante marcada no mercado de trabalho, demarcando nichos profissionais masculinos de acordo com maior contato com tecnologias, o que, no geral, representa maior remuneração e *status* social para os homens.

Outro aspecto que reproduz a desigualdade são os critérios de contratação e promoção nos trabalhos formais. As promoções nos ambientes corporativos privilegiam os homens brancos, de forma geral. Os homens negros e as mulheres – as mulheres negras, especialmente – enfrentam barreiras de oportunidades profissionais, o que faz manter uma pirâmide de cargos e salários com os homens brancos no topo, reproduzindo as desigualdades continuamente presentes no mercado de trabalho. As mulheres ganham menos e estão em trabalhos muito precarizados, como alguns dos novos trabalhos ligados à tecnologia, mas sem incremento direto nas execuções do trabalho, contando com remunerações irrisórias, como as fazendas de *clicks* ou o trabalho na moderação das consultas dos *chats* da IA.

101

Mudanças da sociabilidade do trabalho no século XXI

As mudanças de sociabilidade passam por uma possibilidade de não termos mais fatos comuns, apenas narrativas ou interpretações desses fatos. A produção de uma sociabilidade não mais está calcada na racionalidade, que era a hipótese forte de Weber (1920; 2004), na Ética protestante e o espírito do capitalismo, organizando uma compreensão do desenvolvimento do capitalismo no século XX. No estabelecimento de certo estilo de vida, o que se nomeava como uma cultura capitalista, era o trabalho que organizava a temporalidade social, além da produção do espaço, constituindo uma urbanidade crescente. O trabalho estava comprometido com uma organização racional das atividades e suas consequências, e essa ação racional com relação aos fins altera socialmente as escolhas dos meios para sua realização. Além disso, o trabalho estava centralmente organizando a produção das identidades sociais. Com a entrada no século XXI, novas

sociabilidades vão sendo constituídas como fontes da significação social, que não estão mais tão calcadas em aspectos racionais; estamos, portanto, em um outro terreno de ações, baseadas na irracionalidade dos afetos. As metamorfoses sociais trazem essas significações, como novas fontes de produção de identidade, que antes eram ligadas ao trabalho.

O ódio provocado pela extrema-direita mostra a potencialidade semiótica despertada nessa troca social baseada agora em afeto para criar significação social. Nunca é demais lembrar: ódio é afeto; ressentimento é afeto. E hoje, as redes sociais acessíveis em todos os celulares brasileiros, em uma outra estrutura comunicacional, promove e reproduz afetos sociais com um lugar preponderante na formação de sentidos e identidades. Esta guinada semiótica também passa a ser bastante lucrativa, tornando-se plataforma de novos negócios de influenciadores, pastores, e até canais de televisão a cabo, participando também do mundo do trabalho e de suas novas atividades empreendedoras (NUNES, 2021). Assistimos a uma sociabilidade do trabalho ancorada nos discursos e nas práticas de um empreendedorismo popular, que prescinde das regulações do trabalho. Seja porque viram discursos repetidos por uma profusão de atores desde os anos 1990, pregando essa desregulamentação, seja porque o trabalho autônomo comporta uma flexibilização maior, atualmente desejada, pois é incorporada como modo de organização da vida social. A mídia, os empresários, os políticos compõem uma esfera pública que explora o senso comum de que o empreendedorismo foi totalmente absorvido por esse “empresário de si”, que gerencia, por fim, a própria vida. Os riscos, custos e fracassos do trabalho estão entregues a cada sujeito (STANDING, 2013).

Os jovens que chegam ao mercado de trabalho já têm incorporadas essas visões, compondo a produção de suas subjetividades do trabalho. Menos Estado, mais economia, significando, então, essa virada neoliberal que muda a razão compartilhada do mundo, agora uma psicologia, diz Safatle (2022). Para que todas essas mudanças sejam absorvidas, as transformações chegam nas formas de vida (desejo, linguagem e trabalho) que são atravessadas por nossas sociabilidades e essencialmente compartilhadas em sociedade. O trabalho continua produzindo subjetividade, mas já transformada em uma subjetividade mais superficial, que por vezes nem dá conta de tornar os próprios sujeitos produtores de desejos, diz Lazzaratto (2017).

A IA vai chegando na vida cotidiana das pessoas através das configurações algorítmicas das redes sociais, dos processos de trabalho, da geração de respostas aos questionamentos nos *chats*, da geração de imagens, de alguns dos processos na viralização das mensagens de WhatsApp. E vai modificando, pouco a pouco, ainda mais, a vida social, compondo com a aceleração e condensação do tempo, que fazem as produções subjetivas ligadas aos modos de vida.

Contexto social da IA no mundo do trabalho: o que está em disputa

“Para escaparmos de um futuro sem futuro, que é o que a inteligência artificial propõe, nós temos que fazer algo.”

(Nicolelis, 2023, Canal do YouTube *Opera Mundi*).

O quadro das desigualdades no mundo do trabalho parametriza o olhar para as IAs. Os sistemas de IAs estão produzindo nos ambientes de trabalho incremento tecnológico, o que acaba por substituir trabalho vivo, apresentando como perspectiva o crescimento do desemprego estrutural.

103

Artistas, sociólogos e historiadores precisam mostrar que as lutas pelas tecnoutopias devem levar em consideração, mesmo parecendo anacrônico, as contradições de classe estabelecidas no capitalismo, como ressalta Morozov (2018). O acesso às tecnologias se espalha, mas de modo desigual. Os pobres acessam uma automação de baixa qualidade, enquanto os mais ricos têm acesso a tudo de melhor que a tecnologia oferece. Algo marcante é uma mudança cognitiva que pode estar acontecendo: os desejos têm sido vividos individualmente, e, nessa medida, a liberdade tem sido buscada no mercado e não em lutas coletivas.

Num mundo extremamente desigual, essa dualidade inevitavelmente produz, numa ponta, o sofrimento altamente individualizado do fracasso e, na outra, a esperança de que a sorte grande esteja sempre logo ali, ao alcance de quem souber reconhecê-la. O elogio do esforço facilmente se converte, assim, na valorização da esperteza e do golpe de sorte. (NUNES, 2021, p. 2).

Os sujeitos em condições mais precárias encontram-se em trabalhos de plataformas digitais, acessam grande tecnologia, mas no lado fraco da corda, digamos: trabalhos sem produção de sentido, sem criatividade, com baixos rendimentos.

O tempo continua a fronteira principal da luta de classes. Quanto mais tempo passamos nas plataformas informando dados, mais qualidade de informação é gerada pela IA. Não à toa, os influenciadores conformam uma nova “profissão”. Todo tipo de parafernália está sendo oferecida para capturar o tempo das pessoas em frente ao celular. O extrativismo de dados é tão valioso quanto as *commodities*; dados pessoais são cedidos por uma série de mecanismos das grandes *big techs*: “Eles continuam escavando a nossa psique tal como as empresas de petróleo escavam o solo; e os dados seguem jorrando de novos reservatórios emocionais” (MOROZOV, 2018, p. 166).

As identidades sociais são substituídas por um sujeito narcísico buscando individualmente curtidas para seu lucro subjetivo (DARDOT; LAVAL, 2016). Alguns monetizam essas interações, deixando vislumbrar essa possibilidade, como uma cenoura para os coelhos, toda uma multidão que não conseguirá fazer renda desse modo de exposição nas redes sociais.

Quando percepção pública e dinheiro estão tão imbricados, nada importa mais que a autenticidade: quando todos tentam aparentar, vale mais aquilo que é “para valer”. O problema, claro, é que falsificar o autêntico nunca foi tão fácil. Numa sociedade global hiperconectada, com bilhões de produtores e consumidores de informação, o que não falta são meios de fazer propaganda sem parecer, semeando conteúdo que tem cara de “orgânico” e “espontâneo” a fim de gerar um engajamento que seja efetivamente essas duas coisas. Os instrumentos de manipulação das métricas de redes sociais, como *click farms* e contas robôs ou ciborgues; a multiplicação de fontes de notícias falsas; a contratação de influenciadores para publicidade não declarada; a criação de ecossistemas comunicacionais multiplataformas que formam um circuito fechado onde progressivamente se constroem mundos paralelos – tudo indica que vivemos numa espécie de era de ouro da fraude”. (NUNES, 2021, p. 3).

Neste ponto, Morozov (2018) ajuda novamente na compreensão do fenômeno: interessa às grandes empresas de plataformas digitais manter esse jogo de exposição; podemos dizer, um jogo de espelhos, no qual cada um se vê no “*black mirror*” da tela do celular. Há um super fetiche das mercadorias, em que se mostra para cada um, de forma personalíssima, produtos e serviços, com a participação extremamente especializada dos algoritmos, que fazem “visualizar” o que cada um deseja ser, ou ver – ver para ser. Com a baliza desse mundo dos

negócios lucrativos das plataformas, vamos limitando as formações subjetivas pelo alcance encerrado em bolhas de afinidades, mas que por fim percebe-se que são escolhas das plataformas digitais e de suas programações opacas dos algoritmos. São critérios pouco conhecidos pelos usuários, mas que direcionam as novas sociabilidades que estão sendo produzidas a partir das interações que ocorrem ali, ou a partir das redes sociais.

Até o crime se especializou com novos horizontes de ganhos ao longo dessas mudanças sociais. Observa-se uma migração para os crimes cibernéticos, crimes de menor potencial de violência física, com investimentos que se direcionam para fraudes e roubos. Também as atividades criminosas que crescem pelo "mercado de trabalho" que representam: um mercado de trabalho pirata, que compete diretamente com a falta de perspectiva dos jovens. As atividades criminosas sempre atraíram novos membros, mas temos uma verdadeira indústria de produção de jovens criminosos, como alerta Feltran (2023), dada pelo encarceramento em massa que o país promoveu nas últimas décadas. São políticas fracassadas de segurança pública, que não têm resolvido a criminalidade no país e oferecem ao mercado de trabalho do crime novos membros. Temos apostado no genocídio e no encarceramento dos jovens negros, e os resultados são terríveis.

As democracias estão em risco. As mudanças da vida social e da dinâmica da política não são somente "sinais dos tempos", diz Morozov (2018). Os procedimentos estabelecidos pelas *big techs*, como o rastreamento das psiques que resulta em maior controle do tempo de permanência da navegação das pessoas nas redes sociais, produz uma profusão de dados valiosos, que são, sobretudo, muito lucrativos. Fomentar a quebra das democracias, como vimos acontecer no Brasil, resulta em ganhos a partir das curtidas e movimentações que vendem anúncios e produzem dados de comportamento. Olhando a questão como um cenário mais abrangente, também afirmamos que os trabalhos precários oferecidos por engajamento por aplicativos, como o Uber e o Ifood, foram a forma que os trabalhadores no Brasil montaram suas "virações" em um tempo de crise econômica e de desemprego alto, como foram os anos logo antes da pandemia da Covid-19. Também as reformas das legislações trabalhistas, com a flexibilização das jornadas e das regras, além dos limites da previdência social, constituem um fundamento social que produz novas sociabilidades, mais esgarçadas, odientas e menos solidárias.

Não são os novos tempos que produzem essa inversão, são algumas poucas empresas que lucram como nunca com essas desregulações que auxiliam seus negócios (MOROZOV, 2018). A disputa política radical firma-se na busca por limites para a atuação das big techs. A regulamentação é essencial também para tratar da escalada dos poderes de quem controla a tecnologia contemporaneamente. O mundo tecnológico precisa compreender como produzir um pós-capitalismo sem entregar todo o controle social para essas empresas.

Este momento do *über* contemporâneo, de um futuro que chegou mais rápido do que imaginávamos, é tempo de novíssimos desafios, exigentes na crítica. A concentração de renda na mão de novos bilionários – os donos dessas plataformas digitais, que organizaram no Brasil (e no mundo) *lobbies* para a não aprovação de regulações para o setor – gesta um abismo social ainda maior. Como conter o lucro que pode estar fincado na exploração da mais-valia do trabalho, da violência política e das mudanças, para pior, da apreensão cognitiva humana, e que afeta a nossa maior capacidade humana, que é a criatividade e a produção de cultura?

A pandemia de Covid-19, ao que parece, inaugurou um novo tempo do antropoceno: uma contínua transferência da renda do trabalho para esses novos multi ricos, uma nova forma de concentração das riquezas. No Brasil, significou um crescimento da informalidade, que sempre foi grande, mas especialmente preocupante será a distribuição da criatividade nas atividades de trabalho, aqui, uma das principais questões do mundo social. Os trabalhos criativos vão se concentrando em grupos cada vez mais privilegiados do mercado laboral, enquanto os miseráveis não conseguem trabalhos que não sejam ajustes sub-remunerados para o sistema. Os milionários estão nos lugares mais exclusivos do planeta, se apropriando das maiores riquezas da humanidade e disputando a nossa maior riqueza: a capacidade de criação.

A chegada no futuro do trabalho

O mundo do trabalho muda radicalmente com essa disponibilidade de toda a produção do conhecimento humano nas nuvens, o que compõe um suposto arquivo de todo o conhecimento humano, o qual a IA amealha, sem nenhum pagamento ou mesmo referenciamento para quem produziu aquele saber. A exploração do trabalho ganha novos contornos, com novas fronteiras da abstração do trabalho.

Neste artigo, levantamos alguns pontos importantes para balizar uma percepção sociológica sobre como o trabalho ainda participa da produção social de identidade; mas sua centralidade vai sendo, nestes tempos, deslocada de forma mais radical. Com os novos modos de trabalho, as máquinas ganham novas apropriações do trabalho vivo. Podemos dizer que há uma transferência de saberes excepcional nestes tempos algorítmicos, admitindo que, com as novas introduções tecnológicas, muda-se radicalmente as relações laborais. A transferência de conhecimentos e criação humanas para as máquinas sempre foi uma dinâmica importante de exploração do trabalho, diria Marx (1867; 1985). O incremento tecnológico faz essa função de diminuir a composição de trabalho vivo.

Explorar o tema da inteligência artificial e o trabalho significa perguntar sobre o futuro da humanidade e do planeta, exercer questionamentos fundamentais para buscarmos alguma compreensão de que tempos são estes. Dividindo as preocupações em alguns temas: os contextos sociais mundiais e locais, que já transformam de modo importante o mercado de trabalho, se comportarão como com um crescimento importante de desemprego estrutural; como os indivíduos irão compor renda? Novas profissões surgiram, outras se extinguíram. A relação da temporalidade do trabalho modificou-se e tornou a previsibilidade da vida comprometida com os curtos e médios prazos, sem a possibilidade de planos longos – que se davam em outra temporalidade.

No Brasil, faltam incentivos para um empreendedorismo com tecnologias sociais, para além do que as *big techs* têm sugerido que é tecnologia. É possível pensar em um cooperativismo de plataforma digital sem as grandes (SCHOLZ, 2016). Os usos dos saberes locais para a criação da vida surge da necessidade e da precariedade, e isso pode ser investido pela sociedade.

São os pobres, são os migrantes, as minorias que são mais capazes de ver, porque mais capazes de sentir. Por conseguinte, é um equívoco imaginar que o futuro é portado pelos mais fortes. São os mais fracos, no espaço, que têm a força de portar o futuro. (SANTOS, 1996, p. 12).

Em qualquer contextualização, as mudanças sociais do trabalho se apresentam. As disputas por modificação nas leis trabalhistas assumiram que as novas regulações neoliberais seriam tomadas como expressão de uma necessidade de austeridade econômica, em que os gastos sociais são negligenciados e direcionados com outros critérios. Por todo o mundo, as políticas de redução de

direitos previdenciários e trabalhistas geram consequências que são sentidas na produção subjetiva ligada ao trabalho.

No país, os discursos e as práticas do empreendedorismo de si, assumido como forma de produção e subjetividade do trabalho, produzem uma gestão da vida como se fossemos uma empresa, dizem Dardot e Laval (2016). Os lucros subjetivos desses novos mecanismos de gratificação vão se introduzindo em todo o tecido social. Mas, agora, com essa plataformização digital do trabalho, com a participação essencial das redes sociais em âmbitos bem alargados da sociabilidade, vamos mudando o modo de trabalhar. O engajamento individual às atividades laborais de aplicativos, sem contratos de trabalho, entregam o gerenciamento do tempo (ABÍLIO, 2017) a aspectos por vezes intangíveis – uma impressão de autonomia para o trabalhador, mas, por outro lado, o desenvolvimento de controles algorítmicos cada vez maiores à disposição dessas plataformas. O trabalho subordinado mostra uma faceta da tal grandeza de precariedade que se pensa em tempos ocupados do desemprego, e uma gestão do desemprego mostra uma descartabilidade social desses trabalhadores informais (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021). O rebaixamento brutal da remuneração do trabalho, como apontava Standing (2013), se estabelece nos processos do capitalismo financeirizado ao fazer uma concorrência da renda do trabalho com os ativos financeiros. O trabalho fica em um lugar social rebaixado para boa parte dos trabalhadores condenados a tarefas com severa simplificação e controles rígidos. Esses processos foram nomeados como a “uberização” do trabalho.

Assim, um ponto fundamental de questionamento desses processos velozes que estamos experienciando compõem uma transmissão, uma cooptação cada vez mais importante do conhecimento humano, do trabalho vivo, da parte criativa do trabalho para as máquinas. Os humanos ficam com a parte repetitiva, da execução inibida de criação, ao passo que os controles cada vez mais sofisticados dos algoritmos são introduzidos e vão mudando os processos. Trata-se de um pós-taylorismo, em que há uma apreensão do conhecimento humano pela IA e grandes transferências de conhecimento humano para a propriedade das plataformas.

As equipes que fazem esse trabalho, de “ensinar” a IA os seus próprios trabalhos, que serão realizados pelas máquinas, vão produzindo a própria obsolescência. Os trabalhos precarizados mantêm um controle rígido dos algoritmos da IA, enquanto os trabalhos privilegiados não são avaliados por

algoritmos. São tantos níveis de apreensão intangíveis do trabalho humano, mas que por fim expressam que as plataformas absorvem a riqueza do conhecimento humano em múltiplos plágios, com lucros privados.

Os riscos imensos que corremos é de perdemos repertórios do conhecimento nas próximas gerações. Além de estabelecermos de forma irrefreável essa polarização entre uma massa sem trabalho ou com trabalhos sem nenhuma produção de sentido subjetivo e uma parte muito privilegiada que trabalha com criação; uma reposição da desigualdade, agora em outros moldes, ainda mais perversos. Nessa medida, a IA delega à humanidade grande responsabilidade.

Considerações finais: as consequências psicossociais das mudanças sociotécnicas

O mundo que se desenha nessa chegada ao futuro parece ter se configurado por uma brutal desigualdade na distribuição da criatividade. Os trabalhos que produzem sentido vão se tornando raridade, restrito aos privilegiados. Uma nova arquitetura do mundo social precisa ser desenhada para que novos trabalhos constituam uma possibilidade de satisfação pessoal e de renda. Desdobrando essa afirmação, chegamos ao fundamento da vida social contemporânea e à sua produção de sentido, cujo papel o trabalho ainda pode realizar de forma mais alargada, saindo dos nichos muito privilegiados de trabalhos que criam, empolgam e satisfazem, e compondo um centro da vida social interessante. Até o século XX, o capitalismo se ancorou nessa produção de sentido subjetivo que compõe de forma importante a identidade social. Por um lado, a constituição da vida social produziu desigualdades de gênero e raça que se tornam padrões de reprodução de barreiras urbanas e sociais, localizando os sujeitos a partir do lugar social que o trabalho trazia para cada um. Mas, de algum modo, eram sociabilidades legíveis, que traziam a promessa de que pelo trabalho, pela meritocracia, era possível firmar-se como sujeito (Sennett, 1999). A promessa de que pelo trabalho cada um teria uma posição social parecia segurar uma leitura da vida social que carregava uma previsibilidade, componente que fundamenta certa segurança da vida social.

Os incrementos tecnológicos, que constituem a própria engrenagem do desenvolvimento capitalista, acrescentam, sempre em rede, novos processos sociais ao serem absorvidos. A introdução algorítmica foi a antecedência de muitos processos que foram determinando novos nichos de lucro, em novas atividades, ou mesmo modificando cabalmente muitos processos.

Uma questão fundamental para pensarmos é sobre o aceleração do tempo que cada processo desse promove. As redes sociais imprimiram um gosto narcísico de satisfação imediata que acelera também diversos comportamentos. As curtidas, os compartilhamentos, as *selfies* levam o sujeito a uma necessidade de atendimento dessa demanda imediata. Para a Sociologia, interessa perscrutar sobre como a IA acelera as respostas às coisas, sem o tempo de alguma verdade – palavra de difícil definição. O que se pode afirmar é que a temporalidade impressa explode o fato social. Parece que o contentamento só com respostas rápidas já é suficiente para trocas sociais cada vez mais baseadas somente em um tipo de afeto.

Não é à toa que a influência virou profissão. Os *influencers*, com seus vídeos curtíssimos, médios e longos (dependendo da possibilidade de monetização do momento), levam, através da imagem, às crenças absorvidas pelos sujeitos pela repetição ou pela rapidez da solução para questões fundamentais da contemporaneidade. A aparência física supera em muito a conquista de uma subjetividade que produza sentido maior à existência social. Ter fórmulas rápidas de como se manter magro, jovem e “feliz” nos é entregue por especialistas em influenciar. Não são os especialistas nas áreas de conhecimento necessariamente; são especialistas em ditar as soluções momentâneas. Como fala Dunker (2015), é um síndico que faz a gestão dessa subjetividade rasa. A pura aparência virou um modo de ser contemporâneo. Por mais gasto que se tornou o termo “novíssimo”, aqui temos uma novíssima contemporaneidade em formação, uma pura aparência baseada nos afetos. E o lugar social do trabalho está em crise. Parece que essa nova “inteligência”, que, como diz Nicoletti (2023), não é nada inteligente, faz com que a humanidade deseje entregar a produção do conhecimento ao maquínico, abrindo mão de investir em novas formas de mundo.

A noção de tecnologia precisa estar em questão como uma ferramenta que pode mudar a humanidade. Quando ela é capturada por essas grandes empresas que não encontram fronteiras, caímos numa concepção do senso comum de uma única explicação ou definição para esse processo. Temos as tecnologias indígenas, de comunidades tradicionais, das relações com a transformação da natureza a partir de outros conhecimentos, produzidos sob a existência neste planeta sem destruir os bens mais preciosos que temos: nossas capacidades de solidariedade e de afetação com o belo, a arte, os conhecimentos sociais. Uma sociopolítica precisa surgir para dar conta desse momento tão crucial.

A concentração de renda se agravou na pandemia, promovendo novos nichos de lucro para o capital. A crise acelerou processos de incremento tecnológico no mundo do trabalho. As plataformas de comunicação usadas no *home office* também trouxeram outros controles do trabalho, impondo novos contornos laborais. O que vimos no Brasil foi a saída das mulheres do mercado de trabalho em um número muito maior, pois as tarefas de cuidado não foram redistribuídas, muito pelo contrário. Com uma incidência desigual entre os trabalhadores do centro e da periferia (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN; 2021), as mudanças que os trabalhos subordinados a plataformas sofrem aliam um trabalho pobre de sentido a rendimentos menores. A chegada da IA no mercado de trabalho brasileiro não teve qualquer planejamento; não há nenhum plano para um bastante possível desemprego estrutural. Algo que contemple os trabalhadores que ficarão desempregados para que lhes sejam garantidos outros financiamentos de renda.

Também a vida mental, a psicopatologia do trabalho, vai se modificando em consequência das mudanças sociotécnicas da entrada no século XXI. Se a exploração do trabalho sempre se fez presente na história do capitalismo, as possibilidades de mudanças mais radicais nos modos de vida se tornam um horizonte fundamental a cada tempo. A catástrofe ambiental também apresenta novos desafios para construções alternativas de trabalho, modos menos poluentes de constituição da vida, trabalhos que possam contribuir para formações mais comunitárias.

Um corpo que foi docilizado para o trabalho operário foi sendo direcionado para os novos controles sociais neoliberais, que buscam, nos discursos e nas práticas de um empreendedorismo individualizante, uma governamentalidade de si. Isso acaba por recolher a produção das novas sociabilidades para aumentar os lucros do capital, pouco divididos entre todos. Sempre com promessas de enriquecimento momentâneo, as novas formas de trabalho apaziguam ânimos, mas não distribuem riquezas. Como a vida social foi ficando menos previsível, torna-se menos legível o risco de que a paralisia domine. O risco é o fim do mundo veloz, ou seja, uma vida social muito empobrecida psiquicamente, com assujeitamentos que esgarçam a vida social e elevam a violência, tornando-a mais presente. Certa estabilidade social pode ficar comprometida com as mudanças tecnológicas, que, ao se inscreverem nos processos de trabalho, estão simultaneamente se inscrevendo na vida social, na sociabilidade familiar. Não são aspectos menos importantes, afirma Dejours (2006); são fundamentos da partilha de sociedade que podem partir de reflexões ligadas ao trabalho. Ao encurtar a solidariedade laboral, uma cadeia de reações

negativas é acionada. Não há como separar as dimensões da sociabilidade. O medo, a ansiedade e o estresse são expressões de defesa individual produzidas pelas mudanças radicais vividas na pandemia da Covid-19, mas vieram acompanhadas, no pós-pandemia, dos brutais incrementos de tecnologia circulando nos âmbitos – hoje já não muito separados – dos circuitos de trabalho/lazer/vida social.

Novas formas de vida precisam se multiplicar. Trabalhos que agreguem tecnologias sociais e sejam mais significativos para compor as subjetividades dos sujeitos, formando novas coletividades e novas solidariedades sociais, necessárias para as políticas da vida.

Referências Bibliográficas

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. (2021) Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, [S. l.], v. 23, n. 57, p. 26-56. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/116484>>.

_____. (2017). Uberização: subsunção real da viração. *Blog da Boitempo*. 22 fev. 2017. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/>>.

ARBIX, Glauco; SALDANHA, Paloma; SAMPAIO, Rafael Cardoso (2023). “ChatGPT, inteligências artificiais generativas: impactos na sociedade e na pesquisa acadêmica”. Mesa ANPOCS, em 18/10/2023.

BRAGA, Ruy (2023). “Hulk na luta de classes”. *Blog Boitempo*. Publicado em 19/07/2023. disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/07/19/hulk-na-luta-de-classes/>

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian (2017). *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo.

_____. (2016). *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.

DEJOURS, Christophe (2015). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.

_____. (2006). *A banalização da injustiça social*. Ed. FGV: Rio de Janeiro.

DUNKER, Christian L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.

_____. (2017). “A lógica do condomínio”. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 11, 2017. Disponível em: <<https://piseagrama.org/logica-do-condominio/>>.

FEDERICI, Silvia (2007). “A acumulação do trabalho e a degradação das mulheres”. *Calibã e a bruxa – Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017. p. 111-234.

- FELTRAN, Gabriel (2023). Entrevista ao programa de podcast Café da Manhã, ep. “Políticas de segurança pública sob Lula”, 24 jul. 2023. Folha de São Paulo.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio (2007). “A metapsicologia do cuidado”. *Psychê*, vol. XI, n. 21. Universidade São Marcos, São Paulo.
- FREUD, Sigmund (2021; 1930). “O mal-estar na cultura”. *Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FOUCAULT, Michel (2004). *Sécurité, territoire, population – Cours au Collège de France (1977-1978)*. Paris: Seuil/Gallimard.
- GROHMANN, Rafael (2021). *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. São Paulo: Boitempo.
- LAZZARATO, Maurizio (2017). *O governo do homem endividado*, São Paulo, 1. ed.
- MARX (1867/1985) *O Capital: crítica da economia política*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural.
- MOROZOV, Evgeny (2018). *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu.
- NICOLELIS, Miguel (2023). Entrevista para o Podcast Reconversa, ep. 21.
- _____. (2023). Entrevista ao Podcast 20 Minutos do Opera Mundi, jun./2023.
- NUNES, Rodrigo (2021). “Pequenas fascismos, grandes negócios. O bolsonarismo como empreendedorismo – e o que isso diz sobre a natureza da direita e do capitalismo hoje”. *Revista Piauí*, n. 181.
- SAFATLE, Vladimir (2022). “A economia é a constituição da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Org. SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. Belo Horizonte: Autêntica.
- SANTOS, Milton (1996). “Por uma geografia cidadã”. *Boletim Gaúcho de Geografia*. n. 21. Porto Alegre: UFRGS.
- SCHOLZ, Trebor (2016). *Cooperativismo de plataforma: contestando a economia do compartilhamento corporativo*. São Paulo: Elefante/Autonomia Literária/Fundação Rosa Luxemburgo.
- SENNETT, Richard (2005). *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- STANDING, Guy (2013). *O Precariado: a nova classe perigosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- TELLES, Vera (2006). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas.
- WEBER, Max (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Currículo em movimento: a construção do Novo Ensino Médio no Colégio São Luís¹

Rafael de Paula Aguiar Araújo²

ORCID: 0000-0002-7632-6053

Resumo: O avanço tecnológico tem gerado impactos significativos em todas as áreas, na educação inclusive. A publicação da Nova Lei do Ensino Médio marca a adaptação curricular necessária para as instituições de ensino básico. Outros documentos de regulação da educação brasileira e documentos da Rede Jesuíta de Educação coincidem com a necessidade de atualização curricular. Esse projeto de pesquisa pretende avaliar o processo de renovação curricular do Ensino Médio no Colégio São Luís. Para tanto, foram analisadas as estratégias para a concretização de um currículo em movimento e para o desenvolvimento de competências no processo de ensino e aprendizagem. Como método, foi adotado o relato de experiência, complementado pela pesquisa bibliográfica, o exame de documentos e entrevistas com profissionais da escola. Espera-se, como resultado, que a análise do caso do Colégio São Luís possa servir para uma reflexão sobre o processo de atualização curricular.

114

Palavras-chave: Nova Lei do Ensino Médio. Currículo. Colégio São Luís.

¹ Este artigo foi resultado de estágio pós-doutoral realizado na UFSCar sob a supervisão do professor Ivan Fortunato.

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Pesquisador do NEAMP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3345934350253698>.

Curriculum in motion: the construction of the New High School at Colégio São Luís

Abstract: Technological advances have generated significant impacts in all areas, including education. The publication of the New High School Law marks the necessary curricular adaptation for basic education institutions. Other Brazilian education regulatory documents and documents from the Jesuit Basic Education Network (RJE) coincide with the need for curricular updating. This research project aims to evaluate the process of curricular renewal in high school at Colégio São Luís. To this end, strategies for implementing a moving curriculum and for developing skills in the teaching and learning process were analyzed. As a method, the experience report was adopted, complemented by bibliographical research, examination of documents and interviews with school professionals. It is expected, as a result, that the analysis of the Colégio São Luís case can serve to reflect on the curriculum updating process.

115

Keywords: Brazilian New High School Law. Curriculum. Colégio São Luís.

Currículo en marcha: la construcción de la Nueva Escuela Secundaria del Colégio São Luís

Resumen: Los avances tecnológicos han generado impactos significativos en todos los ámbitos, incluido el educativo. La publicación de la Nueva Ley de Educación Secundaria marca la necesaria adaptación curricular para las instituciones de educación básica. Otros documentos normativos de la educación brasileña y de la Red Jesuita de Educación coinciden con la necesidad de actualización curricular. Este proyecto de investigación tiene como objetivo evaluar el proceso de renovación curricular en la escuela secundaria del Colégio São Luís, para lo cual se analizaron estrategias para implementar un currículo en movimiento y para el desarrollo de habilidades en el proceso de enseñanza y aprendizaje. Como método se adoptó el relato de experiencia, complementado con investigación bibliográfica, examen de documentos y entrevistas con profesionales de la escuela. Se espera, como resultado, que el análisis del caso del Colégio São Luís pueda servir para reflexionar sobre el proceso de actualización curricular.

Palabras clave: Nueva Ley Brasileña de Enseñanza Secundaria. Plan de estudios. Colegio São Luís.

Introdução

O Projeto Educativo Comum (PEC) da Rede Jesuíta de Educação (RJE) foi publicado em 2016 como um documento norteador e inspirador para o trabalho de renovação dos colégios até o ano 2020³. O documento apresentava diretrizes para todas as dimensões do processo educativo⁴ e sinalizava um percurso consistente de construção e implementação de novas perspectivas para os colégios, incluindo a estrutura física e administrativa, de forma a orientar as equipes a realizarem as mudanças necessárias para garantir que as unidades educativas permanecessem responsivas aos desafios da atualidade.

Concomitantemente, a legislação brasileira trazia o reconhecimento de que as estruturas curriculares precisavam de atualização como resposta às novas exigências do mercado de trabalho e demais transformações sociais e culturais que a nova geração de estudantes vivenciava. Em 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada, trazendo as diretrizes para a atualização curricular no país, reconhecendo a importância de as decisões pedagógicas estarem orientadas para o desenvolvimento de competências.

Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (Brasil, 2018, p.13).

A legislação apontava, portanto, para a necessidade de significativas mudanças curriculares, reforçada por uma vasta bibliografia, produzida ao longo das últimas décadas, que indicava a importância de se ter novas metodologias de ensino e de se ter um currículo capaz de priorizar o desenvolvimento de competências e sustentar o estudante como protagonista do processo de ensino e aprendizagem. No caso do Colégio São Luís, além de se produzir as transformações

³ Em 2021 uma nova edição, revista e atualizada, foi publicada com vigência até 2025.

⁴ Além da dimensão curricular, o documento contém as diretrizes para o cuidado com as seguintes dimensões: “organização, estrutura e recursos”, “clima institucional escolar” e “família e comunidade local”, que compõem o sistema de qualidade da FLACSI (Federação Latino-Americana da Companhia de Jesus).

necessárias para garantir um currículo adequado às diretrizes apresentadas, havia a necessidade de se atentar para a cultura da comunidade escolar, dialogando com os desejos das famílias. Ao longo dos 156 anos de existência⁵, o colégio construiu uma expectativa em sua comunidade sobre os objetivos de formação, que deveria não apenas caracterizar-se por uma educação integral e humanista, mas também pelo alto desempenho de seus egressos diante dos exames vestibulares. Havia o desafio de concretizar um processo de renovação do colégio, mantendo-o em sintonia com seu tempo e espaço, sem descaracterizar sua identidade.

O primeiro passo para a reorganização do processo de renovação foi analisar os relatórios de desempenho dos estudantes e ouvir a comunidade escolar. Ao longo de 2016 foram realizadas diferentes pesquisas com famílias, docentes e estudantes. Com os alunos e alunas do 9º ano do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio foram realizados diversos grupos focais, acompanhados por especialistas. O objetivo foi fazer um diagnóstico sobre o processo de aprendizagem a partir dos estudantes para identificar as fragilidades do colégio e estabelecer um plano de ação consistente e capaz de responder às necessidades. Essas informações, somadas às diretrizes presentes na BNCC e no PEC, compuseram o antecedente necessário para impulsionar a experiência de renovação e a construção do novo currículo.

Esse artigo foi construído como um relato de experiência⁶, método de pesquisa em educação proposto por Fortunato (2018). Segundo o autor, um relato de experiência não é uma mera descrição. Para que o relato tenha consistência e represente uma reflexão significativa, o artigo percorre os seguintes passos: parte da identificação dos antecedentes e dos motivos que provocaram a experiência; relata o processo de renovação curricular identificando os agentes envolvidos e a epistemologia materializada pelos documentos norteadores; explicita o processo de planejamento e execução do projeto indicando as estratégias de atualização curricular adotadas e, por fim, através da análise da experiência, qualificada por diferentes perspectivas teóricas, procura sistematizar o conceito de *currículo em movimento*, indicando um aspecto necessário à projetos de renovação análogos

⁵ O Colégio São Luís foi fundado em 1867 na cidade de Itu, posteriormente transferido à São Paulo.

⁶ O relato de experiência foi complementado com outros procedimentos metodológicos. Foram analisados documentos, especialmente a Base Nacional Comum Curricular, a Nova Lei do Ensino Médio e as duas versões do Projeto Educativo Comum. Foi feita uma entrevista com a professora Sônia Magalhães, que comandou todo o processo de renovação do colégio como diretora geral e acadêmica. Também foram aplicados questionários aos coordenadores de área e orientadores educacionais.

e que procurem ser sustentáveis. O caso do Colégio São Luís é tomado como uma oportunidade para se pensar sobre a necessidade inequívoca de se operar transformações curriculares consistentes, capazes de responder assertivamente às exigências do meio técnico-científico-informacional em que estamos (Santos, 1996). Segundo Fortunato,

Pensar a educação é uma constante, o que não deve ser feito sem considerar sua história e seu cotidiano vivido. Um relato de experiência, ao propor que se reflitam sobre as ações educativas a partir de uma epistemologia consolidada, nada mais faz do que potencializar essa constante (2018, p. 48).

Ao sistematizar o processo de renovação curricular de um colégio tradicional da cidade de São Paulo, o artigo apresenta a importância de se renovar, mas com o olhar atento à tradição. A experiência do Colégio São Luís responde ao desafio de construir uma escola do futuro, sem renunciar aos alicerces do passado.

Se por um lado a experiência de renovação curricular do Colégio São Luís foi amparada por uma rede de instituições educativas, por um documento estruturado (PEC) e por um modo de proceder que nasce em 1534; por outro lado, a necessidade de atualização também estava expressa na BNCC. A organização do currículo básico deveria orientar-se atentando-se à progressão das séries de modo a criar as condições para um Ensino Médio coerente com a multiplicidade de competências presentes nas quatro áreas do conhecimento.

Na BNCC, são definidas competências específicas para cada área do conhecimento, que também orientam a construção dos itinerários formativos relativos a essas áreas. Elas estão articuladas às competências específicas de área para o Ensino Fundamental, com as adequações necessárias ao atendimento das especificidades de formação dos estudantes do Ensino Médio (Brasil, 2018, p. 469).

A produção de um novo currículo deveria reconhecer a multiplicidade de escolhas dos estudantes, garantindo uma formação geral básica capaz de contemplar as expectativas de uma comunidade educativa acostumada a uma educação tradicional e que não estava necessariamente ciente da nova legislação. Ademais, o processo de adequação curricular à Nova Lei do Ensino Médio, a Lei nº 13.415/2017, que entrou em vigor em 2022, exigia a criação de estruturas curriculares ativas, capazes de manter o currículo ajustável.

Essa pesquisa, portanto, descreve e analisa o caso de renovação curricular, ocorrido no Colégio São Luís entre os anos 2016 e 2022, como um relato de

experiência capaz de contribuir para a construção do conceito de *currículo em movimento*, sustentando a hipótese de que é preciso estabelecer estratégias de maleabilidade ao currículo como meio de mantê-lo atualizado em uma época cujas transformações ocorrem de forma acelerada.

A primeira parte do artigo apresenta uma discussão sobre a necessidade de um currículo em movimento diante do impacto do intenso desenvolvimento tecnológico que caracteriza nossa época. Apresenta também uma breve discussão sobre as características da geração Z, que cresce nesse ambiente de rápidas transformações.

Explicitados os antecedentes e as motivações para a construção do novo currículo e apresentados os documentos norteadores, o artigo descreve as estratégias de renovação curricular que foram adotadas e que culminaram na construção do Novo Ensino Médio em 2022.

A necessidade de um currículo em movimento

O desenvolvimento tecnológico tem assumido um elevado grau de aceleração. Diferentes aspectos da vida cotidiana têm se modificado a partir do avanço das tecnologias de informação e comunicação, transportes, meios de produção e organização, além do rápido crescimento da medicina, biotecnologia, nanotecnologia, inteligência artificial e tantos outros aspectos que nos circundam. Como consequência, as diferentes instituições sociais têm estabelecido um novo ritmo para a vida cotidiana e apontado para um futuro que não podemos prever e conhecer.

Os jovens da “geração Z”⁷ apresentam características que colocam em xeque o modo tradicional de educação, que pressupõe a hierarquia entre os educadores e os estudantes no protagonismo da aprendizagem. O ensino pautado na passagem de conteúdos cada vez mais precisa ser refundado, considerando as experiências vividas pelos discentes e o ambiente em que estão inseridos.

Pela perspectiva do interacionismo simbólico, corrente sociológica contemporânea surgida na Escola de Chicago, a interação entre o indivíduo e a sociedade se faz a partir da internalização das regras impostas coercitivamente

⁷ São considerados jovens da Geração Z ou Gen Z ou Centennials aqueles nascidos entre o fim da década de 1990 e 2010.

pela coletividade, mas que são pensadas e estabelecidas pelos indivíduos. A relação entre os sujeitos e os grupos sociais também é caracterizada e ampliada com a consideração de um terceiro elemento, o ambiente em que as interações ocorrem. A cidade, a família, a empresa, a escola são também protagonistas na produção de um universo simbólico que se constitui na relação ambivalente entre o indivíduo e a sociedade.

Esse modelo de análise social pode servir de início para a reflexão sobre a importância de uma pedagogia capaz de considerar outros vetores no processo de aprendizagem. A apresentação de conteúdos de forma verticalizada, do professor para o aluno, é apenas um dos vetores a ser considerado na aprendizagem. Soma-se a ele a sua inversão, que reconhece as experiências e as perspectivas apresentadas pelos estudantes, bem como o ambiente em sua multiplicidade, lugar em que as vivências, tanto do docente quanto do discente, são construídas. A pedagogia de inspiração inaciana parte de um contexto de aprendizagem⁸, que envolve “o contexto real da vida do aluno”, o “contexto socioeconômico, político e cultural”, “o ambiente institucional do colégio” e “os conceitos adquiridos previamente que os alunos trazem consigo no início do processo de aprendizagem” (Klein, 2015, p. 191-194). Se o contexto é o ponto de partida para o método inaciano, é fundamental reconhecer o impacto do ambiente no processo de aprendizagem, o que inclui avaliar os processos socioculturais em que a comunidade escolar está inserida, bem como o estágio de desenvolvimento técnico-científico-informacional ao longo do processo educacional.

Se o ambiente em que vivemos passa por uma intensa aceleração, é de se esperar que os velhos processos de ensino e aprendizagem sejam enfraquecidos. As experiências mundanas não são facilmente apreendidas e internalizadas, pois a velocidade com que ocorrem não corresponde com o tempo de reflexão. O mundo tem se modificado em uma velocidade muito superior ao tempo necessário para que os homens o compreendam e se preparem para ele. As instituições sociais e o mundo do trabalho têm incorporado essa velocidade, motivados pelo capital e por uma sociedade cada vez mais estruturada em rede. Nesse sentido, é preciso que a escolarização seja capaz de preparar os jovens, futuros trabalhadores e gestores de uma sociedade em movimento, de forma eficiente, a ponto de terem desenvolvidas

⁸ Além do “contexto”, os passos da pedagogia de inspiração inaciana implicam a “experiência”, a “reflexão”, a “ação” e a “avaliação”. Cf.: Klein, 2015.

as competências necessárias para esse novo universo, ainda em construção e completamente desconhecido.

Harmut Rosa (2019), analisa de que forma a aceleração tem impactado a vida na modernidade tardia. A aceleração técnica, que é facilmente percebida ao observarmos objetos tecnológicos produzidos desde a primeira revolução industrial, acabou por gerar outras duas formas de aceleração, a aceleração da mudança social e a aceleração dos ritmos de vida. É assim que a presença da máquina a vapor permitiu a aceleração da produção de mercadorias e a consequente aceleração do consumo. Da mesma forma, os motores a combustão propiciaram locomotivas e automóveis que diminuíram o tempo de deslocamento. O ritmo de desenvolvimento tecnológico foi se acentuando, passando pela inclusão da energia elétrica aos meios produtivos e a criação da informática, quando o ritmo de desenvolvimento passou a se acelerar ininterruptamente com o auxílio de métodos científicos e máquinas cada vez mais sofisticadas. Rosa (2019) descreve que os processos de inovação tecnológicos resultaram em sociedades cada vez mais urbanizadas, cujos procedimentos e objetos tecnológicos interferem na economia do tempo, gerando uma compressão espaço-temporal. A aceleração técnica modifica a relação dos homens com a natureza, gerando uma profunda mudança em aspectos sociais, tais como as transformações de processos sistêmicos que impactam a estrutura social e cultural, e, não menos importante, acarretam a aceleração do ritmo de vida.

Rosa (2019) chama a atenção para o fato de que a aceleração das transformações nas estruturas sociais é acompanhada de efeitos secundários perigosos. Como consequência ocorre uma dessincronização entre o tempo político e o tempo tecnológico. Concretamente não se trata apenas de reconhecer que o mundo da política institucional é afetado, mas também que as relações sociais e os comportamentos culturais são transfigurados, exigindo um intenso e constante processo de adaptação por parte das pessoas. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, “o desenvolvimento científico e tecnológico acelerado impõe à escola um novo posicionamento de vivência e convivência com os conhecimentos capaz de acompanhar sua produção acelerada” (Brasil, 2013, P. 167). A escola deve, portanto, reorganizar-se para dar conta de responder às demandas impostas pela modernidade tardia. Essa realidade desafiadora ganha especial complexidade em um país com abismos sociais imensos. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais há o

reconhecimento da educação como um espaço de adaptação a essas transformações abruptas, e reconhece a oportunidade de ser espaço de formação de jovens capazes de lidar de forma responsiva com o mundo.

Com a perspectiva de um imenso contingente de adolescentes, jovens e adultos que se diferenciam por condições de existência e perspectivas de futuro desiguais, é que o Ensino Médio deve trabalhar. Está em jogo a recriação da escola que, embora não possa por si só resolver as desigualdades sociais, pode ampliar as condições de inclusão social, ao possibilitar o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho (Brasil, 2013, p. 167).

Nesse sentido, a renovação curricular deve olhar para fora da escola, considerar as dinâmicas sociais e os impactos causados pelo desenvolvimento tecnológico. A forma com que o mercado de trabalho e as relações sociais têm se modificado representa um desafio para a construção dos currículos e a definição dos objetivos de aprendizagem. Não é possível manter um currículo estático diante do ritmo das mudanças. O currículo deve movimentar-se constantemente, como um organismo vivo, capaz de absorver e reagir às dinâmicas do mundo.

Trata-se de reconhecer que as transformações nos contextos nacional e internacional atingem diretamente as populações jovens e, portanto, o que se demanda de sua formação para o enfrentamento dos novos desafios sociais, econômicos e ambientais, acelerados pelas mudanças tecnológicas do mundo contemporâneo (Brasil, 2018, p. 462).

Um dos impactos da aceleração tecnológica e da conseqüente aceleração da mudança social e a dos ritmos de vida (Rosa, 2019) são as características da geração Z. É preciso compreender os jovens que ocupam os bancos escolares, para que a reforma curricular seja eficaz e eficiente.

A geração Z é composta por jovens nascidos na era das redes sociotécnicas, nunca viram um mundo sem internet ou sem computadores. Sua cognição foi desenvolvida antes pela imagem do que pela palavra (Sartori, 2001), gerando imediatismo e superficialidade na forma de enxergar a realidade. Hanson (2017) realizou uma pesquisa com crianças de até 9 anos de idade para avaliar o resultado da exposição infantil à televisão. O estudo concluiu que o uso excessivo da televisão durante a infância interfere negativamente na memória de trabalho das crianças e no desenvolvimento de habilidades acadêmicas e da linguagem. Khouja et al (2019) realizaram um estudo com 14.665 adolescentes e identificaram associações

entre o aumento do tempo de uso de aparelhos eletrônicos e o aparecimento de sintomas de depressão. Christakis et al (2018) indicam que a excessiva estimulação auditiva e visual dos jovens condiciona o cérebro em desenvolvimento a esperar uma intensidade de insumos que a realidade não pode oferecer, contribuindo para a formação de pessoas desatentas. Essas características são corroboradas pelos impactos da aceleração no cotidiano, no mercado de trabalho e nas relações sociais.

As telas hiper estimulam as crianças e causam um prejuízo à sua capacidade conotativa, o que representa um desafio para a construção curricular. O imediatismo e a dispersão da atenção também são um problema, pois resultam, muitas vezes, em entregas superficiais e impaciência diante das dificuldades. Por outro lado, a geração Z apresenta a habilidade em fazer diferentes tarefas ao mesmo tempo, compreendem o funcionamento das ferramentas tecnológicas, são realistas e práticos, possuem espírito empreendedor e procuram atuações em áreas associadas à sua satisfação pessoal.

Considerando essas características gerais, o processo de renovação curricular deve reconhecer a importância de acolher diferentes perfis de jovens, capazes de contribuir para a construção de suas trajetórias formativas. A BNCC indica que a organização escolar deve “assegurar aos estudantes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, faculte-lhes definir seus projetos de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos” (Brasil, 2018, p.463). A proposta para o novo Ensino Médio é reflexo dessa preocupação:

Cabe às escolas de Ensino Médio contribuir para a formação de jovens críticos e autônomos, entendendo a crítica como a compreensão informada dos fenômenos naturais e culturais, e a autonomia como a capacidade de tomar decisões fundamentadas e responsáveis. Para acolher as juventudes, as escolas devem proporcionar experiências e processos intencionais que lhes garantam as aprendizagens necessárias e promover situações nas quais o respeito à pessoa humana e aos seus direitos sejam permanentes. (Brasil, 2018, p.463).

Os desafios apontados pela BNCC coincidem com os pressupostos trazidos pelo Projeto Educativo Comum (PEC), documento da Rede Jesuíta de Educação que estruturou o processo de renovação curricular no Colégio São Luís. No documento, essa preocupação é evidenciada:

As tecnologias digitais vêm alterando a vida nas sociedades contemporâneas. Novas tecnologias da informação e da comunicação têm estreitado as distâncias, possibilitando a cocriação, apropriação e disseminação de conhecimentos. Junto com as demais organizações, a educação está imersa num entorno tecnocomunicativo (PEC, parágrafo 26, 2021, p.29).

Com os diagnósticos presentes nos documentos mencionados, o processo de construção da renovação curricular do Colégio São Luís partiu do princípio de que o novo projeto deveria contemplar um currículo em movimento, capaz de considerar a participação ativa dos estudantes e manter os olhos atentos às transformações do mundo. Como núcleo estratégico para a concretização de um currículo em movimento, a nova proposta reconheceu a pesquisa como energia motriz da aprendizagem e a escuta de estudantes e suas famílias como parte integrante do processo de definição dos temas a serem trabalhados. Essas estratégias serão melhor trabalhadas mais a frente, mas antes serão apresentados os diagnósticos realizados no Colégio como ponto de partida para a renovação.

Estratégias de renovação curricular

125

Realizado o diagnóstico em 2016, foram estabelecidas diferentes estratégias para a renovação curricular do Colégio São Luís. O PEC foi lido e discutido com o corpo docente, orientadores educacionais e coordenadores pedagógicos e, em 2017, com auxílio de uma consultoria externa, o Projeto CSL2020, com todas as ações previstas foi iniciado. Dentre as ações planejadas, havia a decisão pela mudança e a construção de uma nova sede, criando a oportunidade de se edificar os espaços a partir das diretrizes curriculares. O projeto da nova sede deveria ser construído, portanto, em sinergia com o desenvolvimento da nova matriz curricular⁹. Alguns Grupos de Trabalho (GT) foram constituídos para desenhar o projeto educativo e o modelo de gestão, organizados em cinco dimensões: projeto educativo; modelo de gestão; infraestrutura; comunicação e marketing; e entrega de resultados. Formados por equipes multidisciplinares, os GT passaram a pesquisar e a propor alternativas para diferentes aspectos necessários à renovação do Colégio, tais como aperfeiçoar a governança; estruturar o recrutamento e seleção de colaboradores;

⁹ A construção da nova sede do colégio foi realizada de acordo com os objetivos de aprendizagem construídos pela equipe de educadores, mas não foi objeto de análise neste artigo.

conceber um plano de carreira; idealizar a abordagem internacional; adequar e promover as atividades extracurriculares; modernizar práticas pedagógicas com foco em inovação; construir um programa de formação docente; e redesenhar a matriz curricular. Esses últimos diretamente ligados à construção da nova proposta pedagógica¹⁰.

Desenho da grade curricular de transição

O trabalho do GT de Matriz Curricular foi organizado a partir de benchmarks realizados com escolas de grande porte, dentro e fora do país. Partiu-se do diagnóstico de que a antiga matriz estava defasada, com pouca capacidade de atender às necessidades formativas para o século XXI. Havia falta de continuidade entre os diferentes segmentos em função da inexistência de verticalização das áreas de conhecimento; e uma caracterização excessivamente conteudista. Inicialmente foram definidos os objetivos estruturantes da nova matriz, a serem perseguidos durante os trabalhos. A nova matriz curricular deveria: 1) propiciar ao estudantes uma formação humanista e integral para que pudessem atuar no mundo como pessoas criativas, competentes, conscientes e comprometidas na compaixão; 2) deslocar o foco do ensino para a aprendizagem, permitindo ao currículo transcender os muros da escola, desenvolvendo valores e atitudes a partir dos saberes; 3) fortalecer a autonomia dos alunos e alunas para serem capazes de enfrentar problemas de forma crítica, criativa e propositiva; 4) desenvolver a aprendizagem de forma interdisciplinar para possibilitar ao estudante uma visão global do conhecimento, reconhecendo as relações de interdependência entre os saberes; 5) proporcionar tempos e espaços diferenciados para que novas metodologias pudessem ser desenvolvidas.

O GT entendeu que uma estratégia de verticalização e de aproximação da nova matriz com a BNCC seria a construção de um ensino com a finalidade de desenvolver competências. O ensino dos conteúdos deveria ser parte do processo de aprimoramento de sete competências que foram estabelecidas e que deveriam permear todo o programa curricular do colégio: 1) a competência comunicativa; 2) a lógico-analítica; 3) a intrapessoal; 4) a político-social; 5) a colaborativa; 6) cultura digital; e 7) repertório cultural¹¹.

¹⁰ Para a objetividade desse artigo, selecionamos algumas das iniciativas para análise.

¹¹ Para um maior detalhamento dessas competências, cf.: https://www.saoluis.org/curriculo/#15561366_94658-624a3289-f1b6.

Com a definição das competências, o trabalho passou a ser realizado em duas frentes: pensar a reorganização dos conteúdos e objetivos de aprendizagens dos componentes e o desenvolvimento de estratégias de renovação curricular a partir de métodos e novos componentes curriculares.

Durante os trabalhos do GT, a Nova Lei do Ensino Médio foi estudada, de tal forma que a grade curricular construída para entrar em vigor em 2020 já dialogaria com as diretrizes presentes na Lei. A ideia era que em 2020 e em 2021 houvesse uma grade curricular intermediária, capaz de preparar os estudantes para o currículo de 2022, quando todas as exigências do Novo Ensino Médio seriam cumpridas. As inovações propostas na grade foram apresentadas em novembro de 2018. A grade curricular de 2020 já colocaria em prática as quatro principais inovações: 1) Laboratório de Resolução de Problemas; 2) Trabalho de Conclusão de Curso; 3) Disciplinas Eletivas; e 4) Atividades Complementares.

Em 2019 um cuidadoso trabalho de revisão do planejamento foi feito junto ao corpo docente e foi possível reorganizar os conteúdos e a quantidade de aulas por componente, permitindo incluir as novas disciplinas dentro da grade de transição de 2020. Com reuniões de área de conhecimento ocorrendo ao longo de todo o ano a cada 15 dias, os professores puderam visitar a BNCC e reorganizar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de cada componente curricular. Além desses objetivos, próprios de cada área de conhecimento, no planejamento são elencados os objetos de conhecimento, que são os temas e conteúdos trabalhados em cada unidade, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) trabalhados pela unidade curricular, as conexões com os outros componentes e as estratégias de avaliação.

O processo de planejamento realizado pelas áreas permitiu um espaço de diálogo importante com as coordenações de área e possibilitou aos docentes a incorporação dos pressupostos curriculares em suas práticas. Era preciso compreender como fazer um planejamento e preparar uma aula que priorizasse o desenvolvimento das competências e dos objetivos de aprendizagem e usasse os temas e conteúdos como meio para esse fim. Um outro aspecto fundamental desse processo, além do caráter formativo ao corpo docente, foi a possibilidade de organização de atividades interdisciplinares e estudos de campo integrados ao currículo.

A reorganização dos conteúdos e objetivos de aprendizagem foi uma estratégia fundamental para a renovação curricular. Além de qualificar os cursos com novos critérios de planejamento e abrir espaço para os novos componentes

disciplinares, esse reordenamento permitiu que o Ensino Médio fosse concentrado em dois anos e meio, abrindo espaço para que o último semestre do curso fosse dedicado à revisão para as provas. Em 2019 adotou-se apostilas para orientar e dar uniformidade à revisão realizada pelos professores no último semestre do curso, reconhecendo a importância da preparação para os exames vestibulares para a comunidade educativa. O currículo colocado em prática em 2022, seguindo as diretrizes da lei do Novo Ensino Médio, deixou a revisão para os vestibulares como uma opção aos estudantes. Alternativamente, de acordo com o projeto de vida de cada um, passou a existir a possibilidade de cursar o último semestre do curso como um Aprofundamento de Conhecimentos.

Principais Inovações Curriculares

Laboratório de Resolução de Problemas

A competência lógico-analítica deveria ser desenvolvida em todos os componentes curriculares, mas no Laboratório de Resolução de Problemas, presente no 9º ano do Ensino Fundamental II e na 1ª série do Ensino Médio, haveria um espaço privilegiado para desenvolvê-la e compreender a aplicação do conhecimento científico. Pensado para ser um componente interdisciplinar, os objetivos desse laboratório estariam em capacitar os estudantes a analisar um problema em sua profundidade, com seus desdobramentos, e apresentar alternativas de soluções eficientes e eficazes.

Trabalho de Conclusão de Curso

A investigação científica é a principal estratégia encontrada para a construção de um currículo em movimento, capaz de despertar e atender às curiosidades dos estudantes e deixar a aprendizagem dos conteúdos o mais significativa possível. A aposta na pesquisa está presente em diversas situações internas aos componentes, mas ganha destaque na Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) e no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizado na 2ª série do EM.

O componente Metodologia de Iniciação Científica é responsável por apresentar as regras de procedimento científico aos estudantes. Aprendem o que é a ABNT, o que é um problema de pesquisa e como estabelecer um método adequado para resolvê-lo. Esse componente também foi pensado para ser ministrado concomitantemente por docentes de diferentes áreas do conhecimento, de tal

forma que os estudantes possam encontrar tutores com formação mais próxima de sua área de interesse. A disciplina tem a função de estruturar o desenvolvimento do TCC, cujo resultado deve ser, necessariamente, um artigo científico, apresentado e avaliado durante a Mostra do Conhecimento, realizada ao final de cada ano. Os artigos ficam publicados no site do colégio¹².

Disciplinas Eletivas

As disciplinas eletivas também são uma estratégia para garantir um currículo atualizado e em movimento. Na proposta do Colégio São Luís, a definição das eletivas não parte do corpo docente, mas sim dos estudantes e suas famílias. A cada ano um formulário de consulta deve ser encaminhado à comunidade escolar perguntando pelos temas de interesse. A partir dessa coleta, os temas mais indicados são transformados em disciplinas e disponibilizados aos estudantes para matrícula.

O processo de seleção das disciplinas que serão disponibilizadas para matrícula não ocorre por votação simples. Considerando a votação realizada pelos estudantes e famílias, a coordenação pedagógica realiza um trabalho de triagem atentando-se para o histórico de disciplinas ofertadas, para que uma disciplina amplamente cursada não se repita no ano seguinte e para que todas as áreas de conhecimento sejam contempladas. Um outro aspecto importante a ser considerado é o potencial de desenvolvimento de competências de cada tema, estabelecendo um leque de opções aos alunos e alunas que garanta a ampliação do repertório cultural, o aprofundamento de questões político-sociais, desenvolva a competência comunicativa e a lógico-analítica.

As disciplinas eletivas são sempre ministradas por professores pesquisadores, que podem fazer parte do corpo docente do colégio ou não. A condição de pesquisador garante que as aulas ministradas abarquem o tema de forma atualizada. Quando um tema indicado não encontra um professor ou professora especialista dentro do colégio para ministrá-lo, firma-se uma parceria com instituições universitárias.

Essas disciplinas ocorrem nas três séries do Ensino Médio ao mesmo tempo, permitindo a formação de turmas multisseriadas e garantindo a escolha dos alunos e alunas de acordo com seus interesses pessoais.

¹² No site da Mostra do Conhecimento é possível encontrar os produtos finais do trabalho com projetos (ABP), os Trabalhos de Conclusão de Curso e outras produções. Cf.: <https://www.saoluis.org/feira-do-conhecimento/category/1-feira-do-conhecimento-2021/tcc-2021/>

Atividades Complementares

As Atividades Complementares são uma importante estratégia de atualização curricular. Cada estudante deve cumprir 300 horas de atividades complementares, 100 horas a cada série do Ensino Médio. Para serem convalidadas, as atividades escolhidas pelos estudantes devem ter conexão com o currículo e serem de pelo menos duas áreas diferentes. As atividades estão agrupadas nas seguintes áreas: 1) ensino; 2) pesquisa e publicação; 3) cultura e esporte; 4) representação estudantil; e 5) inserção e capacitação para voluntariado.

A cada ano o estudante deve escolher as atividades que quer realizar, que podem ser internas ou externas ao Colégio, e registrar em uma planilha, anexando o documento comprobatório. A equipe responsável verifica se o número de horas solicitada corresponde ao estipulado pelo regulamento e responde com a validação ou não das horas. Esse controle é realizado por meio de uma tabela compartilhada¹³. Cabe aos estudantes planejar e acompanhar a evolução de suas horas.

A inclusão das Atividades Complementares gerou um maior engajamento em projetos da própria escola. Projetos que já existiam e que não tinham participação passaram a ser frequentados pelos alunos. Outras atividades passaram a existir, tais como os clubes temáticos e as tutorias, que contribuem para o enriquecimento cultural e aperfeiçoam a aprendizagem dos alunos e alunas. Pelas Atividades Complementares, projetos pessoais como o desenvolvimento de protótipos, criação de objetos artísticos e propostas de intervenção social passaram a fazer parte do currículo. Cada estudante é motivado a desenvolver sua trajetória de complementação curricular, buscando realizar as atividades de acordo com seus interesses.

Dentre as atividades possíveis, destaca-se o Projeto Democracia e Participação¹⁴, que institui um sistema republicano de representação estudantil,

¹³ Desde o ano 2020, quando as Atividades Complementares foram colocadas em prática, o controle é facilitado pelo Microsoft Teams. Cada turma tem uma equipe, como um componente curricular qualquer, e a tabela de controle é incluída como uma tarefa que permanece ativa ao longo do ano letivo. Desde 2023 cada turma possui um professor responsável pela motivação dos estudantes e pelo controle da realização das atividades.

¹⁴ O Projeto Democracia e Participação é constituído pelo Conselho de Representantes, que inclui dois representantes de cada turma do colégio, do 6º ano do Fundamental II até a 3ª série do EM. O Conselho de Representantes equivale ao poder legislativo e deve discutir e aprovar projetos para a escola. O Grêmio Estudantil equivale ao poder executivo e deve colocar em prática os projetos aprovados pelo Conselho de Representantes.

e o NUTA (Núcleo Temático de Atuação), que é um grupo que se forma em torno de um problema identificado na escola, dedicam-se a pensar uma solução para o problema e a colocam em prática. Encaminhado o problema, o NUTA se desfaz. Por meio desse artifício criou-se um processo de responsabilização e criação de vínculo dos estudantes com o colégio.

Metodologias Ativas

Na escuta realizada com os alunos ficou evidente o esgotamento do modelo tradicional de aula e a necessidade de aprender por outros meios e em outros lugares. O Colégio iniciou, então, uma capacitação docente sobre Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) como ponto inicial para a renovação didática. A ideia era fazer com que o conhecimento fosse construído a partir da realidade. O currículo deveria integrar a experiência do estudante na aprendizagem, como estratégia para um currículo significativo e atualizado. Um outro aspecto era a necessidade de uma conexão daquilo que se aprende na escola com o que ocorre fora dela, mantendo um diálogo permanente com a cidade, num nível local, e com o mundo, no que diz respeito aos movimentos ocorridos na sociedade, o avanço da tecnologia e os diferentes processos de globalização. A escola precisava ser pensada como parte de um tecido que compõe a formação dos jovens e crianças. A formação integral deveria ser aquela capaz de tecer uma rede de significações que envolve a família, a sociedade e o microcosmos da escola.

Na medida em que o corpo docente compreendeu a necessidade de atualização de suas práticas pedagógicas para a realização da ABP, foram realizadas capacitações para o uso de diferentes tecnologias educacionais. O grupo de trabalho Práticas Pedagógicas Inovadoras e suas Tecnologias selecionou diferentes tecnologias educacionais capazes de auxiliar e incrementar as aulas dos professores e diversas experiências foram colocadas em prática.

Ao longo dos anos 2018 e 2019 algumas dessas tecnologias foram se tornando orgânicas, especialmente pela necessidade apresentada pelo desenvolvimento do trabalho com projetos. Em 2020 a pandemia da Covid19 acelerou o processo de adoção de novas estratégias metodológicas para viabilizar o ensino durante o período de quarentena. Terminado esse percurso, o uso de metodologias ativas, tais como ensino híbrido, rotação por estações, gamificação,

aprendizagem entre times (TBL), sala de aula invertida e o trabalho com projetos (ABP) já fazia parte do cotidiano dos estudantes e professores.

Aprendizagem Baseada em Projetos

Na escuta realizada com os estudantes ficou evidente a necessidade de uma nova concepção para o papel dos professores, que deveriam atuar essencialmente como mediadores na produção de conhecimento; deveria haver a adoção de novas metodologias para uma aprendizagem significativa; aulas mais dinâmicas e interessantes, com uso de tecnologia e capazes de relacionar os conteúdos ensinados com a prática cotidiana. Todos esses pontos apontavam para a adoção da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP).

A ABP pode ser definida pela utilização de projetos autênticos e realistas, baseados em uma questão, tarefa ou problema altamente motivador e envolvente, para ensinar conteúdos acadêmicos aos alunos no contexto do trabalho cooperativo para a resolução de problemas (Bender, 2014, p. 15)

A BNCC corrobora a necessidade da incorporação de temas transversais ao currículo, como meio de se garantir a aprendizagem significativa em sala de aula. Segundo a legislação,

cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (Brasil, 2018, p.19).

Diante disso, a adoção da ABP foi uma estratégia eficiente, não apenas para a revitalização metodológica do corpo docente, mas também como oportunidade de se garantir a discussão dos temas presentes na Agenda 2030 da UNESCO¹⁵. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável passaram a ser o ponto de partida para os projetos a serem realizados pelos estudantes, de modo a garantir que os temas contemporâneos estivessem presentes no desenvolvimento de competências curriculares¹⁶.

¹⁵ Cf.: <https://sdgs.un.org/2030agenda>.

¹⁶ Desde 2021 definiu-se um tema fixo para a inspiração do trabalho com projetos para o Ensino Médio: “Cidades do futuro: produção, consumo, igualdade social e econômica”. A adoção do tema tem a ver com as conexões significativas com os objetivos de aprendizagens da série, com os ODS e com a possibilidade de desenvolvimento de diferentes estudos de campo.

A capacitação do corpo docente sobre a ABP foi iniciada em 2017 e já em 2018 as primeiras experiências foram colocadas em prática junto aos estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A capacitação realizada em 2018 com o corpo docente identificou uma significativa resistência na desconstrução das práticas tradicionais de ensino. Havia uma preocupação de que a ABP não fosse suficiente para garantir a aprendizagem. Os docentes passaram a destinar parte das aulas para o desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares, mas sem desistir de ministrar todos os conteúdos através de aulas expositivas. Nesse primeiro momento, ocorreu um estrangulamento do planejamento e a construção de projetos que reforçavam os conteúdos dos componentes, mas que não ocupavam o protagonismo na aprendizagem. As reuniões pedagógicas desse ano foram praticamente todas destinadas à essa capacitação e optou-se pela formação dos docentes ao longo do processo de implantação.

Ao final de 2019 a nova proposta curricular do Colégio São Luís estava pronta e, pelo novo sistema de avaliação que entraria em vigor em 2020, os projetos deveriam ocupar 25% da avaliação de cada componente. O percurso de capacitação e desenvolvimento dos projetos em 2018 e 2019 permitiu a expertise dos professores e professoras, tanto na organização e orientação na realização dos projetos, quanto na compreensão das aprendizagens. A “Feira de Projetos”¹⁷, realizada ao final do ano, quando os produtos finais das pesquisas foram expostos e avaliados pelo grupo de professores, revelou que os estudantes envolvidos de fato obtiveram aprendizagens significativas e foram capazes de identificar os conteúdos dos componentes curriculares envolvidos em cada trabalho realizado.

Passados cinco anos de implantação da ABP no Colégio São Luís, é nítida a maturidade dos estudantes e corpo docente na realização dos trabalhos. A ABP foi uma importante estratégia para a renovação dos métodos de ensino e para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa. A estratégia também foi fundamental para a garantia de um currículo em movimento, uma vez que os problemas de pesquisa são definidos pelos estudantes a partir de contextos.

¹⁷ A “feira de projetos” em 2020 passou a ser chamada “Feira do Conhecimento” e em 2022 “Mostra do Conhecimento”. Desde 2020 ela também ocorre no formato virtual. Cf.: <https://www.saoluis.org/feira-do-conhecimento>.

A abordagem da ABP encoraja os alunos a participarem do planejamento de projetos, pesquisa, investigação e aplicação de conhecimentos novos para que cheguem a uma solução para seu problema. Nesse sentido, a ABP assemelha-se aos problemas enfrentados na vida, pois muitas vezes não há uma estrutura organizada aparente que permita que se chegue a uma solução, e essa estrutura deve ser criada e imposta pelos próprios alunos na ABP. Esse tipo de aprendizagem força os alunos, ao trabalharem em equipes cooperativas, a criarem significado a partir do caos da superabundância de informações, a fim de articularem e apresentarem uma solução para o problema de forma eficaz (Bender, 2014, p. 25).

A experiência dos estudantes passou a ser incluída no desenvolvimento do processo de aprendizagem, permitindo aos alunos e alunas a compreensão de conteúdos de uma maneira diferente da possibilitada pelas aulas expositivas. As aulas tradicionais, por sua vez, acabaram por contaminar-se com a ABP. Não apenas pelas conexões evidentes que começaram a ser feitas em sala de aula com as experiências realizadas pelos estudantes, mas como opção metodológica de cada docente no desenvolvimento de um tema específico de sua disciplina.

O Novo Ensino Médio do Colégio São Luís

Em 2022 a Lei do Novo Ensino Médio (13.415/2017) foi implantada em todas as escolas do país. Desde o início do processo de reestruturação curricular do CSL as diretrizes da lei foram consideradas, de tal forma que o Grupo de Trabalho responsável pela elaboração da nova matriz curricular pensou o currículo de transição sabendo que em 2022 haveria uma nova mudança. As inovações praticadas como estratégia para estabelecer um currículo em movimento foram fundamentais para que a implantação do Novo Ensino Médio não fosse traumática e tivesse sucesso.

Durante o ano de 2021, em meio aos desafios deixados pela pandemia da Covid19, a equipe do Colégio São Luís dedicou-se a elaborar uma proposta para atender às diretrizes da lei. Resumidamente, a lei impunha um limite de 1800 horas para o desenvolvimento da formação geral básica e estabelecia um mínimo de 1200 horas para o desenvolvimento dos itinerários formativos. Como o Projeto CSL2020 transformou o colégio em uma escola de tempo integral, a carga horária total do Ensino Médio passou a ser de 4050 horas, mais as atividades

complementares. Então a obrigatoriedade para as 1200 horas destinadas aos itinerários formativos não faria diferença alguma para o colégio; o grande desafio estava na limitação da formação geral básica em 1800 horas.

A equipe adotou como estratégia de trabalho limitar o debate sobre a estrutura curricular ao grupo de coordenadores de área, liderados pelo coordenador pedagógico. Uma vez definidas as quantidades de horas para cada parte do currículo, passou-se à definição dos componentes curriculares e os conteúdos e objetivos de aprendizagem de cada componente. Essa segunda parte foi realizada em colaboração com o corpo docente. O envolvimento do corpo docente na construção das ementas dos componentes curriculares foi uma estratégia fundamental para garantir a organicidade do projeto. Os docentes debateram nas reuniões de área de conhecimento quais deveriam ser os conteúdos destinados à formação geral básica e quais eram os componentes pertencentes aos itinerários formativos que mais faziam sentido. Os docentes também ficaram à frente do planejamento desses componentes, exercendo papel ativo na seleção de conteúdos e definições de objetivos, bem como na construção dos processos avaliativos e na seleção das metodologias adotadas. Como diretriz, os componentes pertencentes aos itinerários formativos deveriam adotar preponderantemente metodologias ativas para o seu desenvolvimento.

O ponto de partida para a organização do novo currículo foi a manutenção das principais inovações construídas para o período de transição, os anos de 2020 e 2021. Assim, mantiveram-se o Laboratório de Resolução de Problemas; a disciplina de Metodologia de Iniciação Científica e o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso; as disciplinas Eletivas Livres, organizadas a partir da consulta à comunidade educativa; e as Atividades Complementares. A manutenção dessas estratégias foi uma garantia de que o novo currículo não seria sentido pelos estudantes de forma abrupta, uma vez que essas iniciativas já estavam integradas ao cotidiano escolar; ao mesmo tempo, a presença dessas estratégias garantia a constante movimentação do currículo, permitindo incluir novos contextos às práticas educacionais.

O bloco de componentes pertencentes à formação geral básica incluía Língua Portuguesa e Matemática nas três séries e distribuiu a carga horária restante nos demais componentes curriculares¹⁸ nas 1ª e 2ª séries. Isso abria um

¹⁸ Além de Língua Portuguesa e Matemática, também compunham a Formação Geral Básica os seguintes componentes curriculares: Literatura, Arte, Educação Física, Produção de Textos, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Física, Química e Biologia.

espaço significativo para o desenvolvimento dos itinerários na 3ª série. No bloco de aprofundamento de área de conhecimento foram incluídas as disciplinas de *Studies in Language and Culture*, os componentes de capacitação à pesquisa¹⁹, cursados por todos os estudantes, e os componentes correspondentes aos dois itinerários formativos, que correspondem às escolhas feitas pelos alunos. O colégio organizou dois itinerários: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias²⁰ e Ciências Humanas, Linguagens e suas Tecnologias²¹. Com a concentração de disciplinas da formação geral básica nas 1ª e 2ª séries, apenas alguns poucos componentes dos itinerários formativos são ofertados nessas séries. Na 1ª série são apenas 3 aulas e na 2ª série são 4 aulas de cada itinerário. Com isso, na 3ª série são ofertadas 27 aulas de cada itinerário. Essa divisão assimétrica parte do princípio que os estudantes amadurecem ao longo do Ensino Médio e podem usufruir melhor os componentes diversificados no último ano de formação, já com a formação geral consolidada.

No bloco de eletivas os estudantes têm duas aulas de eletivas livres em cada semestre das 1ª e 2ª séries, totalizando 4 disciplinas por ano. Na 3ª série, escolhem 1 disciplina livre em cada semestre, totalizando 2 eletivas no ano. Ao todo, os estudantes, independentemente do itinerário escolhido, cursam 10 disciplinas eletivas livres ao longo do Ensino Médio, permitindo uma maior diversidade na formação de acordo com seus interesses. Além das eletivas livres, os estudantes podem optar, no último semestre da 3ª série, pelo bloco de Preparação ao Mundo Universitário, composto por 35 aulas destinadas à revisão de conteúdos para os exames vestibulares, ou o bloco de Aprofundamento de Conhecimentos, com a mesma quantidade de aulas. Com isso o Colégio manteve a revisão para as provas aos moldes do que havia sido estabelecido em 2019, atendendo às expectativas das famílias e estudantes, mas abriu a possibilidade de um aprofundamento

¹⁹ Os componentes dedicados ao desenvolvimento da pesquisa são: Estudos e Pesquisa Supervisionados, Laboratório de Resolução de Problemas e Metodologia de Iniciação Científica.

²⁰ Os componentes que compõem esse itinerário são: Matemática no Pensamento Computacional; Matemática Experimental; Educação Financeira; Probabilidade e Estatística; Ciências e Investigação; Ciência e Tecnologia; Recursos Naturais e Energia; Ciência e Comunicação; Geometria Analítica; Matemática Aplicada; Introdução ao Cálculo Diferencial.

²¹ Os componentes que compõem esse itinerário são: Oficina de Produção de Texto; Espaço, Tempo e Cultura; Oficina de Argumentação; Identidades, Diversidades e Intolerâncias; Fórum de Debates; Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa; Produção de Texto; Multiletramentos; Literatura Universal; Arte e Cultura; Democracia e Autoritarismo; Questões Ambientais e Direitos Humanos; Artes, Política e Sociedade; Mundo Digital e Cidadania; Viver na Cidade: Dilemas Urbanos; Diversidade Étnico-Racial e Gênero; Conflitos Históricos e Geopolíticos.

realizado com pesquisas e metodologias ativas, destinado aos estudantes que não se interessam pelos exames nacionais tradicionais e que objetivam faculdades específicas e a aplicação para universidades estrangeiras.

Por fim, o Projeto de Vida, cujo embrião foi instituído em 2017, com o Novo Ensino Médio passou a ser um bloco com 5 componentes curriculares, totalizando 720 horas. O Projeto de Vida passou a ser uma área de conhecimento, com uma coordenação própria, articulando as disciplinas de Ensino Religioso, característica de um colégio confessional; as aulas de mentoria, que tiveram a carga horária dobrada, momento em que as assembleias de classe são realizadas e temas socioemocionais são desenvolvidos; Práticas, Corpo e Mente, componente atrelado à área de Educação Física que desenvolve a prática de Yoga e outras técnicas de concentração e consciência corporal nos estudantes; Teatro, Comunicação e Expressão, responsável por potencializar competências como a criatividade, a capacidade de trabalho em grupo, o repertório cultural, o autoconhecimento e a habilidade de expressar-se; e as Atividades Complementares, organizadas pelos próprios estudantes, que permitem uma melhor personalização curricular aos alunos e alunas, de acordo com seus propósitos.

Considerações Finais – o CSL hoje, o que se pode aprender com esse estudo de caso?

O caso de renovação curricular do Colégio São Luís ocorre em um momento de esgotamento das práticas tradicionais de ensino. O desenvolvimento tecnológico, cada vez mais acelerado, tem impactado todos os aspectos da vida social, cultural, política e econômica. Esse ritmo de aceleração é inédito e tem transformado as relações de produção e consumo, assim como as interações sociais, os processos de aquisição de informação e, conseqüentemente, a cultura tem sofrido mudanças significativas. Segundo Harmut Rosa “o processo de aceleração tecnológica não ocorre de modo linear uniforme, mas sim em saltos, de modo que ele sempre encontra obstáculos, resistência e contramovimentos que podem retardá-lo, interrompê-lo e, por vezes, até inverter seu sentido” (Rosa, 2019, p. 83). O advento da internet certamente é um desses saltos que impactou o desenvolvimento de todos os aspectos da vida e impôs um novo ritmo de compressão espaço-temporal, que transfigurou a forma como vemos o mundo. Esse fato é fundamental para

se pensar a educação de cidadãos que ingressarão em um mercado de trabalho caracterizado pela incerteza. O processo de renovação curricular proposto pela legislação brasileira e, ato contínuo, pela Rede Jesuíta de Educação, é uma resposta à urgência de se adequar os processos de ensino e aprendizagem a esse novo contexto. Seguindo o raciocínio de Rosa, haveria um conjunto de contramovimentos às transformações que, no caso da educação, poderia ser representado pelas resistências às novas estratégias curriculares apresentadas por professores e gestores escolares e, principalmente, pelas famílias.

A despeito das resistências encontradas, o Colégio São Luís deu início a um processo completo de renovação em 2016, que culminou com a construção de uma nova matriz curricular, a mudança de sede da Avenida Paulista para a região do parque do Ibirapuera, e com a implantação do Novo Ensino Médio, em atenção à Lei 13.415/2017. Essa investigação teve por objetivo analisar o processo de elaboração da nova proposta curricular, identificando as estratégias adotadas e de que forma contribuíram para a construção de um *currículo em movimento*, como única maneira de se manter um projeto educativo atualizado e responsivo à uma época de intensas transformações.

A pesquisa adotou o relato de experiência como método, reconhecendo que um estudo de caso pode ser inspirador e apresentar questionamentos estruturais para a qualificação da educação. Foi preciso recuperar os antecedentes que impulsionaram o processo de renovação curricular. Não apenas a legislação e os documentos que nortearam o trabalho, ou o contexto social com todas as transformações referentes ao estágio de desenvolvimento tecnológico pelo qual passamos, mas também o diagnóstico realizado no colégio em 2016. Tanto elementos externos quanto internos constituíram o ponto de partida para a construção do novo projeto. Da mesma maneira, a avaliação do contexto permitiu o estabelecimento das metas a serem cumpridas. Havia uma clara necessidade de atualização para que o colégio centenário permanecesse capaz de responder às necessidades de uma formação integral e integradora. Ao longo do artigo foram indicados os atores envolvidos e as estratégias produzidas para tornar possível a renovação completa de uma escola tradicional de grande porte. Todo o projeto foi ancorado com a pedagogia de inspiração inaciana, em diálogo com a legislação brasileira e as diretrizes do Projeto Educativo Comum.

Passados quase sete anos do início do projeto, incluindo o período da pandemia da Covid19, o novo currículo já foi revisto e ajustado. As estratégias

de movimentação do currículo se mostraram eficazes: a cada ano são renovadas as disciplinas eletivas, os projetos artísticos, os Trabalhos de Conclusão de Curso, os temas e o formato dos projetos realizados com os estudantes, os estudos de campo e as experiências de fraternidade, os clubes de debates, as formações complementares, e todos os aspectos que envolvem o Projeto de Vida. O processo de atualização também passa pelo envolvimento do corpo docente e das coordenações de área, que cuidam para que a verticalização do currículo seja consistente e as mudanças propostas a cada atividade sejam coerentes. São muitos os elementos que se transformam a cada semestre, garantindo a continuidade e a vivacidade do currículo.

O caso analisado por esse artigo deve ser visto como uma oportunidade de reflexão sobre a necessidade de renovação curricular e as estratégias que foram construídas. É certo que não se trata de uma fórmula e que nem todas as escolhas realizadas para a transformação curricular do Colégio São Luís podem ser aplicadas em outros contextos e instituições escolares. Mas também é certo que, ao se colocar lado a lado os problemas encontrados e as respostas apresentadas, são possíveis compreender tendências e estruturas. Para uma época cuja aceleração tecnológica tem imposto tantas transformações, dentro e fora da escola, que têm resultado em novas perspectivas de mundo, gerado novas interações simbólicas, novos debates e disputas discursivas, é fundamental que sejam estabelecidas estratégias de renovação que estejam de acordo com a preservação de valores humanitários. Nesse sentido, é fundamental que se desenvolva o espírito crítico dos alunos e alunas.

A renovação curricular deve ter em mente a educação como oportunidade. Especialmente em uma escola com valores humanistas, o currículo deve levar em conta a importância de se educar produzindo consciência, olhando para o mundo com o intuito de transformá-lo. A pesquisa é uma estratégia eficiente de aprendizagem, mas se não estiver vinculada a valores humanistas seria inócua para o cuidado com o mundo. A transformação do mundo por meio da educação deve ocorrer com direcionamento. Nesse sentido, o processo de renovação curricular do Colégio São Luís não perdeu de vista os documentos da RJE, que reforça a bússola dos valores humanistas e a importância de se formar “homens e mulheres para os outros” (Características da Educação da Companhia de Jesus, 2009, p. 15).

Para garantir a renovação e a atualização, o colégio aposta no espírito de pesquisa e na construção da autonomia dos estudantes. Esses elementos podem servir de pistas para outros processos de renovação, em outras instituições

de ensino. Um currículo em movimento parece ser a única resposta possível para um projeto educativo capaz de manter-se atualizado em um mundo cujas transformações são tão rápidas.

Por fim, é possível afirmar que as estratégias de renovação adotadas pelo Colégio São Luís incluem a aposta no currículo oculto (Apple, 1982), que envolve as relações entre os estudantes, as relações entre o corpo docente e discente, os processos cooperativos entre os educadores e a forma como todas essas interações são impactadas pelo espaço escolar e o contexto social e político. Os conteúdos curriculares são desenvolvidos com o reconhecimento desse processo. Assim, as atividades interdisciplinares, construídas sob o pretexto de trabalhar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), se mostraram como ricas oportunidades para se construir uma aprendizagem significativa junto aos estudantes, olhando não apenas para os conteúdos, mas principalmente para as competências.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p.8).

As atividades propostas pela comunidade educativa são espaços de desenvolvimento das competências que estruturam o currículo, construídas a partir da BNCC e que reforçam os valores preconizados pela educação inacioniana.

Apple (1982) reconhece a influência do contexto sócio-histórico na construção do currículo, o que aponta para a importância de se incluir o movimento como parte integrante do processo de aprendizagem. Ao adotar a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), a realização de pesquisas no Trabalho de Conclusão de Curso, as investigações no Laboratório de Resolução de Problemas, a aprendizagem acadêmica do componente Metodologia de Iniciação Científica, a inclusão das Atividades Complementares a partir do Projeto de Vida dos estudantes, o colégio adotou uma postura ativa na proposição de um currículo em movimento. Não se trata de mudar o curso da aprendizagem como reação às transformações sociais sofridas, mas de incluir a investigação das transformações de forma ativa como forma de antecipar-se. Esse processo constante de inovação requer um corpo docente engajado e atualizado, motivado a auxiliar o desenvolvimento autônomo dos alunos e alunas. O resultado almejado é uma educação capaz de mesclar os conteúdos e objetivos de aprendizagens presentes na

BNCC com a parte diversificada do currículo. Nesse processo, o educador ocupa um papel fundamental. Ele é responsável por garantir o rigor da aprendizagem e acionar a curiosidade e a criticidade dos estudantes, permitindo a produção de conhecimentos de forma alicerçada aos princípios e valores do colégio²².

As estratégias de renovação construídas pelo colégio também puderam posicionar os estudantes como protagonistas de seu aprendizado, não apenas pela inclusão de seus interesses no empreendimento de projetos de pesquisa, mas também pelos diferentes espaços de escuta, tais como as assembleias de classe, as reuniões sistemáticas entre representantes de classe e a orientação educacional e a coordenação pedagógica, as assembleias do Conselho de Representantes e as reuniões periódicas do Grêmio com a direção geral do colégio. Nesses espaços de escuta e participação, as rotas são corrigidas e surgem novas ideias de renovação que, ao serem colocadas em prática, fortalecem o sentimento de pertença dos estudantes.

Um currículo deve movimentar-se com o engajamento dos estudantes e da comunidade educativa. Conforme prescrito na BNCC (Brasil, 2018, p.13), os aprendizados devem ser indicados aos estudantes, tanto por meio do conhecimento dos conteúdos, como pela mobilização dos saberes, habilidades e valores capazes de permitirem aos alunos e alunas serem agentes ativos de seu aprendizado. A renovação curricular do Colégio São Luís pode servir de inspiração para educadores e instituições de ensino que queiram construir um currículo capaz de aprendizagens significativas, que não percam de vista o tempo e o espaço em que estamos e que mantenham no horizonte a transformação do mundo em um lugar mais justo, com pessoas mais comprometidas e compassivas.

²² O PEC indica os princípios e valores da RJE: 1) Amor e serviço; 2) Justiça socioambiental; 3) Discernimento; 4) Cuidado com a pessoa; 5) Formação integral; 6) Colaboração e sustentabilidade e; 7) Criatividade e inovação. Cf: PEC, 2021, p. 14-15.

Referências Bibliográficas

- APPLE, Michael. Ideologia e Currículo. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BENDER, W. N. Aprendizagem baseada em Projetos: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CHRISTAKIS D. A. Et al. How early media exposure may affect cognitive function: A review of results from observations in humans and experiments in mice. In: Proc Natl Acad Sci USA. 2018; 115, 9851-8. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1711548115>. Acessado em: 25/10/23.
- FORTUNATO, Ivan. O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In:
- FORTUNATO, I.; NETO, A. S. Método(s) de pesquisa em educação. São Paulo: Edições Hipótese, 2018.
- HANSON, Katherine. The influence of early media exposure on children's development and learning. Doctoral Dissertations. 1011. 2017. Disponível em: https://scholarworks.umass.edu/dissertations_2/1011. Acesso em 25/10/23.
- KHOUJA, J. N. et al. Is screen time associated with anxiety or depression in young people? Results from a UK birth cohort. In: BMC public health, 19(1), 82, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-018-6321-9>. Acesso em 25/10/23.
- KLEIN, Luiz Fernando. Educação jesuíta e pedagogia inaciana. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- ROSA, Harmut. Aceleração – A transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SARTORI, Giovanni. Homo videns: televisão e pós-pensamento. Bauru: EDUSC, 2001.

Documentos:

- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/13005.htm>. Acesso em: 23 out. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília,

MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 23 out. 2022.

Características da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 2009.

PEC – Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica: 2021-2025. São Paulo: Rede Jesuíta de Educação, Loyola, 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. NOGUERA, Carlos Ernesto. Conhecimento e Saber - alguns apontamentos. Texto elaborado como subsídio ao Programa Currículo em Movimento, coordenação da Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica do Ministério da Educação (DCOCEB/SEB/MEC). Março de 2009

www.pucsp.br/revistaurora

ISSN 1982-6672